

Thales de Lema e Luciane Aldado Martins

ANFÍBIOS DO RIO GRANDE DO SUL

CATÁLOGO, DIAGNOSES, DISTRIBUIÇÃO,
ICONOGRAFIA



ANFÍBIOS DO RIO GRANDE DO SUL

CATÁLOGO, DIAGNOSES, DISTRIBUIÇÃO,
ICONOGRAFIA



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

Chanceler

Dom Dadeus Grings

Reitor

Joaquim Clotet

Vice-Reitor

Evilázio Teixeira

Conselho Editorial

Ana Maria Lisboa de Mello

Elaine Turk Faria

Érico João Hammes

Gilberto Keller de Andrade

Helenita Rosa Franco

Jane Rita Caetano da Silveira

Jerônimo Carlos Santos Braga

Jorge Campos da Costa

Jorge Luis Nicolas Audy – **Presidente**

José Antônio Poli de Figueiredo

Jurandir Malerba

Lauro Kopper Filho

Luciano Klöckner

Maria Lúcia Tiellet Nunes

Marília Costa Morosini

Marlise Araújo dos Santos

Renato Tetelbom Stein

René Ernaini Gertz

Ruth Maria Chittó Gauer

EDIPUCRS

Jerônimo Carlos Santos Braga – **Diretor**

Jorge Campos da Costa – **Editor-chefe**

Thales de Lema
Luciane Aldado Martins

ANFÍBIOS DO RIO GRANDE DO SUL

CATÁLOGO, DIAGNOSES, DISTRIBUIÇÃO,
ICONOGRAFIA



Porto Alegre
2011

© EDIPUCRS, 2011

Capa: Rodrigo Valls

Diagramação: Rodrigo Valls

Revisão Linguística: Patrícia Aragão



EDIPUCRS – Editora Universitária da PUCRS

Av. Ipiranga, 6681 – Prédio 33
Caixa Postal 1429 – CEP 90619-900
Porto Alegre – RS – Brasil
Fone/fax: (51) 3320 3711
e-mail: edipucrs@pucrs.br - www.pucrs.br/edipucrs

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L544a Lema, Thales de.

Anfíbios do Rio Grande do Sul : catálogo, diagnoses,
distribuição, iconografia [recurso eletrônico] / Thales de
Lema, Luciane Aldado Martins. – Dados eletrônicos. -
Porto Alegre : EDIPUCRS, 2011.

196 p.

ISBN 978-85-397-0064-6

Sistema requerido: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: <http://www.pucrs.br/orgaos/edipucrs>

1. Zoologia. 2. Anfíbios. 3. Fauna – Rio Grande do Sul.
I. Martins, Luciane Aldado. II. Título.

CDD 597.6098165

Ficha Catalográfica elaborada pelo Setor de Tratamento da Informação da BC-PUCRS.

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS. Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio ou processo, especialmente por sistemas gráficos, microfílicos, fotográficos, reprográficos, fonográficos, videográficos. Vedada a memorização e/ou a recuperação total ou parcial, bem como a inclusão de qualquer parte desta obra em qualquer sistema de processamento de dados. Essas proibições aplicam-se também às características gráficas da obra e à sua editoração. A violação dos direitos autorais é punível como crime (art. 184 e parágrafos, do Código Penal), com pena de prisão e multa, conjuntamente com busca e apreensão e indenizações diversas (arts. 101 a 110 da Lei 9.610, de 19.02.1998, Lei dos direitos Autorais)

SOBRE OS AUTORES

Thales de Lema – Professor Titular do Departamento de Biologia da Faculdade de Biociências, atuando no Programa de Pós-graduação em Zoologia, e Coordenador do Laboratório de Herpetologia do Museu de Ciências e Tecnologia, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (aposentado em 2008). Técnico Superior Pesquisador Nível 6 da Fundação Zoobotânica da Secretaria do Meio Ambiente do Estado do Rio Grande do Sul (Aposentado).

Bacharel em História Natural (UFRGS); licenciado em Biologia e Ciências (PUCRS). Estágio em Zoologia Médica na Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro. Estágios diversos em Herpetologia no Museu de Zoologia da USP e Instituto Butantan, São Paulo. Doutor em História Natural (PUCRS). Livre-Docente em Zoologia (PUCRS). Pós-doutor em Genética e Biologia Molecular (University of Toronto e Royal Ontário Museum, Toronto, Ontário, Canadá).

Cofundador, junto com o Professor PE. Balduino Rambo, S. J. e Professor Ludwig Buckup, do Museu Rio-Grandense de Ciências Naturais da Divisão de Cultura da Secretaria de Estado dos Negócios da Educação e Cultura do RGS (atual Museu de Ciências Naturais da Fundação Zoobotânica do RGS da Secretaria do Meio Ambiente).

Ex-Professor do Colégio Estadual Júlio de Castilhos, Porto Alegre. Ex-Professor Regente da Cadeira de História Natural do Colégio de Aplicação da UFRGS. Ex-Professor Assistente do Departamento de Zoologia do Instituto de Biociências da UFRGS. Ex-Professor da CADES do MEC. Ex-Membro da Comissão de Zoogeografia de Ofídios Peçonhentos do Ministério da Saúde. Ex-Membro da Comissão de Parques e Reservas do Governo do RS. Conselheiro de várias agências financiadoras de pesquisas e bolsas de estudos. Revisor de diversos periódicos científicos nacionais e estrangeiros. Autor de, cerca de 300, artigos e obras, científicos e de divulgação, desde 1957, e em plena atividade.
E-mail: thalesdelema@terra.com.br.

Luciane Aldado Martins – Licenciada em Ciências Biológica pela PUCRS, Mestre em Zoologia pela PUCRS com Dissertação: Comportamento Reprodutivo de *Scinax squalirostris* na Região Sul do Estado do Rio Grande do Sul. Autora do Livro Zoologia: Um Passeio pelo Delta do Jacuí, assim como de outros artigos. Licenciada em Educação Física pela UFPEL e Licenciada em Teologia pela Faculdade de Teologia de Macapá. Atualmente é professora de Biologia da Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre atuando no Ensino Médio. E-mail: lualdado@hotmail.com

Programa de Pós-Graduação em Zoologia (2º lugar pela CAPES):
Linhas de Pesquisa: (1) Sistemática e Biodiversidade, (2) Zoologia Evolutiva e Molecular e (3) Ecologia e Conservação.

Departamento de Biologia da Faculdade de Biociências

Laboratório de Herpetologia (Centro de Excelência Nacional – CNPq)
Museu de Ciências e Tecnologia

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL

DEDICATÓRIA

Dedicamos esta obra, ao mesmo tempo em que registramos nosso preito de saudade, ao colega e amigo Professor Dr. Marcos Di-Bernardo, falecido prematuramente, que nos ajudou a tornar o Laboratório de Herpetologia do Museu de Ciências e Tecnologia da PUCRS em um centro de excelência nacional, reconhecido pelo Conselho Nacional de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Brasil (CNPq).



Da esquerda para a direita, Thales, Ricardo (estagiário) e Marcos. Coleta noturna em Dom Pedro de Alcântara, Rio Grande do Sul.

COLABORAÇÃO

AK, Axel Kwet, Universität, Stuttgart. AO, Achaval & Olmos (2003). BJR, Baldissera Jr. et al. (2004). EAL, Escobar et al. (2004). FA, Federico Achaval, Facultad de Ciencias, Montevideo. LHC, Lize Helena Cappellari. MDB, Marcos Di-Bernardo, MCP (falecido). PCB, Pedro Canísio Braun, MCNRS (falecido). RL, Rodrigo Lingnau, Universidade Estadual de Mato Grosso, Rio Brilhante, MT. RLB, Rafael Lucchesi Balestrin, MCP.

NAT, <http://www.mec.glub.uy/natura/color.htm>.

Internet: http://calphotos.berkeley.edu/cgi/img_query?

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a todos colaboradores cujos nomes relacionamos, pela cessão de ilustrações, separatas, informações e sugestões. Especialmente a Alfredo Pedroso dos Santos Júnior, Axel Kwet, Felipe Schmidt Aguiar, Gláucia Maria Funk Pontes e Taran Grant.

SUMÁRIO

Parte I. Introdução	12
Parte II. Histórico	15
Parte III. Material e Métodos	18
Parte IV. Catálogo Sistemático	20
Classe Amphibia Linnaeus, 1758	20
1. Gymnophiona Muller, 1832	21
1.1. Caeciliidae Rafinesque, 1814	21
1.1. Caeciliinae Rafinequer, 1814	22
1.1.1. <i>Luetkenotyphlus Taylor, 1968</i>	22
1.1.2. <i>Siphonops Wagler, 1958</i>	23
1.2. Typhlonectinae Taylor, 1968	24
1.2.1. <i>Chthonerpeton Peters, 1880</i>	25
2. Anura Fischer von Waldheim, 1831	26
2.1. Brachycephalidae, Günther, 1858	28
2.1.1. <i>Eleutherodactylus Duméril et Bibron, 1841</i>	28
2.2. Hylidae Rafinesque, 1815	31
2.2.1. <i>Hylinae Rafinesque, 1815</i>	31
2.2.1.1. <i>Aplastodiscus Lutz, 1950</i>	32
2.2.1.2. <i>Bokermannohyla Faivovich et al., 2005</i>	34
2.2.1.3. <i>Dendropsophus Fitzinger, 1843</i>	35
2.2.1.4. <i>Hypsiboas Wagler, 1830</i>	40
2.2.1.5. <i>Lysapsus Cope, 1862</i>	57
2.2.1.6. <i>Pseudis Wagler, 1830</i>	59
2.2.1.7. <i>Scinax Wagler, 1830</i>	62
2.2.1.8. <i>Sphaenorhynchus Tschudi 1838</i>	79
2.2.1.9. <i>Trachycephalus Tschudi, 1838</i>	81
2.2.2. <i>Phyllomedusinae Günther, 1858</i>	84
2.2.2.1. <i>Phyllomedusa Wagler, 1830</i>	85
2.3. Centrolenidae Taylor, 1951	89
2.3.1.1. <i>Hyalinobatrachium Ruiz-Carranza et Lynch, 1991</i>	90
2.4. Leptodactylidae Werner, 1896	92
2.4.1. <i>Leptodactylus Fitzinger, 1826</i>	93
2.4.2. <i>Physalaemus Fitzinger, 1826</i>	114
2.4.3. <i>Pleurodema Tschudi, 1838</i>	130
2.4.4. <i>Pseudopaludicola Miranda-Ribeiro, 1926</i>	132

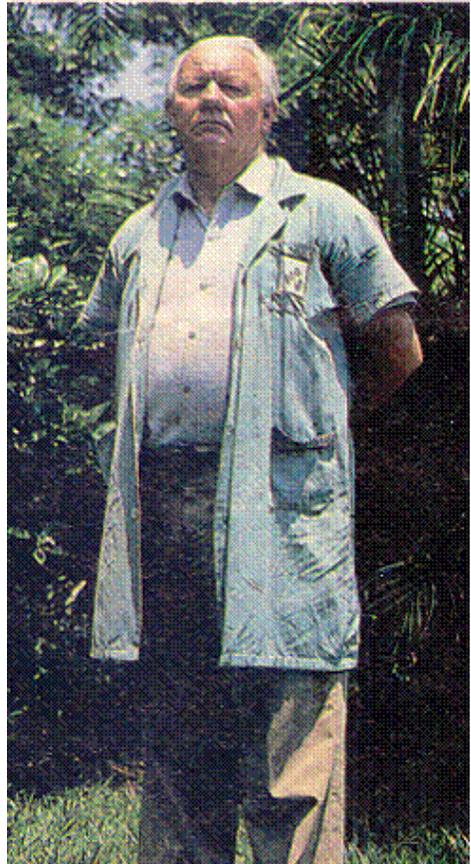
2.5. Ceratophrynidae, 1963	133
2.5.1. <i>Ceratophryinae</i> Tschudi, 1838	133
2.5.1.1. <i>Ceratophrys</i> Wied-Neuwied, 1824	133
2.6. Cycloramphidae Bonaparte, 1850	136
2.6.1. <i>Cycloramphinae</i> Bonaparte, 1850	137
2.6.1.1. <i>Cycloramphus</i> Tschudi, 1838	137
2.6.1.2. <i>Odontophrynus</i> Reinhardt et Lütken, 1862	138
2.6.1.4. <i>Proceratophrys</i> Miranda-Reibeiro, 1920	140
2.6.2. <i>Hylodinae</i> Günther, 1858	143
2.6.2.1. <i>Crossodactylus</i> Duméril et Bibron, 1841	143
2.6.2.2. <i>Hylodes</i> Fitzinger, 1826	144
2.7. Thoropidae Frost et al., 2006	145
2.7.1. <i>Thoropa</i> Cope, 1865	146
2.8. Bufonidae Gray, 1825	147
2.8.1. <i>Dendrophryniscus</i> Jiménez-de-la-Espada, 1871	148
2.8.2. <i>Melanophryniscus</i> Gallardo, 1961	149
2.8.3. <i>Rhinella</i> Fitzinger, 1826	161
2.9. Microhylidae Günther, 1858	175
2.9.1. <i>Elachistocleis</i> Parker, 1927	176
2.10. Ranidae Rafinesque, 1814	180
2.10.1. <i>Lithobates</i> Fitzinger, 1843	180
Parte V. Aspectos Zoogeográficos	183
Referências Bibliográficas	185
Índice Remissivo	193

Parte I - INTRODUÇÃO

A anfibiofauna ocorrente na região do Estado do Rio Grande do Sul, Brasil meridional, é composta por diferentes elencos herpetofaunísticos que se estendem até essa região. É, pois, uma anfibiofauna comum a outras regiões que, em termos de divisão política, estende-se do Brasil Sul, Paraguai oriental, Argentina Nordeste e Uruguai, sendo o Uruguai a continuação natural do Rio Grande do Sul, em termos de biogeografia (ver parte V).

A maioria das espécies ocorrentes no Rio Grande do Sul pertence à ordem Anura, poucas pertencem à Gymnophiona. A anfibiofauna dessa área ainda é pouco conhecida, com várias espécies duvidosas, outras por descrever, variações por estudar, talvez até nem sendo variações e, além disso, pode haver áreas pouco ou não amostradas. As ilustrações aqui apresentadas nem sempre são de exemplares dessa área, mas a ideia é mostrar espécimes referentes a todos os nomes citados na lista, pois houve dificuldade de obter figuras de exemplares do Estado.

A coleção do MCNRS foi iniciada pelo autor sênior, com a competente e dedicada assessoria de Werner C. A. Bokermann, já falecido, especialista em Anfibia do Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura de São Paulo, atual Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo (MZUSP). Werner não só orientou Lema na organização, como forneceu alguns exemplares e, ainda, propiciou estágio junto a ele. O Professor Pedro Canísio



Werner C. A. Bokermann.

Braun (1938-1992) assumiu a coleção anfibiológica do MCNRS, aumentando-a e publicando artigos sobre ela, juntamente com sua esposa, Cristina Assunção Sirângelo Braun. Durante esse período, Braun contou com a preciosa assessoria do colega Avelino Barrio (falecido), do Centro de Microbiologia Nacional da Argentina (Malbrán), que montou uma coleção aqui, deu exemplares, determinou e propiciou estágios em seu laboratório.

Motivados pela necessidade de atualização do catálogo de BRAUN & BRAUN (1980), planejou-se este trabalho baseado em grande parte na coleção organizada por nós e por Pedro Braun. Entretanto, o aumento crescente em escala geométrica de pesquisas e publicações em Amphibia neotropical superou sensivelmente a obra de Pedro Braun. Visamos elaborar não só um catálogo formal, mas divulgar dados e permitir a determinação de exemplares por parte de alunos e curadores, bem como de todos os interessados em ingressar nesse promissor campo de pesquisa biológica.



Pedro Canisio Braun.

Tendo em vista as constantes mudanças taxonômicas (e.g., FAIVOVICH et al., 2005; FROST, 2007) e a dificuldade da consulta de bibliografia por colegas e alunos de áreas menos favorecidas, especialmente curadores de coleções, inserimos chaves de determinação, para atingir um amplo público. Nomes consagrados de espécies, quando analisados à luz da tipologia, genética e com tratamento filogenético, sofreram modificações profundas e houve inúmeras descrições de novas espécies, partição das conhecidas, variação, etc. Exemplos: espécies sul-americanas do gênero *Bufo* foram locadas em *Chaunus* e, mais recentemente, no gênero *Rhinella*; espécies do gênero *Hyla* foram locadas em diversos outros, principalmente em *Hypsiboas*. Tais mo-

dificações chocam aqueles profissionais que não estão ligados à área da Taxonomia, que está recebendo apoio sólido da Genética molecular, aprimorando a análise das relações filogenéticas que, até poucos anos, trabalhavam com cladogramas baseados em caracteres morfológicos apenas.

PARTE II – HISTÓRICO

A primeira contribuição específica para a área foi a de Reinhold Hensel (HENSEL, 1867), do Museu de Berlim (ZMB), que veio ao Rio Grande do Sul e morou durante cerca de dois anos em Mundo Novo, Município de Taquara, encosta do planalto meridional. Coletou muitos animais, principalmente vertebrados ectotérmicos (peixes, anfíbios, répteis), descrevendo espécies novas, ficando os exemplares depositados naquele museu.

Quase vinte anos após essa publicação, surgiram diversas publicações também específicas sobre o Rio Grande do Sul, sendo algumas da autoria de Georges Albert Boulenger, do Museu de Londres (BMNH), que publicou catálogos de anfíbios colecionados nesse museu. BOULENGER (1885a, 1885b) listou as espécies do Estado, com base em exemplares enviados por Hermann Von Ihering, cientista alemão que morou em uma ilha a sudoeste da Laguna dos Patos e, posteriormente, fundou o Museu Paulista em São Paulo.

Outro autor que se ocupou da herpetofauna foi Edward Drinker Cope, da Academia de Ciências Naturais de Filadélfia (ANSP), descrevendo novas espécies e gêneros, concomitantemente a Boulenger (COPE, 1885), escrevendo sobre a herpetofauna do Estado, com base em exemplares colecionados pelo casal Smith, da ANSP, na encosta do planalto meridional (Montenegro).

Boulenger (1886) publicou uma sinopse da herpetofauna do Estado, reunindo dados publicados de Hensel e Cope e com base na grande coleção do *The Natural History Museum of London*.

Rodolpho Von Ihering, filho de Hermann Von Ihering, escreveu artigo sobre os anfíbios do Brasil (IHERING, 1911) com base, principalmente, em exemplares do então Museu Paulista, que foi desdobrado, posteriormente, em museu histórico e de ciências naturais, ficando as coleções zoológicas no então Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo. O Departamento de Zoologia foi transferido para a USP sendo o atual Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo (MZUSP). No material antigo visto por R. Ihering havia exemplares de procedência duvidosa e que foram isolados da nova coleção anfibiológica organizada no Departamento, por Werner C. A. Bokermann.

William Wright Milstead veio, através do Projeto de Cooperação dos EUA (Rockefeller Foundation e UFRGS), trabalhar no Instituto de Ciências Naturais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, nas áreas de ecologia e genética. Milstead, notável ecologista em Sáuria, veio para lecionar, assessorar o Projeto de Genética, formar elementos e, por iniciativa própria, fazer uma coleção herpetológica que, ao voltar a sua terra, distribuiu-a para várias instituições, tais como Departamento de Zoologia da UFRGS (DZURS), Museu Nacional do Rio de Janeiro (MNRJ) e Museu de Chicago (FMNH). Realizou expedição nos pampas sulinos, no Estado e na Argentina (Porto Alegre/Bahía Blanca). Os resultados herpetológicos foram relatados, sucintamente, como homenagem, por LEMA & BRAUN (1993).

Pedro Canísio Braun e Cristina Assunção Sirângelo Braun trabalharam juntos no Museu Rio-Grandense de Ciências Naturais (atual Museu de Ciências Naturais) de Porto Alegre, desenvolvendo a coleção de anfíbios iniciada pelo autor sênior com o auxílio de Werner C. A. Bokermann, de São Paulo, e Avelino Barrio, do Instituto de Microbiologia Gustav Malbrán, de Buenos Aires. Pedro e Cristina publicaram muitos artigos sobre os anfíbios do Estado, descrevendo novas espécies como *Proceratophrys cristinae* sp. n., *Melanophryniscus macrogranulosus* sp. n. (BRAUN, 1973), *Hyla leptolineata* sp. n. (BRAUN & BRAUN, 1977a), *Melanophryniscus cambaraensis* sp. n. (BRAUN & BRAUN, 1979b) e *Physalaemus lisei* sp. n. (BRAUN & BRAUN, 1977B). Registraram a ocorrência de várias espécies no Estado como *Pleurodema bibronii* (BRAUN, C., 1973), *Bufo paracnemis* (BRAUN & BRAUN, 1974b), *Hyla berthae* (BRAUN & BRAUN, 1975), *Crossodactylus díspar* (BRAUN & BRAUN, 1976b), *Hyla flavoguttata* (BRAUN, 1978), *Leptodactylus geminus* (BRAUN & BRAUN, 1979a), *Dendrophryniscus brevipollicatus* (BRAUN & BRAUN, 1979b), *Physalaemus nanus* (BRAUN et al., 1981), e *Hyla pinima* (BRAUN & BRAUN, 1981).

BRAUN & BRAUN (1974a) listaram as espécies de anfíbios ocorrentes nos Departamentos do Uruguai que fazem fronteira com o Brasil, como parte de um projeto sobre a fauna da fronteira desses dois países financiado pela Organização dos Estados Americanos (O.E.A.). BRAUN & BRAUN (1976a) listaram as espécies de anfíbios da região da Grande Porto Alegre, parteda Depressão Central e

da Encosta Inferior de Nordeste, como parte do projeto da Prefeitura Municipal de Porto Alegre. Cristina Braun (BRAUN, 1978) fez um levantamento das espécies de anuros venenosos do Estado. BRAUN & BRAUN (1980) listaram as espécies ocorrentes no Estado, com mapas das localidades onde foram encontradas as diferentes espécies. Finalmente, LEMA & BRAUN (1993) relataram as espécies coligidas de anfíbios e répteis no Estado e na Argentina por William Wright Milstead, quando da estadia desse professor norte-americano na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

PARTE III – METODOLOGIA

– Siglas dos Estados do Brasil: AC, Acre. AL, Alagoas. AM, Amazonas. AP, Amapá. BA, Bahia. CE, Ceará. ES, Espírito Santo. GO, Goiás. MG, Minas Gerais. MS, Mato Grosso do Sul. MT, Mato Grosso. PA, Pará. PE, Pernambuco. PI, Piauí. PR, Paraná. RJ, Rio de Janeiro. RN, Rio Grande do Norte. RO, Rondônia. RR, Rorâima. RS, Rio Grande do Sul. SC, Santa Catarina. SE, Sergipe. SP, São Paulo. TO, Tocantins.

As localidades citadas no Rio Grande do Sul (RS) correspondem a exemplares colecionados no MCNRS (BRAUN & BRAUN, 1980), principalmente, mas também por William Wright Milstead e Thales de Lema e, nesse caso, foram depositados em outras coleções como as de FMNH, MCP, MNRJ, MZUSP e DZURGS (LEMA & BRAUN, 1993).

As regiões melhor amostradas situam-se sobre o Planalto meridional do Brasil, principalmente na serra Geral. Existem duas áreas em que foram feitos projetos e teses versando sobre anfíbios, a Floresta Nacional de São Francisco de Paula (FLONA), do IBAMA, e o Centro de Preservação da Natureza “Pró-Mata” da PUCRS (CPCN- PM), também em São Francisco de Paula.

Siglas de medidas: CRC, comprimento rostro-cloacal.

As localidades indicadas sob o subtítulo “Exemplares” são referentes ao Rio Grande do Sul e, quando são de exemplares de uma só coleção, sua sigla é citada entre parênteses. A atualização taxonômica foi realizada com base em FROST (2007) principalmente. As contribuições básicas de BRAUN & BRAUN (1980), KWET & DI-BERNARDO (1999) e KWET (2001a) são apresentadas abreviadamente, devido a sua frequente repetição no texto.

As chaves de determinação referem-se às espécies da área e a fenótipos regionais, não tendo, pois, valor, para outras áreas geográficas. A sinonímia não é completa, tendo sido feita uma seleção. Para vê-la completa, deve-se verificar FROST (2007).

Siglas de táxons desconhecidos ou duvidosos: para espécies ainda não descritas, não indicadas ou duvidosas, usam-se as abreviações: “sp.” – quando não se sabe a que espécie pertence, ou é uma espécie nova, a ser descrita ou em estudo; “cf.” – espécie parecida com

uma já descrita, mas que não se tem certeza; “aff.” – espécie nova, indicando-se a espécie mais parecida que pode ser a mais próxima.

Siglas das instituições com coleções herpetológicas citadas no texto.

PARTE IV – CATÁLOGO SISTEMÁTICO

Classe Amphibia Linnaeus, 1758

(Sapos, rãs, pererecas e minhocões)

Amphibia Linnaeus, 1758 (parte), Syst. Nat., Ed. 10, 1: 194 (vários Teleostei, Amphibia).

Salientia Laurent, 1768, Spec. Méd. Synops. Rept.: 24 (Urodela, Anura).

Batrachii Latreille, 1800, Hist. Nat. Salam. France: 37 (exclui Gymnophiona).

Batrachii Opperl, 1810, Ann. Mus. Hist. Nat. Paris 16: 394.

Diagnose – Vertebrados ictiopsídeos geralmente com respiração branquial no primeiro estágio de vida (larvário) e pulmonar no segundo; há grupos com desenvolvimento direto e outros grupos com respiração branquial e pulmonar concomitantes, permanentes, todos apresentando respiração cutânea, com secreções cutâneas, geralmente ligados ao ambiente úmido; ovos aquáticos, sem casca, revestidos de mucina, bipolares, holo e heteroblásticos. Pele lisa, sem escamas, exceto microescamas esqueléticas embutidas na derme (Gymnophiona). Coração tricavitário, possuindo um bulbo arterial para distribuição de sangue venoso para as brânquias, pele e pulmões, junto a outro que envia sangue arterial para todo o corpo. Rins primitivos, tipo mesonefro. Há espécies aquáticas ou de hábitos aquáticos e terrestres como arbóreas. Tetrápodos como modelo basal com linhagens derivadas, uma ofioforme e outra ecaudada e saltadora. Fósseis desde o Carbonífero. Um grupo de peixes (Amphibioidei) apresenta caracteres intermediários entre pisces lato sensu e Amphibia.

Classificação – As espécies recentes estão classificadas em três ordens, Gymnophiona, Urodela e Anura, não ocorrendo a segunda na área em foco.

Chave para as ordens ocorrentes na área:

- a. Corpo curto, tetrápodo, poucas vértebras na coluna que se continua no uróstilo, articulado à cintura pélvica. Patas posteriores muito longas saltadoras. Cauda ausente..... *Anura*.
- b. Corpo ofioforme, ápodo, com cerca de 200 vértebras, sem cinturas. Cauda geralmente ausente.....*Gymnophiona*.

Gymnophiona Müller, 1832

(Minhocões, cecílias)

Apoda Oppel, 1810, Ann. Mus. Hist. Nat. Paris 16: 409;

Gymnophia Rafinesque, 1814, Specchio Sci. 2, 2: 104.

Gymnophidia Muller, 1831, Isis v. Oken 24: 711.

Gymnophiona Müller, 1832, Z. Physiol. 4: 198 (nome substit. de Gymnophidia Müller).

Diagnose – Ofioformes, ápodes, com cerca de 200 vértebras, geralmente sem cauda; pele apresentando sulcos anelares equidistantes (anéis primários) que podem estar divididos em sulcos secundários ou mesmo ternários; geralmente com escamas dérmicas microscópicas nos sulcos. A boca é geralmente ventral; com ou sem curta cauda; geralmente com escudo terminal; tentáculo sensorial na região naso-ocular, variando sua posição conforme a família; olhos pouco ou não visíveis externamente. Crânio compacto, próprio de animal fossorial, devido à fusão de ossos cranianos.

Representação – Caeciliidae.

Caeciliidae Rafinesque, 1814

Cecilinia Rafinesque, 1814, Specchio Sci. 2, 2: 104. Gênero-tipo: *Caecilia* Linnaeus, 1758.

Caeciliidae Gray, 1825, Ann. Philos. 2, 10: 217.

Diagnose – Anéis primários inteiros com subdivisão secundária. Placa cloacal terminal, sem cauda. Osso nasal fusionado com premaxila.

Chave para as subfamílias ocorrentes na área:

a. Sulcos anelares profundos e próximos. Tentáculo emerge na frente do olho, sob a narina.....Caeciliinae.

b. Sulcos anelares rasos e distanciados. Tentáculo emerge justamente na frente da narinaTyphlonectinae.

Caecilinae Rafinesque, 1814

Apoda Oppel, 1810, Ann. Mus. Hist. Nat. 16: 409.

Cecilinia Rafinesque, 1814, Specchio Sci. 2, 2: 104.

Diagnose – Segmentação nem sempre aparente, poro cloacal posterior, terminal ou ventral; olho reduzido, não coberto por osso (nu); abertura do tentáculo diretamente abaixo da narina externa, mais próximo da narina. Sem diáspora entre dentes palatinos e vomerianos. Vida fossorial, terra, lama, ou na água.

Representação – *Luetkenotyphlus*, *Siphonops*.

Chave para os gêneros:

- a. Olho livre, sem estojo.....*Luetkenotyphlus*.
 b. Olho em estojo.....*Siphonops*.

Luetkenotyphlus Taylor, 1968

Luetkenotyphlus Taylor, 1968, Caecilians World: 588. Type species: *Siphonops brasiliensis* Lütken, 1852.

Diagnose – Olho não posicionado abaixo do osso. Abertura do tentáculo mais próximo do olho do que da narina externa.

Representação – *L. brasiliensis*.

Luetkenotyphlus brasiliensis (Lütken, 1851)

Siphonops brasiliensis Lütken, 1851, Vidensk. Medd. Dansk. Naturhist. Foren. 1851: 52. Type locality: SP. (TAYLOR, 1973, Univ. Kansas Sci. Bull. 50: 226).

Dermophis brasiliensis ---Peters, 1880, Monatsber. Preuss. Akad. Wiss. Berlin 1879: 938.

Siphonops confusionis Taylor, 1968, Caecilians World: 560. Type-locality: Petrópolis, RJ.

Luetkenotyphlops brasiliensis ---Taylor, 1968, Caecilians World: 588.

Distribuição – Brasil meridional para Paraguai meridional e nordeste da Argentina (Misiones), entrando a noroeste do RS, ao longo da bacia do Paraná.

Exemplares – Barracão.

***Siphonops* (Wagler, 1828)**

Siphonops Wagler, 1828, Isis v. Oken 21: 742; espécie-tipo: *Caecilia annulata* Mikan, 1820.

Diagnose – Olho dentro de estojo. Abertura do tentáculo mais próxima do olho do que da narina eterna. Com segmento terminal.

Representação – *S. annulatus*, *S. paulensis*.

Chave para as espécies:

- a. 85-95 anéis completos. Tentáculo afastado do olho....*S. annulatus*.
- b. 110-115 anéis completos. Tentáculo junto e sob olho....*S. paulensis*.

***Siphonops annulatus* (Mikan, 1820)**



Figura 4- *Siphonops annulatus*.



Figura 5- *Siphonops annulatus*.

Caecilia annulata Mikan, 1820, Delect. Florae Faunae Brasil.: pl. 11 e texto anexo. Localidade-tipo: Sebastianópolis, RJ.

Siphonops annulatus --- Wagler, 1828, Isis v. Oken 21: 742.

Caecilia interrupta Cuvier, 1829, Règne Animal, ed. 2, 2: 100. Localidade-tipo: não indicada.

Dermophis crassus Cope, 1885 (1884), Proc. Am. Philos. Soc. 22: 184. Localidade-tipo: Rio Beni Superior, Bolívia e Peru oriental.

Siphonops annulatus var. *marmoratus* Sawaya, 1937, Bol. Fac. Filo. Sci. Letr. USP, Zool., 1: 238. Localidade-tipo: Teresópolis, RJ.

Diagnose – Olho nunca abaixo do osso. Dentes com cúspide única. Tentáculo pequeno. Coanas grandes com duas valvas bem desenvolvidas. Disco cloacal grande. Fendas branquiais embrionárias em saco de cada lado. Anéis primários não divididos.

Distribuição – Amplamente distribuída desde a Colômbia setentrional para Venezuela e Guianas e daí para o sul até Paraguai e nordeste da Argentina, devendo entrar no noroeste do RS.

***Siphonops paulensis* (Boettger, 1892)** (Minhocão preto, minhocão anelado)

Siphonops paulensis Boettger, 1892, Kat. Batr. Samml. Mus. Sencke. Naturf. Ges. 1892: 62.; localidade-tipo: São Paulo, SP.

Siphonops paulensis paulensis — Sawaya, 1937, Bol. Fac. Fil. USP, Zool. 1: 240.

Siphonops paulensis maculatus Sawaya, 1937, Bol. Fac. Fil. USP, Zool. 1: 240; localidade-tipo: não indicada.

Siphonops annulatus — Braun & Braun, 1980, Iheringia, Zool. (56): 122.

Diagnose – Pele com anéis próximos e cor pardo-azulada ou cinza escura.

Distribuição – Brasil sudeste e oriental para o sul; para oeste na Bolívia, Paraguai e norte da Argentina.

Exemplares – Cruz Alta, Frederico Westphalen, São Borja, Tenente Portela, Três Passos.

Observação 1 – Encontramos dentro de tronco podre tombado no chão de mata escura no Parque do Turvo a noroeste do RS.

Observação 2 – Um exemplar citado para Pelotas, no RS por R. IHERING (1911), como sendo *Siphonops annulatus* (Mikan, 1820), e repetido por BRAUN & BRAUN (1980), pode ser exemplar com procedência errada, ou erro de determinação.

Typhlonectinae Taylor, 1968 (Cecílias d'água)

Typhlonectidae Taylor, 1968, Caecilians World: xi, 231.

Typhlonectinae — Lescure, Renous & Gasc, 1986, Mém. Soc. Zool. France 43: 169.

Diagnose – Somente com anéis primários, mas algumas espécies apresentam falsas subdivisões, incompletas; sulcos sem escamas. Cauda ausente. Olhos visíveis e alojados em soquetes ósseos sob a pele. Tentáculos sensoriais pequenos e geralmente mais próximos às narinas que dos olhos. Coanas grandes com valvas bem desenvolvidas. Geralmente aquáticos.

Representação – *Chthonerpeton*.

***Chthonerpeton* (Peters, 1880)**

Chthonerpeton Peters, 1880, Monatsber. Preuss. Akad. Wiss. Berlin 1879: 930; espécie-tipo: *Siphonops indistinctus* Reinhardt & Lütken, 1862.

Representação – *C. indistinctum*.

***Chthonerpeton indistinctum* (Reinhardt & Lütken, 1862)**

(Minhocão, minhocão comum, minhocão liso)

Siphonops indistinctus Reinhardt & Lütken, 1862, Vidensk. Medd. Dansk. Nat. Foren. 2, 3: 203; localidade-tipo: Buenos Aires, Argentina.

Chthonerpeton indistinctum --- Peters, 1880, Monatsber. Preuss. Akad. Wiss. Berlin 1879: 940.

Diagnose – Cor preta quase cinzenta; anéis espaçados e superficiais, pouco distintos.

Distribuição – Brasil meridional para Uruguai e para Argentina adjacente a central, possivelmente no Paraguai vizinho ao Brasil.

Exemplares – Alvorada, Canoas, Cachoeira do Sul, Capão da Canoa, Eldorado do Sul, Gravataí, Guaíba, Pelotas, Pinhal, Porto Alegre, Rio Grande, São Leopoldo, Sapucaia do Sul, Taquara, Terra de Areia, Torres, Viamão.

Observação – Abundante na região de Porto Alegre, nas partes baixas e pantanosas. Alimento de *Liophis semiaureus* (Cope, 1862), conforme diversas observações originais do autor sênior.

**Anura Fischer von
(Waldheim, 1813)
(Pererecas, Rãs,
Sapos)**

Anuri Fischer von Waldheim, 1813, Zoognosia Tab. Synopt. Ill., ed. 3, 1: 58.

Anuria Rafinesque, 1815, Analyse Nat.: 78.
Anura Merrem, 1820, Tent. Syst. Amph.: 163.



Figura 6- *Chthonerpeton indistinctum*.

Diagnose – Tetrápodes saltadores, com pernas posteriores muito maiores que as anteriores. Esqueleto com ossificação reduzida, sendo que o púbis nunca é ossificado. Vértexes em pequeno número, sendo 6-8 pressacrais livres, com cerca de 12 vértebras sacrais fusionadas formando o uróstilo. Costelas geralmente ausentes. A tíbia e a fíbula estão fusionadas num único osso.

Observação – A classificação de Anura em famílias foi discutida por vários autores. Uma delas, a cladística, é de FORD & CANNATELLA (1993). Segue-se a de FROST. et al. (2006) e a ordem de apresentação segue a mesma, mas os gêneros e as espécies estão em ordem alfabética.

Chave para famílias:

- 1a. Pele ventral translúcida, visualizando-se vários órgãos.....*Centrolenidae*.
- 1b. Pele ventral opaca, não permitindo visualização de órgãos.....2.
- 2a. Com almofadas adesivas na ponta dos dedos. Membranas interdigitais geralmente ausentes. Língua sempre presente. Vida arbórea.....*Hylidae*.
- 2b. Geralmente sem dilatações na ponta dos dedos. Membranas interdigitais às vezes presentes. Língua presente ou não. Todos os ambientes.....3.
- 3a. Pouco ou pouco dilatado na ponta dos dedos e com duas placas sobre cada dedo. Número de dedos reduzido a 2 nas mãos e 3 nos pés. Sem sternum. Sem larva.....*Brachycephalidae*.

- 3b. Sem ou com dilatação terminal nos dedos, sem placas sobre eles. Número de dedos normal (não reduzido). Com sternum. Com larva geralmente.....4.
- 4a. Cabeça delgada e acuminada, mais estreita que o tronco, contrastando com o corpo robusto e ovoide. Ventre amarelo ou vermelho. Porte pequeno.....*Microhylidae*.
- 4b. Cabeça normal, não contrastada com o corpo. Ventre geralmente brancacento, podendo apresentar cores vivas e manchas. Porte variável.....5
- 5a. Com um par de glândulas parotoides grandes e alongadas atrás dos olhos. Aspecto bufonoide, reforçado. Focinho muito curto. Face dorsal rica de glândulas cutâneas.....*Bufo*idae.
- 5b. Geralmente sem glândulas parotoides atrás dos olhos; mas, quando presentes, são espécies de pequeno porte e com pupila vertical. Aspecto geralmente ranoide. Focinho variável. Face dorsal lisa ou com poucas glândulas.....6.
- 6a. Dedos estreitos, mas com almofadas digitais relativamente estreitas. Espécie de porte pequeno.....*Thoropidae*.
- 6b. Dedos finos, sem dilatação terminal.....7.
- 7a. Bufonoide; rico de glândulas cutâneas dorsais, pele rugosa. Com ou sem projeções oculares imitando chifres. Boca alta, cabeça larga.....8.
- 7b. Ranoide; poucas glândulas cutâneas, pele lisa. Boca relativamente baixa.....9.
- 8a. Grande porte, com dorso ossificado por placas duras verdes*Ceratophrynidae*.
- 8b. Porte pequeno, sem ossificação dorsal.....*Cycloramphidae*.
- 9a. Dedos livres, ou com membranas. Cintura peitoral arciferal*Leptodactylidae*.
- 9b. Dedos interligados com membranas bem desenvolvidas. Cintura peitoral firmisternal.....*Ranidae*.

Brachycephalidae (Günther, 1858)
(Rãzinhas do folhiço)

Brachycephalidae Günther, 1858, Proc. Zool. Soc. London 1858: 344.

Brachycephalina Günther, 1858, Arch. Naturgesch. 24: 321;

gênero-tipo: *Brachycephalus* Fitzinger, 1826.

Cornuferinae Noble, 1931, Biol. Amph.: 521; gênero-tipo: *Cornufer* Tschudi, 1838.

Eleutherodactylinae Lutz, 1954, Mem. Inst. Oswaldo Cruz 52: 157; gênero-tipo: *Eleutherodactylus* Duméril & Bibron, 1841.

Diagnose – Porte pequeno, aspecto ranoide, com a cabeça relativamente grande. Pele dorsal lisa. Dedos simples, finos, pouco dilatados nas extremidades e com dois escudos dorsais, fimbriados ou não.

Representação – *Eleutherodactylus*.

***Eleutherodactylus* (Duméril & Bibron, 1841)**
(Rãs da serrapilheira)

Eleutherodactylus Duméril & Bibron, 1841, Erpet. Gén. 8: 620; espécie-tipo: *Hylodes martinicensis* Tschudi, 1838.

Diagnose – Cristas glandulares dorsais longitudinais paralelas e sinuosas, ou irregulares. Dedos dilatados, com duas escamas dorsais. Porte até 60 mm. Encontradas no chão do mato, à noite, no verão.

Representação – *E. binotatus*, *E. aff. guentheri*.

Chave para espécies:

a. Cristas glandulares dorsais longitudinais, paralelas e sinuosas. Focinho escuro. Porte relativamente grande (até 60 mm).....*E. binotatus*.

b. Cristas glandulares irregulares entremeadas de verrugas pequenas. Focinho claro. Porte pequeno (até 38 mm).....*E. aff. Guentheri*.

***Eleutherodactylus binotatus* (Spix, 1824)**
(Rã da mata)

Rana binotata Spix, 1824, Spp. Nov. Test. Ran. Brasil. 31, est. 20, fig. 3; localidade-tipo: provavelmente RJ (BOKERMANN, 1966: 88).

Eleutherodactylus (Eleutherodactylus) binotatus --- Lynch & Duellman, 1997, Univ. Kansas Mus. Nat. Hist. Spec. Publ. 23: 221.

Diagnose – Espécie de porte relativamente grande, até cerca de 60 mm de comprimento rostro-cloacal. Primeiro dedo da mão maior que segundo; macho com calosidade nupcial branca. Glândulas dorsais em linhas sinuosas paralelas no sentido longitudinal. Coloração dorsal clara, praticamente uniforme.



Figura 7- *Eleutherodactylus binotatus*.

Distribuição – Brasil sudeste para o sul, até RS; no RS no extremo nordeste florestado (Floresta Atlântica).

Exemplares – Dom Pedro de Alcântara, Torres (Faxinal, Itapeva).

Observação – Tombada no Livro Vermelho (GARCIA & VINCI-PROVA, 2003).

Eleutherodactylus aff. guentheri



Figuras 8a, 8b e 8c.- *Eleutherodactylus cf. guentheri* (Kwet & Di Bernardo, 1999).

Eleutherodactylus guentheri --- Braun & Braun, 1980: 132.

Eleutherodactylus cf. guentheri Kwet, 2001: 189, figs. 82-84.

Diagnose – Porte relativamente pequeno, até 38 mm de comprimento rostro-cloacal. Lados da cabeça e corpo com aresta nítida. Coloração dorsal parda avermelhada, alaranjada, amarelada ou cinzenta, geralmente sem linha mediana luminosa; mancha preta triangular acima do tímpano delimitada de branco; manchas escuras fracas em sequência centro-dorsal. Pele dorsal com verrugas e cristas glandulares pequenas, irregulares.



Distribuição – Sul e sudeste do Brasil para Misiones, Argentina. Vista no Estado no planalto oriental.

Exemplares – Cambará do Sul (Itaimbezinho), Canela (Caracol), Maquiné, São Francisco de Paula, Torres.

Observação – A indicação de *E. guentheri* (Steindachner, 1864) por HEYER (1984) para o Estado é baseada em BRAUN & BRAUN (1980), mas KWET (2001) considerou-a diferente, provavelmente uma espécie nova. Pelo mapa de HEYER (1984, fig. 23), a distribuição de “*H. guentheri*” é contínua desde ES até o nordeste elevado do RS.

É possível que Heyer tenha notado que com esse nome há, pelo menos, duas espécies distintas entre si, mas não encontramos texto nesse sentido desse autor.

Hylidae (Rafinesque, 1815)

(Pererecas)

Hylidae Rafinesque, 1815, *Analyse nat.*: 78.

Diagnose – Espécies adaptadas à vida arborícola, com corpo e membros delgados e longos e dedos longos dilatados distalmente em discos adesivos nas pontas, com secreção adesiva, que funcionam como ventosas. Dentes maxilares ausentes. Dentes palatinos geralmente presentes. Dedos com cartilagens intercalares entre a falange terminal e a penúltima; falanges acessórias ausentes; falanges terminais em forma de garra. Cintura escapular arciferal. Diapófises sacrais geralmente dilatadas, às vezes cilíndricas.

Representação – Hylinae, Phyllomedusinae.

Chave para subfamílias:

- a. Discos adesivos não palmeados. Cabeça relativamente baixa. Pupila horizontal.....*Hylinae*.
 b. Discos adesivos palmeados. Cabeça alta. Pupila vertical.....*Phyllomedusinae*.

Hylinae (Rafinesque, 1815)

(Pererecas)

Hylinae Rafinesque, 1815, *Analyse Nat.*: 78.

Pseudinae --- Noble, 1931, *Biol. Amph.*: 496.

Pseudidae --- Savage & Carvalho, 1953, *Zoológica* 38: 198.

Diagnose – Pupila horizontal e dedos com discos adesivos não palmeados. Cabeça relativamente baixa. Mandíbulas edêntulas. Vértex procélicas.

Representação – *Aplastodiscus*, *Bockermannohyla*, *Dendropsophus*, *Hypsiboas*, *Lysapsus*, *Pseudis*, *Scinax*, *Sphaenorhynchus*, *Trachycephalus*.

Chave para os gêneros:

- 1a. Presença de tímpano externo, pouco ou muito visível. Possui membrana interdigital nos artelhos.....*Hypsiboas*.
 1b. Espécies sem as características anteriores2.
 2a. Presença de membranas interdigitais nos dedos e artelhos, de tamanho pequeno ou médio.....3.
 2b. Presença de membranas interdigitais grandes, até a ponta de cada dedo..... *Pseudis*.
 2c. Presença de membranas interdigitais até a base da dilatação terminal do dedo.....*Lysapsus*.
 3a. Focinho de tamanho médio ou pequeno.....4.
 3b. Focinho pontudo, muito projetado.....*Scinax*.
 4a. Presença de um saco vocal.....*Dendropsophus*.
 4b. Espécies com um par de sacos vocais.....5.
 5a. Discos digitais estreitos, como unha, da mesma largura do dedo.....*Aplastodiscus*.
 5b. Discos digitais mais largos que o dedo, circulares.....6.
 6a. Coloração dorsal variegada, de linhas irregulares, marmoreada; face posterior das coxas finamente estriadas transversalmente*Bokermannohyla*.
 6b. Coloração dorsal lisa, com estria lateral clara, ou círculos no dorso; face posterior das coxas com faixas grossas escuras marginadas de creme ou ausentes.....*Trachycephalus*.

***Aplastodiscus* (Lutz, 1925)**

Aplastodiscus Lutz, 1950, Mem. Inst. Osw. Cruz 48: 612; espécie-tipo: *A. perviridis* Lutz, 1950.

Diagnose – Corpo curto e robusto. Pupila oblíqua. Discos em forma de lâmina, como unha, estreitos, não ultrapassam a largura de cada dedo; os dedos são delicados, estreitos e torneados, com falanges pouco ossificadas. A mão é curta, e o primeiro dedo tem ângulo

com os demais dedos; pé longo; dedos com membrana interdigital muito reduzida.

Representação – *A. perviridis*.

Aplastodiscus perviridis (Lutz, 1950) (Perereca verde)

Aplastodiscus perviridis Lutz, 1950, In Lutz, Mem. Inst. Osw. Cruz 48: 612, 630; localidade-tipo: Fazenda do Bonito, Serra da Bocaina, São José do Barreiro, SP (BOKERMANN, 1966: 13).



Figura 9- *Aplastodiscus perviridis*.

Diagnose – Corpo atarracado. A região rostral é côncava e o tímpano é oculto. Discos digitais em forma de unhas estreitas. Coloração verde geral uniforme, com fina pontuação parda, ou os pontos mesclados de pontos maiores. Íris vermelha com margem superior branca e azul. A cor verde dorsal pode ser escura, clara ou amarelada ou levemente pardacenta pela pontuação parda. Ventre branco-esverdeado imaculado.

Distribuição – Brasil central e sudeste para o sul, desde Brasília (DF) e Serra da Mantiqueira para o lado oriental do Brasil meridional e para nordeste da Argentina (Misiones). Serra do Mar para a Serra Geral.

Exemplares – Barracão, Bom Jesus, Cambará do Sul, Lagoa Vermelha, São Francisco de Paula, Vacaria.



Figura 10- *Aplastodiscus perviridis*.

Bokermannohyla (Faivovich, Haddad, Garcia, Frost, Campbell & Wheeler, 2005)

Bokermannohyla Faivovich et al., 2005, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist. (294): 82; espécie-tipo: *Hyla circumdata* Cope, 1871.

Diagnose – Com discos digitais circulares.

Representação – *B. aff. circumdata*.

Bokermannohyla aff. circumdata



Figura 11- *Bokermannohyla cf. circumdata*.

BRAUN & BRAUN (1980) indicaram *Hyla circumdata* (Cope, 1870) para o RS, com base em LUTZ (1973), que a registrara para Gramado. Posteriormente, Pedro Canísio Braun capturou exemplar na praia de Cidreira e que foi depositado no MCNRS. Em sua lista, KWET (2001) não citou essa espécie para o Estado e NAPOLI (2001) reviu o grupo *napoli* restringindo-o à região da Serra do Mar e Serra da Mantiqueira, confirmando-a ao descrever nova espécie do grupo (NAPOLI, 2005). É bem provável, pois, que seja uma espécie nova. Pela figura de KWET &

DI-BERNARDO (1999), de exemplar do Pró-Mata, é de coloração dorsal parda a pardo-avermelhada, com desenho preto variegado, irregular, ventre amarelado liso. *Hyla circumdata* é, sem dúvida, a espécie mais próxima.

***Dendropsophus* (Fitzinger, 1843)**

Dendropsophus Fitzinger, 1843, Syst. Rept.: 30; espécie-tipo: *Hyla frontalis* Daudin, 1802 (= *Rana leucophyllata* Bereis, 1783).

Diagnose – Aspecto semelhante à *Pseudis*. Focinho muito curto. Pele lisa, glândulas indistintas. Coloração dorsal primária variando de alaranjada a amarelada. Geralmente são habitantes de florestas.

Representação – *D. aff. microps*, *D. aff. minutus*, *D. nanus* e *D. sanborni*.

Chave de identificação das espécies:

- 1a. Dorso claro imaculado, apenas com pontos pretos diminutos dispostos em séries longitudinais.....*D. sanborni*.
- 1b. Dorso claro ou escurecido, manchado ou estriado.....2.
- 2a. Dorso com estrias longitudinais.....3.
- 2b. Dorso com estrias transversais, não marginadas de branco, geralmente incompletas e irregulares, tendo a forma de ângulo aberto.....*D. aff. Microps*.
- 3a. Dorso com duas estrias largas marginadas de branco, coalescidas ou não anteriormente; às vezes coalescidas até metade do dorso.....*D. aff. Minutus*.
- 3b. Dorso bege marginado de faixa branca lateral, desde o focinho, sem coalescências.....*D. nanus*.

Dendropsophus aff. microps

Hyla microps --- Braun & Braun 1974: 39.

Hyla cf. microps --- Kwet 2001: 188.

Observação – A espécie *D. microps* (Peters, 1872) foi indicada para o Brasil sul e sudeste, na Floresta Atlântica (KWET & DI-BERNARDO, 1999; FROST, 2007). BRAUN & BRAUN (1980) não a listaram para o RS.

Diagnose – Exemplares do Pró-Mata com até 32 mm de comprimento rostro-cloacal, coloração dorsal primária variando do pardo, pardo alaranjado, pardo avermelhado ao bege e sobre a qual há manchas transversais irregulares, mas transversais, geralmente formando ângulo obtuso e que imitaria casca de árvores cobertas de líquenes. Pernas e pés anteriormente vermelhos. KWET (2001A) afirmou que o macho, quando vocaliza à noite, fica amarelo.



Figuras 12, 13 e 14- *Dendropsophus cf. microps*.



Distribuição – Encontrada na Serra Geral.

Exemplares – Itati, São Francisco de Paula, Terra de Areia.

Dendropsophus aff. minutus

Hyla minuta Peters, 1872, Monatsb. Preuss. Akad. Wiss. Berlin 1872: 680; localidade-tipo: Nova Friburgo, RJ. *Hyla minuta* --- Braun & Braun, 1980: 129. --- *Hyla cf. minutus* --- Kwet, 2001: 188.

Hyla vellata Cope, 1887, Proc. Amer. Philos. Soc. 24: 46; localidade-tipo: Chapada dos Guimarães, MT.

Hyla bivittata Boulenger, 1888, Ann. Mag. Nat. Hist. Ser. 6, 1: 188; localidade-tipo: Lages, SC.

Hyla goughi Boulenger, 1911, Proc. Zool. Soc. London 1911: 1082; localidade-tipo: "Trinidad", provavelmente Ilha da Trindade, Brasil.

Hyla pallens Lutz, 1925, C. R. Seances Soc. Biol. Paris 93: 212; localidade-tipo: Bomsucesso, RJ (Cochran, 1961, Bull. U. S. Natl. Mus. 229:57).

Hyla embrichi Mertens, 1927, Bl. Aquar. Terrar. Stuttgart 38: 287; localidade-tipo: Porto Alegre, RS.



Figura 15- *Dendropsophus aff. minutus*.

Observação – *Dendropsophus minutus* (PETERS, 1872) (ver Fig. 15) foi descrita com exemplar de Nova Friburgo, RJ (BOKERMANN, 1966:56). É espécie variável, e a sinonímia apresentada por Frost (2007) foi discutida em parte, faltando uma revisão.

Distribuição – Foi registrada sob esse nome para quase toda a América do Sul, nas terras baixas a leste dos Andes, desde Colômbia, Venezuela e Trinidad, para o Equador, Peru, Brasil, Bolívia, Paraguai, Argentina e Uruguai. Foi restrita por FROST (2007) para a Floresta Atlântica no sudeste do Brasil. Para o Estado, BRAUN & BRAUN (1974) indicaram-na para a Serra Geral até a Depressão Central, do lado oriental para central.

Exemplares – Agudo, Arroio do Meio, Arroio Teixeira, Barracão, Caçapava do Sul, Cambará do Sul, Canela, Candiota, Capão da Canoa, Cidreira, Derrubadas, Farroupilha, Frederico Westphalen, Gravataí, Guaíba, Herveiras, Jaguarão, Lagoa Vermelha, Mata, Nonoai, Nova Petrópolis, Nova Prata, Osório, Planalto, Porto Alegre, Rio Pardo, Sannanduva, Santa Cruz do Sul, Santa Maria, São Francisco de Paula, São Jerônimo, São José dos Ausentes, Sinimbu, Tapes, Taquara, Tenente Portela, Terra de Areia, Torres, Tramandaí, Vacaria, Viamão.

Observação – KWET (2001) preferiu indicar a espécie como parecida com ela, mas não a mesma, ocorrendo nas partes altas e baixas de nordeste do Estado. Afirmou que os exemplares do Pró-Mata não ultrapassam 28 mm de CRC, a coloração dorsal primária varia de parda a pardo-alaranjada e bege, com padrão de duas faixas longas longitudinais escuras, marginadas de linha branca e que podem estar coalescidas anteriormente a partir da área interorbital, ou mesmo a coalescência atingir até o meio do dorso; o macho tem a região gular amarela, enquanto a da fêmea é branca.

***Dendropsophus nanus* (Boulenger, 1889)**



Figura 16- *Dendropsophus nanus* vocalizando.

Hyla nana Boulenger, 1889, Ann. Mus. Civ. Stor. Nat. Genova, Ser. 2, 7: 249; localidade-tipo: Colonia Resistencia, Chaco meridional, Argentina.

Sphoerohyla nana ---Goin, 1957, Caldasia 8: 25.

Dendropsophus nanus ---Faivovich, Haddad, Garcia, Frost, Campbell & Wheeler, 2005, Bull. Am. Mus. Nat. Hist. 294: 92.

Diagnose – Muito pequena. Cor dorsal parda ou com variação amarelada a esverdeada, com faixa clara no lado do dorso que inicia no focinho e se estende ao ângulo terminal; abaixo da faixa é rosado a vermelho alaranjado, inclusive palmas das mãos e plantas dos pés. Machos ficam com as coxas amarelas no cio.

Distribuição – Nordeste do Brasil para sudoeste na Bolívia oriental ao Paraguai central, Argentina setentrional para o Brasil meridional e noroeste do Uruguai.

Exemplares – Barra do Quaraí.

Dendropsophus sanborni (Schmidt, 1944)



Figura 17- *Dendropsophus sanborni*



Figura 18a- *Dendropsophus sanborni* (Kwet & Di Bernardo, 1999)



Figura 18b.



Figura 18c.

Hyla sanborni Schmidt, 1944, Field Mus. Nat. Hist. Publ., Zool. Ser. 29: 153; localidade-tipo: Hacienda Alvarez, 15 km nordeste de San Carlos, Uruguai.
Hyla nana sanborni --- Barrio, 1967, Physis 26: 521.
Dendropsophus sanborni --- Faivovich, 2005, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist. (294): 80.

Diagnose – Porte até 21 mm de CRC. Região loreal plana. Coloração dorsal variando da pardo-avermelhada à alaranjada, amarelada ou cinzenta, com finos pontos escuros e/ou pretos, dispostos em séries longitudinais, nem sempre distintos. Coxas imaculadas ou fracamente manchadas. Machos assoalhando ficam brancacentos (KWET & DI-BERNARDO, 1999).

Distribuição – Brasil meridional (sudeste e sul) para o Uruguai e Paraguai oriental e na Argentina oriental e central (Corrientes a Buenos Aires), tanto nas partes altas como baixas, em áreas abertas.

Exemplares – Bagé, Barra do Quaraí, Cambará do Sul, Candiota, Canela, Canoas, Capão da Canoa, Cidreira, General Câmara, Gravataí, Guaíba, Jaguarão, Montenegro, Osório, Palmares do Sul, Pelotas, Porto Alegre, Rio Grande, Rio Pardo, Rosário do Sul, Santa Cruz do Sul, Santa Maria, Santo Ângelo, São Borja, São Francisco de Paula, São Lourenço do Sul, Tapes, Taquara, Tenente Portela, Terra de Areia, Torres, Tramandaí, Triunfo, Uruguiana, Vacaria, Viamão, 15 de Novembro.

***Hypsiboas* (Wagler, 1830)** (Pererecas)

Hypsiboas Wagler, 1830, Nat. Syst. Amph.: 200; espécie-tipo: *Hyla palmata* Daudin, 1802 (= *Rana boans* Linnaeus, 1758).

Diagnose – Diapófises sacrais dilatadas. Dentes vomerinos presentes. Tímpano externo. Discos digitais circulares.

Observação – Foi alocada neste gênero a maioria das espécies ocorrentes no Estado (FAIVOVICH. et al., 2005).

Representação – *H. albopunctatus*, *H. bischoffi*, *H. caingua*, *H. faber*, *H. guentheri*, *H. leptolineatus*, *H. marginatus*, *H. prasinus*, *H. pulchellus* e *H. semiguttatus*.

Chave para as espécies:

- 1a. Cor dorsal parda, não estriada longitudinalmente, podendo apresentar escuras transversais numerosas. Com uma linha escura mediana vertebral desde o focinho até meio do corpo.....*H. faber*.
- 1b. Cor dorsal parda, oliva ou verde, lisa ou estriada; estria escura vertebral geralmente ausente, se presente, apenas anteriormente.....2.
- 2a. Padrão dorsal fina e densamente lineada longitudinalmente, desde o focinho até posteriormente, inclusive lados.....*H. leptolineatus*.
- 2b. Padrão dorsal liso, manchado e, se estriado, estrias poucas e fracas.....3.
- 3a. Lados da cabeça escuros que se continuam pra trás em larga faixa que estreita e enfraquece, desaparecendo no meio do lado. Lados póstero-inferiores e face interna das coxas, amarelos manchados de retículo preto; pode apresentar clara vertebral ao longo do dorso.....*H. albopunctatus*.
- 3b. Lados da cabeça não escurecidos uniformemente ou imaculados. Faixa escura lateral completa ou não. Lados posteriores e face interna das coxas não como acima.....4.
- 4a. Lados da cabeça manchados continuando-se em faixa escura lateral marginada de branco e completa até a virilha. Dorso fracamente pontuado ou estriado descontinuamente no sentido longitudinal.....*H. guentheri*.
- 4b. Lados da cabeça imaculados; faixa preta lateral apenas anteriormente. Dorso fracamente pontuado ou estriado em três séries longitudinais.....*H. caingua*.
- 5a. Dorso pardo a oliva, com manchas escuras irregulares. Estria amarela lateral linear completa, sobre faixa preta apenas anterior....*H. bischoffi*.
- 5b. Dorso verde ou pardo, com ou sem manchas. Estria amarela ou creme completa e larga, sublinhada de estria preta linear, contínua ou falhada, sobre faixa preta completa ou incompleta.....6.
- 6a. Dorso verde ou pardo, com três séries de manchas grandes evidentes, pretas ou pardo-escuras, com centro claro ou manchado, apresentando grande variação e irregularidade. Quando parda, não há estrias laterais.....*H. semiguttatus*.
- 6b. Dorso verde ou pardo, manchado ou liso; se manchado, as manchas não se dispõem longitudinalmente, ou são muito fracas, quase indistintas.....7.

- 7a. Dorso verde uniforme, inclusive nos lados, fracamente manchado sobre o dorso. Estria clara lateral evidente sem estria preta subjacente.....H. prasinus.
- 7b. Dorso verde ou pardo, com lados escurecidos, com ou sem manchas. Estria clara lateral ao longo do corpo, larga e marginada de preto inferiormente.....8.
- 8a. Lados escurecidos lisos ou manchados de preto. Dorso verde ou pardo uniforme, podendo haver fenótipo pardo com fracas manchas pardas irregulares. A estria branca lateral é marginada superior e inferiormente de preto.....H. pulchellus.
- 8b. Lados e dorso verde imaculados, exceto machos que apresentam manchas pretas circulares irregularmente dispostas. Estria lateral amarela nítida, marginada de preto inferiormente.....H. marginatus.

***Hypsiboas albopunctatus* (Spix, 1824)**



Figura 19- *Hypsiboas albopunctatus*.

Calamita fasciatus Schneider, 1799 (*nomen dubium, n. oblitum*), Hist. Amph. Nat.: 172; localidade-tipo: não designada.

Hyla boans Latreille, 1801, in Sonnini de Manoncourt & Latreille, Hist. Nat. Rept. 2: 184; localidade-tipo: Suriname.

Hyla albopunctata Spix, 1824, Spec. Nov. Test. Rana. Bras.: 33, est. 6, fig. 5; localidade-tipo: Belo Horizonte, MG (neótipo).

Hypsiboas albopunctatus --- Faivovich *et al.*, 2005, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist. (294): 86.

Diagnose – Coloração geral dorsal pardo-clara, com cabeça mais escura; no dorso aparecem manchas escuras fracas, irregulares, com uma estria vertebral fina, incompleta, que se repete nos lados do ventre; coxas com faixas escuras, fracas, pouco distintas; face posterior amarela marmoreada de preto.

Distribuição – Brasil central, sudeste e meridional para leste da Bolívia e Paraguai e nordeste da Argentina (Corrientes) e, para o sul, até o norte do Uruguai. No Estado, no planalto ocidental.

Exemplares – Mata, São Borja.



Figura 20- *Hypsiboas albopunctatus*.



Figura 21- *albopunctatus*.



Figura 22- *albopunctatus*.

***Hypsiboas bischoffi* (Boulenger, 1887)**

Hyla bischoffi Boulenger, 1887, Ann. Mag. Nat. Hist. 5, 20: 298; localidade-tipo: Mundo Novo, Taquara, RS.

Hypsiboas bischoffi —Faivovich et al., 2005, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist. (294): 88.

Diagnose – Coloração dorsal pardo oliva, finamente pontuada de pardo escuro e levemente escurecida sobre a cabeça; linha preta mediana desde focinho até ângulo do uróstilo nos machos; padrão pouco visível e formado de manchas escuras grandes e pequenas, irregulares em forma e disposição; estria escura cantal entre os olhos e cruzando sobre eles para trás, nos lados; encimada por halo claro; estria escura nos lados da perna e pé; Patas traseiras com face interna avermelhada ou violeta clara, com padrão de barras preto-azuladas nas coxas.

Distribuição – Brasil sudeste e sul, do RJ ao RS, nas partes mais altas e suas encostas do planalto oriental.

Exemplares – Barracão, Cambará do Sul, tati, Maquiné, São Francisco de Paula, Terra de Areia, Torres.



Figura 23- *Hypsiboas bischoffii* forrageando.



Figura 24- *Hypsiboas bischoffi*.



Figura 25- *Hypsiboas bischoffii* aposematia.



Figura 26- *Hypsiboas bischoffii*.

***Hypsiboas caingua* (Carrizo, 1991)**



Figura 27- *Hypsiboas caingua*.

Diagnose – Espécie pequena. Coloração dorsal pardacenta ora brancacenta ora pardo-clara; com três estrias escuras finas longitudinais que são falhadas e mesmo vestigiais, quase indistintas, ou mesmo pontuadas, diferença nítida de *H. polytaenius* (Cope, 1870), considerada semelhante, mas que apresenta linhas nítidas, contínuas. Coxas sem manchas nas faces externas.

Distribuição – Sudeste do Paraguai, nordeste da Argentina e noroeste do RS.

Exemplares – São Borja.

***Hypsiboas faber* (Wied-Neuwied, 1821)** (Sapo ferreiro, sapo martelo, ferreiro)

Hyla faber Wied-Neuwied, 1821, Reise Bras. 2: 249; localidade-tipo: Fazenda Santa Inês, BA.

Hypsiboas faber --- Wagler, 1830, Nat. Syst. Amph.: 201.



Figura 28- *Hypsiboas faber*.

manchas irregulares fracas. Coxas fracamente zebreadas. Uma fina estria escura interorbital e outra mediana dorsal que pode atingir o ângulo urostiliano.

Diagnose – Espécie de grande porte, até 100 mm de CRC. Cabeça grande, olhos algo voltados para diante. Pequeno espinho na base do polegar. Coloração geral dorsal parda clara, acinzentada ou amarelada, com ou sem manchas; quando manchada, estas são pardas, fracas, zebreadas finamente posteriormente ou toda ela, ou com



Figura 29- *Hypsiboas faber*.



Figura 30- *Hypsiboas faber* antes de saltar.

Irai, Itati, Linha Imperial, Mariano Pimentel, Nova Petrópolis, Pinhal da Serra, Planalto, Porto Alegre, São Francisco de Paula, São Jerônimo, Taquara, Tenente Portela, Terra de Areia, Torres, Três Cachoeiras, Triunfo, Vacaria, Viamão.

Não tem faixa escura lateral. Ventre branco, escurecido a preto na região gular do macho.

Distribuição – Brasil oriental a meridional atingindo sudeste do Paraguai e nordeste da Argentina (Misiones).

Exemplares – Arvorezinha, Barão, Barracão, Cambará do Sul, Campo Bom, Canela, Capão da Canoa, Dom Pedro de Alcântara, Farroupilha, Frederico Westphalen, Gravataí, Guaíba,



Figura 31- *Hypsiboas faber* vocalizando.

***Hypsiboas guentheri* (Boulenger, 1886)**
(Perereca verde)



Figura 32- *Hypsiboas guentheri*.

Hyla leucotaenia Günther, 1869, Proc. Zool. Soc. London 1868: 489; localidade-tipo: RS.

Hyla guentheri Boulenger, 1886 (nome substit. pro *H. leucotaenia* Günther, 1869), Ann. Mag. Nat. Hist. 5, 18: 445.

Hypsiboas guentheri --- Faivovich et al., 2005, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist. (294): 88.

Diagnose – Coloração geral dorsal verde sujo, com lados pardacentos; não há padrão, apenas fino pontuado melânico difuso no dorso; estria preta fina lateral desde o focinho até quase o fim do tronco encimada por linha branca lateral fina; essa dupla estria ornamenta os membros, externamente.



Figura 33- *Hypsiboas guentheri*.

Distribuição – Sudeste para o sul do Brasil até RS, onde ocorre nas partes baixas de nordeste da área.

Exemplares – Dom Pedro de Alcântara, Terra de Areia.

***Hypsiboas leptolineatus* (Braun & Braun, 1977)** (Perereca listada)

Hyla leptolineata Braun & Braun, 1977, Rev. Bras. Biol. 37: 853; localidade-tipo: Fortaleza dos Aparados, Cambará do Sul, RS.

Hypsiboas leptolineatus --- Faivovich, et al., 2005, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist. (294): 88.



Figura 34- *Hypsiboas leptolineatus*.



Diagnose – Porte pequeno. Coloração geral parda clara a amarelada, com fino estriamento longitudinal dorsal pardo escuro formado de linhas pontuadas.

Figura 35- *Hypsiboas leptolineatus*.

Faixa escura lateral desde os olhos até posteriormente, com o mesmo estriamento dorsal sobre a faixa; ventre branco. Gula escurecida no macho.



Figuras 36. *Hypsiboas leptolineatus* vocalizando.

Distribuição – Brasil meridional, PR e RS, pela Serra Geral. No Estado, apenas no planalto oriental.

Exemplares – Barracão, Cambará do Sul, Caxias do Sul, Lagoa Vermelha, Maquiné, Nova Petrópolis, Nova Prata, São Francisco de Paula, Vacaria, 15 de Novembro.



© Raquel R. Santos

Hypsiboas marginatus
(Boulenger, 1887)
(Perereca verde)

Hyla marginata Boulenger, 1887, Ann. Mag. Nat. Hist. 20: 298; localidade-tipo: Mundo Novo, Taquara, RS.

Hypsiboas marginatus — Faivovich et al., 2005, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist. (294): 88.

Figura 37- *Hypsiboas marginatus*.



Figura 38- *Hysiboas marginatus* vocalizando.

Diagnose – Até 60mm de CRC. Focinho alto, semelhante um *Phyllomedusinae*. Macho com antebraço reforçado, mais grosso que na fêmea. Coloração geral dorsal verde, com ou sem raros pontos ou manchas ocelares castanho-escuras; lábio branco. Estria pardo-escuro encimada por linha amarela viva, desde a ponta do

focinho até metade do lado ou vai até a virilha. Essa estria dupla reaparece nos membros, externamente. Ventre branco esverdeado.



Figura 39- *Hysiboas marginatus* aposematia.



Figura 40- *Hysiboas marginatus*.

Distribuição – Brasil meridional, do sul de SC ao norte do RS onde foi vista no planalto oriental e suas encostas.

Exemplares – Cambará do Sul, Lagoa Vermelha, Maquiné, São Francisco de Paula.

***Hypsiboas prasinus* (Burmeister, 1856)**



Figura 41- *Hypsiboas prasinus*.



Figura 42- *Hypsiboas prasinus* vocalização.

Hyla (Hyla) prasina Burmeister, 1856, Erläut. Faune Brasil.: 106; localidade-tipo: Nova Friburgo, RJ.

Hyla pulchella prasina --- Barrio, 1965, Physis 25: 117.

Hyla prasina --- Lutz, 1973, Braz. Spec. Hyla:83.

Hypsiboas prasinus --- Faivovich et al., 2005, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist. (294): 87.

Diagnose – Coloração dorsal parda imaculada, raramente aparecendo manchas irregulares fracas; linha lateral branca, da cabeça até fim do tronco, sem linha escura lateral. Tamanho: 40 mm.

Distribuição – Brasil sudeste, de MG, RJ, SP e RS, ocorrendo neste Estado no extremo nordeste elevado (Serra do Mar). Deve ocorrer nos Estados intermediários.

Exemplares – São José dos Ausentes.

***Hypsiboas pulchellus* (Duméril & Bibron, 1841)**
(Perereca pizzicato)



Figura 43- *Hypsiboas pulchellus*, morfo pardo.



Figura 44- *Hypsiboas pulchellus* dicromatismo.

Hyla pulchella Duméril & Bibron, 1841, Erpet. Gén. 8: 588; localidade-tipo: Montevideo, Uruguai.

Hyla leucotaenia Duméril & Bibron, 1841, Erpet. Gén. 8: 576; localidade-tipo: Montevideo, Uruguai.

Hyla agrestis Bell, 1843, Zool. Voyage Beagle 5: 46; localidade-tipo: Maldonado, Uruguai.

Hyla vauteri Bibron, 1843, in Bell, 1843, Zool. Voyage Beagle 5: 45; localidade-tipo: Maldonado, Uruguai.

Hyla bracteator Hensel, 1867, Arch. Naturgesch. 33: 159; localidade-tipo: RS.

Hyla pulchella pulchella --- Barrio, 1965, Physis 25: 121.

Hypsiboas pulchellus --- Faivovich et al., 2005, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist. (294): 88.



Figura 45- *Hypsiboas pulchellus* morfo verde.

Diagnose – Coloração geral dimórfica, parda ou verde; o morfo pardo pode ter manchas dorsais lacunares pardo-escuras, irregulares; faixa lateral escura e clara, sendo a branca a central, marginada finamente de preto superiormente e mais largamente inferiormente; essa mesma faixa reaparece nos membros, externamente.

Distribuição – Brasil sudeste ao Uruguai e para sudoeste ao Paraguai sudeste e Argentina setentrional e central.

Exemplares – Bagé, Barracão, Boçoroca, Cambará do Sul, Campo Bom, Canela, Capão da Canoa, Cidreira, Dom Feliciano, Dom Pedrito, Frederico Westphalen, Garruchos, General Câmara, Gravataí, Herveiras, Itapuã, Jaguarão, Lagoa Vermelha, Mata, Montenegro, Mostardas, Nova Prata, Osório, Palmares do Sul, Pelotas, Pinhal, Piratini, Porto Alegre, Rio Grande, Rio Pardo, Santa Cruz do Sul, Santa Maria, Santana do Livramento, Santa Rita do Sul, São Francisco de Paula, São José dos Ausentes, Taquara, Terra de Areia, Torres, Tramandaí, Triunfo, Vacaria, Viamão, Xangri-Lá.

Observação – Abundante na região de Porto Alegre e litorânea do norte, geralmente dentro das folhas aciculares de certas bromeliáceas, onde ficam protegidas pelos espinhos marginais das folhas longas e pontudas.

Hypsiboas aff. pulchellus

Hyla sp. Kwet, 2001a, Frösche Araukar.: 188.

Distribuição – Espécie encontrada no RS, no planalto oriental, em São Francisco de Paula (KWET & DI-BERNARDO, 1999).

***Hypsiboas semiguttatus* (Lutz, 1925)** (Perereca fantasia)

Hyla semiguttata Lutz, 1925, Compt. Rend. Seances Soc. Biol., Paris 93: 211; localidade-tipo: São Bento do Sul, SC (Duellman, 1977, Das Tierreich 95: 100).

Hypsiboas semiguttatus---Faivovich et al., 2005, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist. (294): 88.



Figura 46- *Hysiboas semiguttatus* morfo verde.

Diagnose – Porte médio. Coloração dorsal polimórfica, com a cor de fundo verde, parda ou cinzenta. O padrão varia de manchas pardo-escuras ou pretas, com fundo uniforme ou manchado, sempre delineadas de preto, dispostas em três séries longitudinais. Faixa lateral branca supra e inframarginada de preto, assim como na face externa dos membros, como *H. pulchellus*.



Figura 47- *Hysiboas semiguttatus* morfo pardo.

O morfo pardo tem o limite superior do lado formado de manchas quadrangulares que também atingem o lado dorsal. O lábio é branco.



Figura 48- *Hypsiboas semiguttatus* morfo verde.



Figura 49- *Hypsiboas semiguttatus* morfo pardo.

Distribuição – Região do planalto meridional do Brasil, em SC e RS para Misiones, Argentina. No Estado, registrada para quase todo o planalto oriental.

Exemplares – Arvorezinha, Bom Jesus, Caçapava do Sul, Camborá do Sul, São Francisco de Paula, São José dos Ausentes, Vacaria.



Figura 50- *Hypsiboas semiguttatus* o mesmo anterior em vista dorsal.



Figura 51- *Hypsiboas semiguttatus* morfo verde.

***Lysapsus* (Cope, 1862)**

Lysapsus Cope, 1862, Proc. Acad. Nat. Sci. Philadelphia 14: 155; espécie-tipo: *Lysapsus limellum* Cope, 1862.

Diagnose – Porte pequeno; membranas interdigitais posteriores bem desenvolvidas. Cor esverdeada, topo do focinho claro, coloração dorsal fracamente estriada, com manchas contínuas e/ou interrompidas; faixa escura na face interna das coxas.

Representação – Apenas *L. limellum*.

***Lysapsus limellum* (Cope, 1862)** (Rã boiadeira pequena)

Lysapsus limellum Cope, 1862, Proc. Acad. Nat. Sci. Philadelphia 14: 155; localidade-tipo: Corumbá, Rio Paraguai, MT (Cope, 1862, Proc. Acad. Nat. Sci. Philadelphia 14: 351).

Distribuição – Bolívia. Paraguai, Argentina setentrional ao Uruguai. Provavelmente no RS ocidental, ou a noroeste pelo menos.



Figura 52- *Lysapsus limellum*.



Figura 53- *Lysapsus limellum* vocalizando.

***Pseudis* (Wagler, 1830)**
(Boiadeira)

Pseudis Wagler, 1830, Nat. Syst. Amph.: 203; espécie-tipo: *Rana paradoxa* Linnaeus, 1758.

Pseudes --- Leunis, 1860 (erro pro *Pseudis*), Synops. Drei Naturr., Zool., Ed. 2: 148. *Batrachychothys* Pizarro, 1876, Arq. Mus. Nac. Rio Jan. 1: 34; espécie-tipo: não indicada [com base em larvas de *P. paradoxa* (Linnaeus, 1758)].

Diagnose – Apresenta cintura arciferal. Dentes palatinos presentes. Falanges com elementos intercalares ossificados entre a última e a penúltima falange. Apresentam membranas interdigitais. São semelhantes às do gênero *Dendropsophus*.

Composição – *P. cardosoi*, *P. minutus*.

Chave para as espécies:

a. Focinho longo, alto e arredondado. Polegar muito gordo na base; ponta dos dedos delgada. Coxa com faixa desde o ânus até o fim da face interna da coxa.....*P. cardosoi*.

b. Focinho curto, truncado e anguloso. Polegar pouco gordo na base; ponta dos dedos globosa. Coxa com três faixas escuras completas e duas incompletas.....*P. minutus*.

***Pseudis cardosoi* (Kwet, 2000)**
(Rã boiadeira)

Pseudis cardosoi Kwet, 2000, Amphibia-Reptilia 21: 41; localidade-tipo: Reserva Pró-Mata, PUCRS, São Francisco do Sul, RS.



Figura 54- *Pseudis cardosoi*.

Diagnose – Focinho longo e alto, com ponta arredondada. Dedo polegar muito gordo na base; ponta dos dedos delgada, não dilatada. Face interna das coxas com uma faixa evidente, desde o ânus passando por toda a coxa. Sua vocalização é forte e a faz boiando.



Figura 55- *Pseudis cardosoi* (Kwet & Di Bernardo, 1999).

Distribuição – Conhecida da região da Serra Geral.

Exemplares – Cambará do Sul, São Francisco de Paula, São José dos Ausentes, Vacaria.

***Pseudis minutus* (Günther, 1858)**
(Boiadeira comum meridional)



Figura 56- *Pseudis minutus* namorando.

Pseudis minuta Günther, 1858, Arch. Naturgesch. 24: 319; Maldonado, Uruguai (KLAPPENBACH, 1985).

Lysapsus mantidactyla Coep, 1862, Proc. Acad. Nas. Sci. Phila. 14: 352; localidade-tipo: Buenos Aires, Argentina.

Pseudis brasiliensis Peters, 1863 (*nomen nudum*), Monatsber. Akad. Wiss. Berlin 1863: 76.

Pseudis mantidactyla --- Boulenger, 1882, Cat. Batr. Sal., Ed. 2: 187.

Pseudis meridionalis Miranda-Ribeiro, 1926, Arq. Mus. Nac. R. Janeiro 27: 27; localidade-tipo: provavelmente Torres, RS (BOKERMANN, 1966:87).

Pseudis minutus --- Savage & Carvalho, 1953, Mandíbula (N. York) 38: 193.

Lysapsus mantidactylus --- Gallardo, 1961, Bull. Mus. Comp. Zool. 125: 124.

Diagnose – Focinho curto, anguloso e truncado. Polegar pouco gordo na base; ponta dos dedos globosa. Face interna das coxas com três fixas completas e 1 a 2 incompletas.

Distribuição – Brasil meridional, de SC ao Uruguai e nordeste da Argentina. No Estado, em todas as partes baixas.

Exemplares – Caçapava do Sul, Cambará do Sul, Candiota, Canela, Capão da Canoa, Carlos Barbosa, Cidreira, Gravataí, Guaíba, Lagoa Vermelha, Montenegro, Mostardas, Osório, Pelotas, Pinhal, Piratini, Porto Alegre, Quarai, Rio Grande, Rio Pardo, Rosário do Sul, Santa Maria, Santana do Livramento, Santo Antonio da Patrulha, São Francisco de Paula, Taquara, Tenente Portela, Terra de Areia, Torres, Tramandaí, Triunfo, Vacaria, Viamão.

Scinax (Wagler, 1830)

Scinax Wagler, 1830, Nat. Syst. Amph.:201; espécie-tipo: *Hyla aurata* Wied-Neuwied, 1821 (Stejneger, 1907. Bull. U. S. Nat. Mus. 58: 75).

Ololygon Fitzinger, 1843, Syst. Rept.: 31; espécie-tipo: *Hyla strigilata* Spix, 1824.

Ololygon --- Miranda-Ribeiro, 1923 (erro pro *Ololygon* Fitzinger, 1843), Rev. Mus. Paulista 13: 826.

Garbeana Miranda-Ribeiro, 1926, Arq. Mus. Nac. R. Janeiro 27: 67, 95; espécie-tipo: *Garbeana garbei* Miranda-Ribeiro, 1926.

Diagnose – Relativamente pequena, com focinho fino e alongado, projetado sobre mandíbula; corpo alongado. Pele ventral granular. Tímpano distinto e pupila elíptica horizontal. Machos com saco vocal único, subgular.

Representação – *S. aff. alter*, *S. berthae*, *S. catharinae*, *S. fuscovarius*, *S. granulatus*, *S. perereca*, *S. rizibilis*, *S. squalirostris*, *S. uruguayus*.

Chave para as espécies:

1a. Parte dorsal do focinho amarelo-dourado; coloração geral dorsal pardo-cinza, com manchas pretas ovais.....*S. uruguayus*.

1b. Parte dorsal do focinho da mesma cor do resto do corpo; coloração dorsal pardo a pardo-amarelada com manchas, não ovais.....2.

2a. Faixa dorsal escura iniciando na linha interorbital e marginada de linha amarela dos lados.....*S. aff. Alter*.

- 2b. Sem faixa central escura.....3.
- 3a. Dorso de coloração lisa apenas com faixa branca lateral marginada de escuro supra e inferiormente.....4.
- 3b. Sem faixa branca lateral.....5.
- 4a. Estria branca lateral estreita; estria interorbital presente.*S. aff. Squalirosris*.
- 4b. Estria branca lateral larga (faixa); sem estria interorbital*S. squalirostris*.
- 5a. Mancha interorbital ausente.....6.
- 5b. Mancha interorbital presente.....7.
- 6a. Dorso com fino e irregular pontuado, sem manchas nítidas*S. granulatus*.
- 6b. Dorso pardo-amarelado com algumas manchas pretas lineares oblíquas.....*S. perereca*.
- 7a. Mancha interorbital linear. Dorso com, geralmente, duas manchas lineares em V com vértice para diante.....*S. fuscovarius*.
- 7b. Mancha interorbital larga. Sem manchas em V no dorso.....8.
- 8a. Uma faixa pardo-escuro de cada lado do dorso.....*S. berthae*.
- 8b. Sem faixa escura lateral.....9.
- 9a. Desenho dorsal pouco distinto de pontos pequenos irregulares*S. catharinae*.
- 9b. Padrão dorsal de poucas linhas irregulares tendendo à obliquidade.....*S. rizibilis*
- 9c. Padrão dorsal de manchas arredondadas, poucas e irregulares*S. nasicus*.

Scinax aff. alter

Hyla rubra altera --- Braun & Braun, 1980, Iheringia, Zool. (56): 128.

Hyla altera ---- Lema & Braun, 1993, Rev. Bras. Zool. 10 (2): 273.

Oolygon rubra altera --- Mainieri & Gayer, 1996, Actas II Congr. Latinoamer. Herp. 2: 302.

Scinax aff. altera --- Kwet, 1997, Elaphe 5 (4): 65. *Scinax* sp. n. --- Kwet & Di-Bernardo, 1999, Anf. Pró-Mata: 54.



Figura 57- *Scinax aff. alter* (A. Kwet).

Diagnose – Espécie encontrada no Estado em Cambará do Sul e no Morro do Coco, em Viamão e assim referenciada por KWET (2001), apresentando uma faixa escura centro-dorsal marginada de linha preta e halo amarelo lateral; a faixa escura dorsal inicia entre as órbitas. LEMA & BRAUN (1993) indicam com esse nome, exemplares colhidos em Osório (Emboabas) e Torres (Itapeva), que podem ter em comum apenas a presença da Floresta Atlântica. A espécie *Scinax alter* (Lutz, 1973) foi indicada para região costeira do ES ao PR (FROST, 2007), mas, pelo que se pode depreender de KWET (2001), a espécie ocorrente nesse extremo da área seria uma espécie por descrever. A espécie mais próxima parece ser *Scinax catharinae*, em cuja sinonímia estava alocada (Carvalho e Silva & Peixoto, 1991, Rev. Bras. Biol. 51: 268).



Figura 58- *Scinax aff. alter*.

Exemplares – Arroio do Sal, Arroio Teixeira, Barracão, Barra do Ribeiro, Bom Jesus, Caçapava do Sul, Cambará do Sul, Capão da Canoa, Cidreira, Dom Pedro de Alcântara, Guaíba, Porto Alegre, São Francisco de Paula, Terra de Areia, Torres, Uruguaiiana, Vacaria, Viamão.

***Scinax berthae* (Barrio, 1962)**



Figura 59- *Scinax aff. berthae* (Kwet & Di Bernardo, 1999).

Hyla berthae Barrio, 1962, Physis 23 (65): 137; localidade-tipo: Punta Lara, Buenos Aires, Argentina.

Oloolygon berthae --- Fouquette & Delahoussaye, 1977, J. Herp. 11 (4): 393.

Scinax berthae --- Duellman & Wiens, 1992, Occas. Pap. Mus. Nat. Hist. Univ. Kansas 151: 10, 21.

Scinax cf. berthae --- Kwet & Di-Bernardo, 1999, Anf. Pró-Mata: 42.

Diagnose – Maxila projetada além da mandíbula. Dentes vomerinos presentes. Região loreal côncava. Tímpano externo. Diâmetro ocular menor que sua distância à ponta do focinho. Distância interorbital é o dobro da largura da pálpebra superior. Cor dorsal pardo-amarelada ou pardo-escura. Faixa pardo-escura larga de cada lado do dorso; faixa escura interorbital. Uma faixa escura de cada lado do tronco. Faixas escuras largas nos membros.

Distribuição – Brasil meridional para o Uruguai e para o Paraguai oriental e nordeste da Argentina. No Estado, nas partes altas e baixas.

Exemplares – Caçapava do Sul, Cidreira, Dom Pedro de Alcântara, Estrela, Gravataí, Montenegro, Porto Alegre, Porto da Faxina, Santa Cruz do Sul, São Borja, São Francisco de Paula, Tapes, Torres, Tramandaí, Triunfo.

***Scinax catharinae* (Boulenger, 1888)**



Figura 60- *Scinax catharinae*

Hyla catharinae Boulenger, 1888, Ann. Mag. Nat. Hist. 6, 1: 417; localidade-tipo: Serra do Catarina, SC.

Hyla strigilata catharinae --- Gallardo, 1961, Comun. Mus. Arg. Ci. Nat. 3: 152.

Hyla catharinae catharinae --- Lutz, 1973, Braz. Anf. Hyla: 184.

Ololygon catharinae --- Fouquette & Delahoussaye, 1977, J. Herpetol. 11: 392.

Hyla flavoguttata --- Braun, 1978, Iheringia, Zool. (51): 43.

Scinax catharinae --- Duellman & Wiens, 1992, Occas. Pap. Univ. Kansas 151: 6, 21.



Figura 61- *Scinax catharinae*

Diagnose – Coloração dorsal parda, com manchas lineares irregulares, incompletas, de complexa estrutura, mas constituída de manchas finas, interligadas ou não, formando complexa rede. Mancha parda interorbital.

Distribuição – Brasil oriental e meridional pela Serra do Mar e Serra Geral. No Estado no planalto e elevações.

Exemplares – Canela, Gramado, São Francisco de Paula.



Figura 62- *Scinax catharinae* mão em vista ventral.

***Scinax fuscovarius* (Lutz, 1925)**
(Raspa cuia, perereca dos banheiros)

Hyla fuscovaria Lutz, 1925, Comp. Rend. Sc. Soc. Biol., Paris 93 (22): 212; localidade-tipo: Água Limpa, Juiz de Fora, MG.

Hila fuscovaria --- Braun & Braun, 1974 (erro pro Hyla; parte), Iheringia, Zool. (45): 38.

Ololygon fuscovaria --- Fouquette & Delahoussaye, 1977, J. Herpet. 11 (4): 392.



Scinax fuscovaria --- Duellman & Wiens, 1992, Occas. Pap. Univ. Kansas Mus. Nat. Hist. 151: 22.

Scinax fuscovarius --- Köhler & Böhme, 1996, Rev. Franc. Aquar. 23 (3-4): 139.

Figura 63- *Scinax fuscovarius*

Diagnose – Atinge até 40 mm de CRC. Discos digitais relativamente grandes. Coloração dorsal pardo-cinza a oliva, com lados amarelados, e manchas lineares dorsais em V ou X ou II, geralmente em forma de V dispostas em série na linha vertebral. Mancha interorbital linear, diferindo nisso das demais espécies. Coxas geralmente manchadas, com partes ocultas amareladas.



Figura 64- *Scinax fuscovarius*

Distribuição – Brasil sudeste e sul para a Bolívia, Paraguai e Argentina setentrional, por terras elevadas de 150 a 1800 m de altura. Todo o Estado.

Exemplares – Alecrim, Bagé, Barão do Triunfo, Barracão, Boçoroca, Caçapava do Sul, Cai, Cachoeira do Sul, Cambará do Sul, Campo Bom, Candelária, Candiota, Canela, Carlos Barbosa, Caxias do Sul, Cidreira, Derrubadas, Dom Pedro de Alcântara, Eldorado do Sul, Estrela, Frederico Westphalen, Garruchos, General Câmara, Gravataí, Guabiju, Guaíba, Guaporé, Herveiras, Lagoa Vermelha, Lajeado, Linha Imperial, Mata, Montenegro, Nonoai, Nova Petrópolis, Osório, Pelotas, Pinhal da Serra, Pirapó, Porto Alegre, Porto da Faxina, Porto Vera Cruz, Porto Xavier,

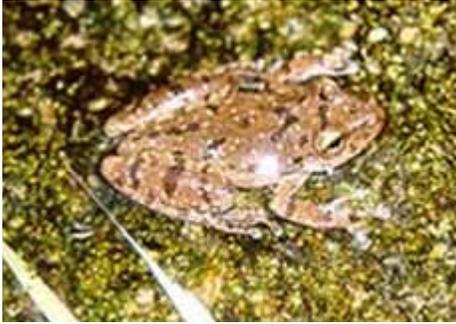


Figura 65- *Scinax fuscovarius*

Quarai, Rio Pardo, Roca Sales, Rosário do Sul, Sananduva, Santa Cruz do Sul, Santa Maria, Santana do Livramento, Santo Cristo, São Francisco de Paula, São Nicolau, São Sepé, Sapucaia do Sul, Tapes, Taquara, Tenente Portela, Terra de Areia, Torres, Tramandaí, Triunfo, Tupanciretã, Vacaria, Viamão.



Figura 66- *Scinax fuscovarius*.

***Scinax granulatus* (Peters, 1871)**

Hyla granulata Peters, 1871, Monatsber. Preuss. Akad. Wiss. Berlin 1871: 651; localidade-tipo: Porto Alegre, RS.

Hyla strigilata eringiophila Gallardo, 1961, Comun. Mus. Argent. Ci. Nat., Ci. Zool. 3 (5): 147; localidade-tipo: Bella Vista, Buenos Aires, Argentina.

Hyla eriongiphila --- Lutz, 1973, Braz. Spec. Hyla: 139.

Hyla x-signata eringiophila --- Lutz, 1973, Braz. Spec. Hyla: 148.

Oolygon x-signata eringiophila --- Gudynas, 1983, Res. Comun. J. Cienc. Nat., Montevideo 3: 93.

Oolygon x-signata --- Frost, 1985 (parte), Amph. World: 166.

Oolygon eringiophila --- Gudynas & Rudolf, 1987, C. E. D. Orione Contrib. Biol., Montevideo 9: 179.

Hyla vauterii --- Klappenbach & Langone, 1992, An. Mus. Hist. Nat. Montevideo 2, 8: 184.

Hyla pulchella --- Bauer, Günther & Klipfel, 1995, Herp. Contrib. W. C. H. Peters: 42.

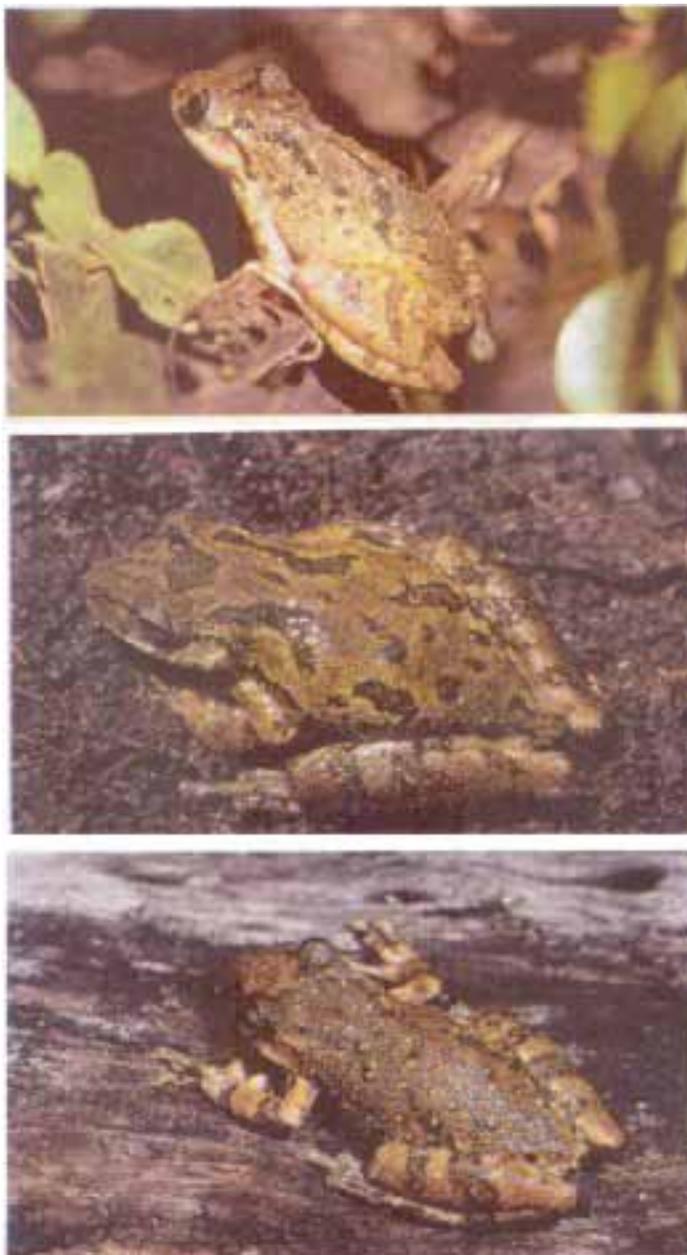


Figura 67- *Scinax granulatus*.

Scinax eringiophila --- Langone & Cardoso, 1997 (erro de *eringiophilus*), Comun. Zool. Mus. Hist. Nat. Montevideo 12 (187): 1.

Scinax granulatus --- Kwet, 2001b. Salamandra 37 (4): 230.



Figura 68- *Scinax granulatus*; detalhe: vocalização.

Diagnose – Focinho truncado (visto de perfil). Tímpano externo. Pele finamente granulada (rugosa), principalmente na região orbital, sobre pálpebras, entre os olhos e os lados do tronco. Dedos das mãos totalmente livres; dedos dos pés com membrana interdigital até metade do mesmo; mão com o quarto dedo mais longo que o segundo e sem pollex. Coloração dorsal pardo-clara a amarelada, com desenho dorsal indistinto, ou pequeno, irregular, formado de pontos; sem mancha interorbital. Ventre imaculado.

Distribuição – Sul do Paraguai para a Argentina nordeste e daí para o RS e Uruguai.

Exemplares – Arvorezinha, Bagé, Caçapava do Sul, Cambará do Sul, Candiota, Canela, Canguçu, Canoas, Caxias do Sul, Cerrito, Dom Feliciano, Farroupilha, General Câmara, Gravataí, Herveiras, Itaúba, Linha Imperial, Montenegro, Nova Petrópolis, Porto Alegre, Porto da Faxina, Quaraí, Santa Cruz do Sul, Santa Maria, São Francisco de Paula, São Jerônimo, São José dos Ausentes, Tapes, Taquara, Torres, Três Coroas, Triunfo, Uruguiana, Vacaria, Viamão.

***Scinax nasicus* (Cope, 1862)**
(Raspa cuia)



Figura 69- *Scinax nasicus*.

Hyla nasica Cope, 1862, Proc. Acad. Nat. Sci. Phila. 14: 354; localidade-tipo: Paraguai (MULLER & HELLMICH, 1936, Wiss. Ergebn. Deut. Gran Chaco Exped., Amph. Rept.: 67).

Hyla nigra Cope, 1887, Proc. Amer. Phil. Soc. Phila. 24: 47; localidade-tipo: Chapada dos Guimarães, MT (BOKERMANN, 1966: 57).

Hylella anisitsi Méhely, 1904, Ann. Hist. Nat. Mus. Natl. Hungarici 2: 229; localidade-tipo: Vila Sana, próxima a Asunción, Paraguai.

Hyla geographica --- Bokermann, 1966, Lista Local. Anf. : 57.

Hyla x-signata nasica --- Lutz, 1973, Braz. Spec. Hyla: 143.

Hila fuscovaria --- Braun & Braun, 1974 (erro pro Hyla; parte), Iheringia, Zool. (45): 38.

Ololygon nasica --- Fouquette & Delahoussaye, 1977, J. Herpet. 11 (4): 393.

Scinax nasica --- Duellman & Wiens, 1992, Occas. Pap. Univ. Kansas 151: 23.

Diagnose – Mancha interorbital nítida. Dorsos pardo uniforme ou com desenho de poucas manchas pequenas, irregularmente espalhadas e pouco distintas. Coxas com faixas escuras nítidas. Linha escura falhada da narina ao tímpano e lados da cabeça.

Distribuição – Brasil meridional ao Uruguai e, para sudoeste, para a Bolívia oriental, Paraguai e Argentina até Buenos Aires. No RS a nordeste e norte, tanto em terras altas como em baixas.

***Scinax perereca* (Pombal, Haddad & Kasahara, 1995)**



Figura 70- *Scinax perereca*.

Hyla hayii --- Braun & Braun, 1976, Comun. Mus. Ci. PUCRS (10): 8.

Scinax perereca Pombal, Haddad & Kasahara, 1995, J. Herpet. 29 (1): 1; localidade-tipo: Fazendinha São Luis, Ribeirão Branco, SP.

Ololygon hayii --- Mainieri & Gayer, 1996, Actas II Congr. Latinoam., Mérida 2: 302.

Diagnose – A tíbia é pouco maior que o fêmur. Coloração geral parda imaculada ou com poucos e fracas manchas. Mancha escura interorbital ausente.

Distribuição – Conhecida de SP e RS no Brasil e em Misiones, Argentina. Provavelmente, deve ocorrer no Brasil meridional para o nordeste da Argentina. No Estado nas partes altas e baixas do norte e nordeste.

Exemplares – Cambará do Sul, Candiota, Derrubadas, São Francisco de Paula, Terra de Areia.

Observação – KWET (2001b) sugeriu que a espécie indicada por BRAUN & BRAUN (1976, 1980) seja dessa espécie, e não como aqueles autores determinaram. *Scinax hayii* ocorre em SC.

***Scinax rizibilis* (Bokermann, 1964)**

Hyla rizibilis Bokermann, 1964, Rev. and. Biol. 24 (4): 430; localidade-tipo: Campo Grande, Santo André, SP.

Hyla mirim Lutz, 1973, Bol. Mus. Nac. R. Janeiro, Zool. 288: 3; localidade-tipo: Rio Vermelho, São Bento do Sul, SC.

Ololygon rizibilis ---Fouquette & Delahoussaye, 1977, J. Herpet. 11 (4): 394.

Scinax rizibilis ---Duellman & Wiens, 1992, Occas. Pap. Univ. Kansas 151: 23.

Diagnose – Espaço interorbital maior que a largura de cada pálpebra



Figura 71- *Scinax rizibilis*.

superior. Tíbia pouco maior que fêmur. Coloração dorsal castanho-amarelada com suave tom bronzeado e poucas faixas oblíquas incompletas. Região gular salpicada de preto. Coxas com três manchas grandes e faixas escuras finas nas pernas.

Distribuição – De SP ao RS, pelo planalto oriental. No Estado nas partes baixas de nordeste.

Exemplares – Itati, Terra de Areia.

***Scinax squalirostris* (Lutz, 1925)** (Rã vermelha, rã listada, perereca bicuda)

Hyla squalirostris Lutz, 1925, Comp. Rend. Sc. Soc. Biol., Paris 93 (22): 212; localidade-tipo: Fazenda do Bonito, Serra da Bocaina, São José do Barreiro, SP (BOKERMANN, 1966: 62).

Hyla lindneri Müller & Hellmich, 1936, Wiss. Ergebn. Deut. Gran Chaco Exped., Amph. Rept.: 63; localidade-tipo: Formosa, Formosa, Argentina (Lavilla, 1994, Acta Zool. Liloana 42: 73).

Hyla evelynae Schmidt, 1944, Field Mus. Nat. Hist. Publ., Zool. 29 (9): 156; localidade-tipo: Hacienda Alvarez, 15 km nordeste de San Carlos, Uruguai.

Hyla squalirostris evelynae ---Klappenbach, in Klappenbach & Orejas-Miranda, 1969, Nuetra Tierra 11: 26.

Ololygon squalirostris ---Fouquette & Delahoussaye, 1977, J. Herpet. 11: 393.

Scinax squalirostris ---Duellman & Wiens, 1992, Occas. Pap. Mus. Nat. Hist. Univ. Kansas 151: 23.

Diagnose – Focinho notadamente fino e alongado. Dentes vomerinos presentes. Dedos dos pés com membrana interdigital até metade de cada dedo. Coloração dorsal pardo-rosada clara, com um par de estrias brancas látero-dorsais, marginada de escuro, desde o focinho até a virilha, o que lhe é peculiar. Coxas de cor uniforme, pernas pontuadas.

Distribuição – Brasil meridional para oeste e sul, atingindo Bolívia, Paraguai meridional e Argentina setentrional, bem como no Uruguai. Na Bolívia foi encontrada isoladamente em vale ocidental entre os Andes (FROST, 2007). Encontrada em todo o Estado.

Exemplares – Boçoroca, Cambará do Sul, Candiota, Capão da Canoa, Cidreira, General Camara, Jaguarão, Osório, Pelotas, Pinhal, Porto Alegre, Rio Grande, Santa Cruz do Sul, Santa Maria, São Borja, São Francisco de Paula, São José dos Ausentes, Terra de Areia, Torres, Tramandaí, Vacaria, Viamão.



Figura 72- *Scinax squalirostris*.



Figura 73- *Scinax squalirostris*.

Scynax aff. squalirostris

Diagnose – Semelhante à *S. squalirostris*, diferindo pela estria interocular presente nessa espécie e faixas claras laterais estreitas, enquanto que naquela são largas, como faixas.

Distribuição – Região de São Francisco de Paula (RS).

Exemplares – Pró-Mata (MCP).

***Scynax uruguayus* (Schmidt, 1944)**

(Perereca do focinho dourado, bico amarelo)

Hyla uruguayana Schmidt, 1944, Field Mus. Nat. Hist. Publ., Zool. Ser. 29: 153; localidade-tipo; Quebrada de los Cuervos, Treinta y Três, Uruguai.

♂ *Hyla pinima* --- Braun & Braun, 1981, Iheringia, Zool. (57): 114.

Scynax uruguayus --- Faivovich et al., 2005, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist. (294): 96.

Diagnose – O focinho de cor amarelo dourado em cima é peculiar dessa espécie. Coloração dorsal pardo-cinza, com manchas pretas ovais dispostas longitudinalmente.

Distribuição – Do sul de SC ao norte do Uruguai (Treinta y Três, Cerro Largo, Tacuarembó). No Estado tem sido encontrada nas partes altas e baixas de nordeste.

Exemplares – Cambará do Sul, Candiota, São Francisco de Paula.

Observação – É provável que *H. pinima* Bokermann & Sazima, 1973 seja sinônimo de *S. uruguayus*, segundo ETEROVICK & SAZIMA (2004, p. 53). O tipo



Figura 74- *Scynax uruguayus*.

daquela é da Serra do Cipó, MG, não tendo sido registrada nos Estados brasileiros intermediários e, como SP é o Estado mais trabalhado do ponto de vista herpetológico, com maiores coleções, poderia se tratar de uma distribuição disjunta.



Figura 75- *Scinax uruguayus* (Kwet & Di Bernardo, 1999).

Scinax sp.

Figura 76- *Scinax sp. n.* (Kwet & Di Bernardo, 1999).

Espécie encontrada por KWET & DI-BERNARDO (1999) na reserva Pró-Mata e por eles ilustrada. Sua aproximação com *S. squalirostris* não procede porque difere pelo focinho bem mais curto e largo, pela região dorsal escurecida e delimitada por linha escura, iniciando entre as órbitas, além de cor geral dorsal mais escura.

Distribuição – São Francisco de Paula (RS).

Exemplares – Pró-mata (MCP).

***Sphaenorhynchus* (Tschudi, 1838)**

Sphaenorhynchus Tschudi, 1838, Classif. Batr.: 28; espécie-tipo: *Hyla* andíb Daudin, 1802.

Sphaenorhynchus ---Duméril & Bibron, 1841 (correção pro *Sphaenorhynchus* Tschudi, 1838), Erpet. Gén. 8: 612.

Hylopsis Werner, 1894, Zool. Anz. 17: 156; espécie-tipo: *Hylopsis platycephalus* Werner, 1894.

Sphaenorhynchus ---Lutz & Lutz, 1938 (erro pro *Sphaenorhynchus* Tschudi, 1838), An. Acad. Brasil. Ci. 10: 175.

Sphaenohyla Lutz & Lutz, 1938 (nome substit. pro *Sphaenorhynchus* Tschudi, 1838), An. Acad. Brasil. Ci. 10: 178.

Diagnose – Dentição maxilar reduzida; dentes vomerinos muito pequenos. Pupila horizontal. Focinho cuneiforme, muito curto. Saco vocal posterior, quase no meio do peito. Com membrana interdigital nos pés. Coloração dorsal verde. Vive na água.

Representação – *S. surdus*.

***Sphaenorhynchus surdus* (Cochran, 1953)** (Perereca verde do brejo)

Hyla aurantiaca surda Cochran, 1953, Herpetológica 8: 112: localidade-tipo: Curitiba, PR.

Sphaenohyla surda --- Goin, 1957, Caldasia 8: 24.

Sphaenorhynchus surdus --- Bokermann, 1966, Lista Anot. Local. Tipos Anf. Brasil.: 45.

Sphaenorhynchus surdus --- Rivero, 1969, Copeia 1969: 702.

Diagnose – Coloração verde-clara, região do rosto, abaixo da linha branca, é verde, enquanto na região dorsal do corpo é verde-amarelada. Linha branca escurecida inferiormente, lateral, desde o focinho até atrás; algumas manchas escuras pequenas, irregulares e irregularmente espalhadas no meio do dorso.

Distribuição – Região oriental meridional do Brasil, na parte elevada de Curitiba, PR, para SC, no planalto meridional. Encontrado no RS a nordeste, tanto nas partes altas como nas baixas, habitando a Mata Atlântica.



Figura 77- *Sphaenorhynchus surdus*.

Exemplares – Capão da Canoa, Dom Pedro de Alcântara, São José dos Ausentes, Torres.

Observação 1 – Os poucos exemplares visualizados no Estado diferem do material tipo que é do PR, podendo ser outra espécie, apresentando-se verde-oliva, escurecida, com raros pontos escuros sobre o dorso, a linha branca muito fina e o focinho menor que aquelas do PR.

Observação 2 – Tombada no Livro Vermelho (GARCIA & VINCI-GUERRA, 2003).



Figura 78- *Sphaenorhynchus surdus*.

***Trachycephalus* (Tschudi, 1838)**
(Pererecas gosmentas, cabeças ásperas)

Trachycephalus Tschudi, 1838, Classif. Batr.: 33, 74.

Phrynohyas Fitzinger, 1843. Syst. Rept.:30; espécie-tipo: *Hyla zonata* Spix, 1824 (= *Rana venulosa* Laurenti, 1768).

Scytopsis Cope, 1862, Acad. Nat. Sci. Phila. 14: 354; espécie-tipo: *Scytopsis hebes* Cope, 1862.

Tetapriion Stejneger & Test, 1891, Proc. U. S. Natl. Mus. 14: 167; espécie-tipo: *Tatrapriion Jordani* Stejneger et Test, 1891.

Diagnose – Porte médio a grande. Cabeça ossificada, concrecente com a pele formando reborda occipital; nos adultos aparecem pontas laterais posteriores. Pupila horizontal. Hábito cavícola. Segregam substância viscosa e adesiva.

Representação – *T. mesophaeus*, *T. imitatrix*.

Chave para as espécies encontradas:

- a. Faixa amarela lateral marginada de preto desde o olho; coxas imaculadas ou levemente manchadas.....*T. mesophaeus*.
b. Dorso com círculos marginados de claro e escuro; coxas fortemente manchadas de faixas escuras transversais marginadas de creme*T. imitatrix*.

***Trachycephalus imitatrix*. (Miranda-Ribeiro, 1926)**

Hyla imitatrix Miranda-Ribeiro, 1926, Arq. Mus. Nac. Rio Jan. 27: 77; localidade-tipo: Teresópolis, Serra dos Órgãos, RJ.

Phrynohyas imitatrix --- Bokermann, 1966: 52.

Phrynohyas imitatrix --- Kwet & Di-Bernardo, 1999: 40, figs. 52-54.

Phrynohyas sp. Kwet, 2001, Frösche Brasil. Araukar.: 188.

Trachycephalus imitatrix --- Faivovich, Haddad, Garcia, Frost, Campbell & Wheeler, 2005, Bull. Am. Mus. Nat. Hist. 294: 111.

Diagnose – Encontrada na reserva Pró-Mata. As coxas têm faixas castanho-escuras marginadas de branco e o dorso é castanho-olivácea; apresenta círculos escuros delimitados por linha castanho-escura e orla-dos de claro. Está sendo descrita como *sp. n.* por Axel Kwet.

Distribuição – RJ, SP, RS, no Brasil, e Misiones, Argentina.

Exemplares – Cambará do Sul, São Francisco de Paula.

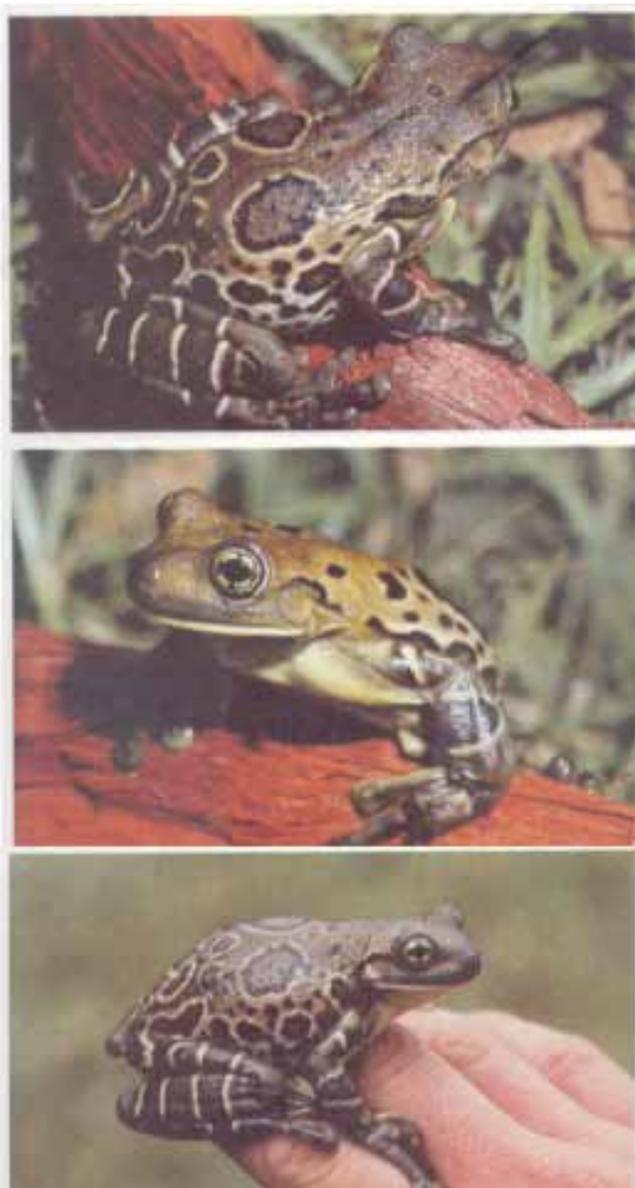


Figura 79- *Trachycephalus imitatrix* (Kwet & Di Bernardo, 1999).

***Trachycephalus mesophaeus* (Hensel, 1867)**
(*Perereca gosmenta*)



Figura 80- *Trachycephalus mesophaeus*.

Hyla mesophaea Hensel, 1867, Arch. Naturgesch. 33: 154; localidade-tipo: Porto Alegre, RS (Duellman, 1977, Das Tierreich 95: 154).

Phrynohyas mesophaea --- Bokermann, 1966: 55.

Trachycephalus mesophaeus --- Faivovich et al., 2005, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist. (294): 111.



Figura 81- *Trachycephalus mesophaeus*.



Figura 82- *Trachycephalus mesophaeus*.

Diagnose – Porte médio. Coloração geral parda, com faixa amarelada lateral delimitada por linha preta que inicia na linha interorbital; a cor de fundo, lados e focinho claros.

Distribuição – De Salvador, BA, ao RS pela Floresta Atlântica. Vista no Estado nas partes baixas da região de Porto Alegre e municípios que seguem para a Encosta da Serra.

Exemplares – Dom Pedro de Alcântara, Itati, Lajeado, Maquiné, Porto Alegre, São Leopoldo, Terra de Areia, Três Coroas, Triunfo.

***Phyllomedusinae* (Günther, 1858)** (Pererecas-macaco, pererecas acrobatas)

Phyllomedusidae Günther, 1858, Proc. Zool. Soc. London 1858: 346.

Phyllomedusinae --- Miranda-Ribeiro, 1926, Arq. Mus. Nac. RJ 27: 64.

Pithecopinae Lutz, 1969, Acta Zool. Lilloana 24: 274.

Diagnose – Grande porte, membros muito longos. A cabeça é muito alta e o focinho muito curto. Pupila vertical. Os dedos são livres e os dedos internos são oponíveis; como primatas; adaptação à vida arbórea; discos

terminais têm membranas em volta (palmeados). A coloração dominante é verde, dorsalmente, com os lados do corpo e das coxas de cor vermelha ou laranja, com ou sem faixas e/ou pontos pretos contrastantes. Faz a postura em folhas fechadas em cone. Dificilmente salta, espichando-se para passar de um ramo ou folha, para outro, esticando-se, ficando em posições forçadas, como faz um contorcionista.

Representação – Na área apenas pelo gênero *Phyllomedusa*.

***Phyllomedusa* (Wagler, 1830)**

(Pererecas acrobatas, “monkeys tree-frogs”, pererecas macacos)

Phyllomedusa Wagler, 1830, Nat. Syst. Amph.: 201; espécie-tipo: *Rana bicolor* Boddaert, 1772.

Pithecopus Cope, 1866, J. Acad. Nat. Sci. Phila. 2, 6: 86; espécie-tipo: *Phyllomedusa azurea* Cope, 1862 (= *Hyla hypocondrialis* Daudin, 1802).

Bradymedusa Miranda-Ribeiro, 1926, Arq. Mus. Nac. R. Janeiro 27: 104; espécie-tipo: *Bradymedusa moschata* Miranda-Ribeiro, 1926 (= *Phyllomedusa rhodei* Mertens, 1926).

Diagnose – Dentes vomerinos presentes nas espécies grandes e ausentes nas pequenas. Parotoides presentes. Dedos palmeados; falanges terminais em garras, com discos adesivos pequenos. Secreção cutânea usada como vomitório pelos índios.

Representação – *P. distincta*, *P. iheringii*, *P. tetraploidea*.

Chave para as espécies:

- 1a. Lados do corpo e coxas de cor vermelha imaculada.....*P. distincta*
 1b. Lados do corpo e coxas manchados, sobre fundo vermelho a alaranjado.....2
 2a. Lados do corpo e coxas de cor branca a laranja, com riscas azul-escuras. Discos adesivos desenvolvidos e ponta dos artelhos dilatada*P. tetraploidea*.
 2b. Lados do corpo e coxas de cor branca a laranja, com riscas pretas. Discos adesivos reduzidos e ponta dos artelhos não dilatada*P. iheringii*.

***Phyllomedusa distincta* (Lutz, 1950)**

Phyllomedusa (Pithecopus) burmeisteri distincta Lutz, 1950, Mem. Inst. Osw. Cruz 48: 608; localidade-tipo: Rio Vermelho, Ingleses. Ilha de Santa Catarina, SC.;

Pithecopus burmeisteri distincta --- Lutz, 1966, Copeia 1966: 236.

Phyllonedusa distincta --- Bokermann, 1966, Lista Anot. Local. Tipo Anf. Brasil.: 83.

Pithecopus distincta --- Laurent, 1967, Acta Zool. Lilloana 22: 232.



Figura 83- *Phyllomedusa distincta*.

Diagnose – É a menor espécie do grupo *burmeisteri*. Parotoides estreitas e longas. Tímpano visível, algo maior que o diâmetro orbital. Dedos livres, com discos pequenos; o primeiro dedo da mão menor que o segundo e primeiro do pé muito maior que o segundo. Lados do corpo e faces das coxas vermelhas, sem manchas, o que a diferencia das demais espécies da área.

Distribuição – Brasil sudeste para o sul, desde SP a SC, incluindo a Ilha de Santa Catarina. No RS, ao nordeste, alto e baixo, incluindo as encostas do planalto.



Figura 84- *Phyllomedusa distincta*.

Exemplares – Dom Pedro de Alcântara, São Francisco de Paula, Terra de Areia.

***Phyllomedusa iheringii* (Boulenger, 1885)**



Figura 85- *Phyllomedusa iheringii*.

Phyllomedusa iheringii Boulenger, 1885, Ann. Mag. Nat. Hist. 5, 16: 88; localidade-tipo: São Lourenço do Sul, RS (BOKERMANN, 1966: 83).

Hylodes orientalis Philippi, 1902 (nom. dub.), Supl. Batr. Chil. Descr. Hist. Fis. Polit. Chile: 61; localidade-tipo: Montevideo, Uruguai

Phyllomedusa burmeisteri iheringii --- Lutz, 1950, Mem. Inst. Oswaldo Cruz 48: 604.

Phyllomedusa (Pithecopus) burmeisteri iheringii --- Lutz, 1950, Mem. Inst. Oswaldo Cruz 48:605.

Pithecopus burmeisteri iheringii --- Lutz, 1966, Copeia 1966:236.

Pithecopus iheringii --- Laurent, 1967, Acta Zool. Lilloana 22:232.



Figura 86-*Phyllomedusa iheringii*.

Diagnose – Discos adesivos reduzidos e ponta dos artelhos sem dilatação. Lados do corpo e das coxas laranja com manchas pretas a azuladas.

Distribuição – Brasil meridional ao Uruguai. No Estado ao centro e sul.

Exemplares – Bagé, Caçapava do Sul, Candiota, Gravataí, Santa Maria, Tenente Portela, Três Passos.

***Phyllomedusa tetraploidea* (Pombal & Haddad, 1992)**

Phyllomedusa tetraploidea Pombal & Haddad, 1992, Rev. Brasil. Biol. 52: 219; localidade-tipo: Holambra II, Paranapanema, SP.

Diagnose – Espécie destacada pela presença de jogo tetraploide de cromossomos ($4n = 52$). Apresenta a ponta dos artelhos dilatada, e os

discos adesivos são bem desenvolvidos. Lado do corpo e das coxas branco a alaranjado, com traços e curvas azul-escuras.

Distribuição – Estados de SP e PR, Brasil, para Misiones, Argentina. Apontada para o norte do Estado.

Exemplares – Tenente Portela.



Figura 87- *Phyllomedusa tetraploidea*.

Centrolenidae (Taylor, 1951) (Rãs de vidro, rãs de cristal)

Centrolenidae Taylor, 1951, Proc. Biol. Soc. Washington 64: 36. Gênero-tipo: *Centrolene* Jiménez-de-la-Espada, 1872.

Centroleninae ---Barrio, 1968, Physis 28: 165.

Diagnose – Pele ventral transparente (visualização de órgãos). Cintura escapular arciferal. Dentes palatinos presentes. Dedos com extremidade em “T” e com membrana interdigital; falanges com elemento intercalar cartilaginoso entre a terminal e a penúltima falange dos pés, com astragalus fusionado com calcaneum. Morfologia adaptada à vida arbórea.

Representação – Apenas o gênero *Hyalinobatrachium*.

***Hyalinobatrachium* (Ruiz-Carranza & Lynch, 1991)**
(Perereca de vidro)

Hyalinobatrachium Ruiz-Carranza & Lynch, 1991, Lozania 57: 23; espécie-tipo: *Hylella fleischmanni* Boettger, 1893.

Diagnose – Coloração verde dominante, com pele ventral transparente, visualizando-se grande parte dos órgãos.

Representação– *H. uranoscopum*.

***Hyalinobatrachium uranoscopum* (Müller, 1924)**
(Perereca de vidro)



Figura 88- *Hyalinobatrachium uranoscopum*.



Figura 89- *Hyalinobatrachium uranoscopum*.

Hyla (Hylella) uranoscopa Müller, 1924, Zool. Anz. 59: 234; localidade-tipo: Corupá, SC (BOKERMANN, 1966:64).

Centrolenella uranoscopa --- Noble, 1926, Amer. Mus. Novit. 212: 18.

Cochranella uranoscopa --- Taylor & Cochran, 1953, Univ. Kansas Sci. Bull. 35: 1635.

Hyalinobatrachium uranoscopum --- Ruiz-Carranza & Lynch, 1991, Lozania 57: 25.

Diagnose – Corpo de perereca, pequeno porte (até 21 mm). Coloração geral verde. Focinho espatulado.

Distribuição – Brasil oriental, desde MG ao RS, para nordeste da Argentina. Floresta Atlântica e matas de galeria meridionais no planalto meridional do Brasil, de leste a oeste. No Estado foi vista somente no planalto oriental.

Exemplares – Barracão, Cambará do Sul, Espigão Alto, Nonoai.

Observação – Espécie rara, tombada no Livro Vermelho (GARCIA & VINCIPROVA, 2003).



Figura 90- *Hyalinobatrachium uranoscopum* vocalizando.

***Leptodactylidae* (Werner, 1896)**
(Rãs, gias)

Cystignathi Tschudi, 1838, *Classif. Batr.*:26, 78.

Leiuperina Bonaparte, 1850, *Conspect. Syst. Herpet. Amph.*: 1.

Cystignathidae --- Günther, 1858, *Proc. Zool. Soc. London* 1858: 346.

Paludicolina Mivart, 1869, *Proc. Zool. Soc. London* 1869: 290.

Plectromantidae Mivart, 1869, *Proc. Zool. Soc. London* 1869: 291.

Adenomeridae Hoffmann, 1878, in Bronn, *Klass. Ordn. Thier-Reichs* 6 (2): 613.

Leptodactylidae Werner, 1896, *Verh. Zool. Bot. Ges. Wien* 46: 357.

Leptodactylinae --- Metcalf, 1923, *Bull. U. S. Natl. Mus.* 120: 272.

Paludicolidae --- Miranda-Ribeiro, 1924, *Bol. Mus. Nac. R. Janeiro* 1; 143.

Pseudopaludicolinae Gallardo, 1965, *Pap. Avulsos Zool. S. Paulo* 17: 84.

Diagnose – Anuros de cintura escapular arciferal; vértebras procélicas; diapófises sacrais cilíndricas, sem glândula parotoides. Dentes na premaxila e mandíbula. Pele grossa e áspera, geralmente úmida e luzidia,

rica de glândulas umectantes. Dedos finos, sem peça cartilaginosa entre última e penúltima falange. Dedos finos ou dilatados, podendo ter dois escudos dorsais; falanges acessórias. Sem discos adesivos; dedos com membrana interdigital.

Representação – *Leptodactylus*, *Limnomedusa*, *Physalaemus*, *Pleurodema*, *Pseudopaludicola*.

Chave para os gêneros:

- 1a. Pupila elíptico-vertical.....*Limnomedusa*
- 1b. Pupila horizontal.....2.
- 2a. Com glândula grande lombar.....*Pleurodema*.
- 2b. Sem glândula lombar.....3.
- 3a. Com um tubérculo sob antebraço.....*Pseudopaludicola*.
- 3b. Sem tubérculo sob antebraço.....4.
- 4a. Pele dorsal com glândulas em cristas irregulares ou formando figuras geométricas.....*Physalaemus*.
- 4b. Pele dorsal granulosa ou em cristas que não formam figuras geométricas, geralmente longitudinais (dorsopregueado).....*Leptodactylus*.

***Leptodactylus* (Fitzinger, 1826)**

Leptodactylus Fitzinger, 1826 – N. Class. Rept.: 38; espécie-tipo: *Rana typhonia* Latreille, 1801 (= *Rana fusca* Schneider, 1799).

Cystignathus Wagler, 1830, Nat. Syst. Amph.: 202; espécie-tipo: *Rana mystacea* Spix, 1824.

Gnathophyses Fitzinger, 1843, Syst. Rept.: 31; espécie-tipo: *Rana labyrinthica* Spix, 1824.

Plectromantis Peters, 1862, Monatsber. Preuss. Akad. Wiss. Berlin 1862: 232; espécie-tipo: *Plectromantis wagneri* Peters, 1862.

Adenomera Steindachner, 1867, Reise Österreich. Fregatte Novara, Zool.: 37; espécie-tipo: *Adenomera marmorata* Steindachner, 1867.

Pachypus Lutz, 1930, Mem. Inst. Osw. Cruz 23: 22; espécie-tipo: não designada.

Cavicola Lutz, 1930 (nome preocup. por *Cavicola* Ancey, 1887, Mollusca), Mem. Inst. Oswaldo Cruz 23: 2, 22; espécie-tipo: não designada.

Parvulus Lutz, 1930, Mem. Inst. Osw. Cruz 23: 2, 22; espécie-tipo: *Leptodactylus nanus* Müller, 1922.

Diagnose – Aspecto ranoide. Dentes maxilares, vomerinos e prevomerianos presentes, evidentes. Esterno ósseo, xifisterno único (não bifurcado). Dedos simples, com falanges simples, sem discos e sem alongamentos, terminal arredondada ou levemente em T. Pele lisa, raramente granulosa, com pregas longitudinais.

Representação – *L. chaquensis*, *L. elenae*, *L. furnarius*, *L. fuscus*, *L. gracilis*, *L. latinasus*, *L. labyrinthicus*, *L. mystacinus*, *L. ocellatus*, *L. plaumanni* e *L. podicipinus*.

Chave para as espécies:

- 1a. Coloração dorsal com padrão indistinto ou ausente.....2.
- 1b. Coloração dorsal com padrão manchado.....3.
- 2a. Lábios imaculados. Pele dorsal granulosa e com cristas de glândulas suaves, mais acentuadas lateralmente. Coloração pardo-escuro. Porte pequeno e forma alongada.....*L. podicipinus*.
- 2b. Lábios manchados verticalmente. Pele dorsal lisa com glândulas pustulosas poucas e dispostas em séries longitudinais nos lados. Coloração pardo-clara. Porte grande e forma alargada.....*L. labyrinthicus*.
- 3a. Padrão dorsal estriado.....4.
- 3b. Padrão dorsal manchado.....9.
- 4a. Somente estria preta de cada lado.....5.
- 4b. Estrias nos lados e no dorso.....6.
- 5a. Membros posteriores com faixas pretas largas e interrompidas na face externa. Focinho pontudo.....*L. elenae*.
- 5b. Membros posteriores com faixas estreitas, espaçadas, circundando todo o membro. Focinho curto.....*L. mystacinus*.
- 6a. Ventre claro multi pontuado de preto, exceto na face interna das coxas. Coloração dorsal parda a amarelada, com estrias brancacentas.....7.
- 6b. Ventre alvacento imaculado. Coloração dorsal parda a pardo-rosada, com estrias brancas, amarelas ou alaranjadas.....*L. plaumanni*.
- 7a. Estria clara vertebral pardacenta; com ou sem linhas claras nas pernas e tíbias.....8.
- 7b. Estria clara vertebral amarela; sem linhas claras nas pernas e tíbias*L. furnarius*.
- 8a. Corpo reforçado, semelhante a *L. ocellatus*. Sem linhas claras nas pernas e tíbias, nem manchas nas coxas.....*L. chaquensis*.
- 8b. Corpo alongado. Com linhas claras nas pernas e tíbias, com manchas pretas nas coxas.....*L. gracilis*.

- 9a. Poucas manchas pretas dispostas centro-dorsalmente, aos pares, geralmente coalescidas em “V”; uma mancha avermelhada entre a segunda e terceira mancha (ou par de manchas).....*L. latinus*.
- 9b. Muitas manchas espalhadas pelo dorso; não em V; sem mancha vermelha dorsal.....10.
- 10a. Manchas pretas grandes, irregulares, coalescidas ou não, ou superpostas. Porte pequeno.....11.
- 10b. Manchas pretas ocelares, pequenas, afastadas entre si e aproximadamente dispostas em cintas transversas. Porte grande.....12.
- 11a. Manchas pretas quadrangulares quase regularmente dispostas. Com ou sem estria amarela vertebral..... *L. fuscus*.
- 11b. Manchas escuras marmorizadas, espalhadas. Sem estria vertebral clara.....*L. aff. Marmoratus*.
- 12a. Coloração geral dorsal pardo-clara, com as manchas pardas*L. chaquensis*.
- 12b. Coloração geral pardo-oliva escura, tendendo ao cinzento, com manchas pardo-escuras a pretas, finamente aureoladas de branco*L. ocellatus*.

***Leptodactylus chaquensis* (Ceí, 1950)**

Leptodactylus ocellatus typica Ceí, 1948, Acta Zool. Lilloana 6: 308; localidade-tipo: provavelmente Tucumán, Argentina (FROST, 2007).

Leptodactylus chaquensis Ceí, 1950, Acta Zool. Lilloana 9: 417; localidade-tipo: Simoca, Tucumán, Argentina (FROST, 2007).

Diagnose – Porte e coloração dorsal semelhante à de *L. ocellatus*, mas muito clara e predominantemente sépia. As manchas dorsais pretas são aureoladas finamente de branco.

Distribuição – Brasil sul-ocidental (MS) para a Bolívia oriental, Paraguai e norte da Argentina e norte do Uruguai. No RS a oeste e centro, em terras baixas (KWET, 2001).

Exemplares – Barracão, Garruchos, General Câmara, Pirapó, Quaraí, São Borja, São Nicolau, Uruguiana.



Figura 91- *Leptodactylus chaquensis*.

***Leptodactylus elenae* (Heyer, 1978)**

Leptodactylus elenae Heyer, 1978, Sci. Bull. Nat. Hist. Mus. Los Angeles Co. 29: 45; localidade-tipo: Embarcación, Salta, Argentina.

Diagnose – Porte pequeno. Coloração dorsal castanha escura, cinzenta a oliva, com os lados enegrecidos, desde o focinho até a região posterior; uma faixa ouro rosada no meio da faixa escura lateral, luminosa. Lábio claro, luminoso e imaculado.



Figura 92- *Leptodactylus elenae*.

Distribuição – Região do Chaco, Bolívia ao norte da Argentina. Peru oriental, Brasil central. Indicada para o RS nas partes baixas de oeste (KWET, 2001).

***Leptodactylus furnarius* (Sazima & Bokermann, 1978)**

Leptodactylus furnarius Sazima & Bokermann, 1978, Rev. Brasil. Biol. 38: 899; localidade-tipo: Campo Grande, Paranapiacaba, SP (900 m. h.).

Diagnose – Cor de fundo dorsal cinzenta com linha amarela vertebral sobre banda cinzenta-clara. Manchas nos membros pardo enegrecidas a pretas; sem linhas claras nas pernas e tíbias. Linhas glandulares dorsais cinza-claras. Ventre branco-amarelado.



Figura 93- *Leptodactylus furnarius*.



Figura 94- *Leptodactylus fumarius*.

Distribuição – Norte do Uruguai, fronteira RS para o Brasil Central e Sudeste.



Figura 95- *Leptodactylus fumarius*.

***Leptodactylus fuscus* (Schneider, 1799)**

Rana virginica Laurenti, 1768, Synops. Rept.: 31; localidade-tipo: não indicada.
Rana fusca Schneider, 1799, Hist. Amph. Nat.: 130; localidade-tipo: Suriname.
Rana typhonia Daudin, 1802, Hist. Nat. Ran. Gren. Crap., Quarto: 55; localidade-tipo: Suriname (Heyer, 1978, Sci. Bull. Nat. Hist. Mus. L. Angeles Co. Mus. 29: 50).
Rana sibilatrix Wied-Neuwied, 1824, Abbild. Naturgesch. Brasil., 8: est. 47, fig. 2; localidade-tipo: Vila Viçosa, rio Peruibe, BA.
Cystignathus fuscus --- Günther, 1859, Cat. Batr. Sal.: 28.
Leptodactylus gualambensis Gallardo, 1964, Rev. Mus. Argent. Ci. Nat. Ci. Zool. 9: 46.
Leptodactylus fuscus ---Heyer, 1968, Copeia 1968:160. --- Lema & Braun, 1993, Rev. Bras. Zool. 10 (2) :270.

Diagnose – Focinho mais largo que o de *L. gracilis*. Dorso perplicado (pregas glandulares longitudinais). Pele abdominal discoide. Articulação tíbio-tarsal flectida para diante atinge narinas. Saco vocal preto maior que as pregas gulares que imitam um par de sacos vocais. Artelhos lisos, não fimbriados. Coloração dorsal profusamente manchada, manchas pretas irregulares grandes, às vezes superpostas ou coalescidas; raramente com linha fina clara vertebral. Região gular escura a preta e o ventre claro.



Figura 96- *Leptodactylus fuscus*.

Distribuição – Da América Central (Panamá) para a América do Sul a leste dos Andes, atingindo o Brasil meridional, Bolívia, Paraguai e Argentina. Alguns autores restringem a espécie de SP ao Uruguai e nordeste da Argentina, considerando os exemplares das outras partes da distribuição de outras espécies. Encontradas no RS por BRAUN & BRAUN (1980) e KWET (2001), em terras baixas a oeste, centro e nordeste.

Exemplares – Agudo, Arroio Bom Jardim, Boçoroca, Derrubadas, Frederico Westphalen, General Câmara, Guaíba, Guaporé, Lajeado, Montenegro, Nonoai, Pirapó, Rio Pardo, Rosário do Sul, Santa Cruz do Sul, Santa Maria, São Nicolau, Tenente Portela, Triunfo.

***Leptodactylus gracilis* (Duméril & Bibron, 1841)**



Figura 97- *Leptodactylus gracilis*.

Cystignathus gracilis Duméril & Bibron, 1841, Erp. Gén. 8: 406; localidade-tipo: Montevideo, Uruguai.

Leptodactylus gracilis --- Jiménez de la Espada, 1875, Vert. Viaje Pacif. Verif.: 44. --- Lema & Braun, 1993, Rev. Bras. Zool. 10(2): 270.

Leptodactylus gracilis delattini Muller, 1968, Salamandra 4: 48; localidade-tipo: Ilha Campeche, litoral de SC.

Leptodactylus gracilis gracilis --- Braun & Braun, 1980, Iheringia, Zool. (56): 133.

Diagnose – Porte médio a pequeno. Membros muito longos, articulação tíbio-tarsal flectida para diante, ultrapassando a ponta do focinho. Cabeça e focinho finos, afilados. Pele lisa com cinco pregas glandulares longitudinais. Macho com um par de sacos vocais. Dedos sem fímbrias. Coloração dorsal estriada, como *L. plaumanni*, com a estria vertebral loira, mais larga que as outras, e de cor branco-amarelada. Há uma linha preta que circunda o focinho e segue até atrás dos olhos seguindo para trás. Lábios brancos. Coxas manchadas ou lisas, com estria branca longitudinal. Coloração ventral imaculada ou manchada densamente de pontos pretos, exceto na face interna das coxas.

Distribuição – Brasil meridional para a Bolívia, Paraguai, norte da Argentina e Uruguai, terras elevadas (200 a 2000 m). No RS atinge a planície costeira.

Exemplares – Agudo, Arroio do Sal, Arroio Teixeira, Arvorezinha, Barracão, Boçoroca, Caçapava do Sul, Candiota, Capão da Canoa, Carlos Barbosa, Cidreira, Dom Pedro de Alcântara, Gravataí, Guaíba, Itapuã, Lajeado, Osório, Pinhal, Porto Alegre, Praia Camboin, Quarai, Rio Pardo, Rosário do Sul, Santa Teresinha, Taquara, Terra de Areia, Torres, Tramandaí, Viamão.

***Leptodactylus labyrinthicus* (Spix, 1824)**
(Rã pimenta)

Rana labyrinthica Spix, 1824, Spp. Nov. Test. Ran. Brasil.: 31, est. 7, figs. 1,2; localidade-tipo: rio Paraíba, divisa SP com RJ (BOKERMANN, 1966: 89).

Cystignathus labyrinthicus --- Wagler, 1830, Nat. Syst. Amph.: 203.

Leptodactylus labyrinthicus --- Girard, 1853, Proc. Acad. Nat. Sci. Phila. 6: 420.

Leptodactylus pentadactylus labyrinthicus --- Müller, 1927, Abh. Senckenb. Naturf. Ges. 40: 276.

Leptodactylus pentadactylus mato grossoensis Schmidt & Inger, 1951, Fieldiana, Zool. 31: 444; localidade-tipo: mina de manganês, “Urucum de Corumbá”, MS – Urucum, perto de Corumbá, MS.

Leptodactylus pentadactylus mato grossoensis --- Bokermann, 1966 (erro pro *L. p. mato grossoensis* Schmidt & Inger, 1951), Lista Anot. Local. Tipo Anf. Brasil.: 74.



Figura 98- *Leptodactylus labyrinthicus*.



Figura 99- *Leptodactylus labyrinthicus* display.

Diagnose – Rã gigante, maior anuro da região apresentando glândulas inguinais rosadas de secreção irritante, provocando espirros, daí nome. O corpo e largo e a cabeça é grande e alta. A pele dorsal é lisa, com glândulas pustulosas de cor escura, maiores nos lados, dispostas em séries longitudinais, destacando-se uma série de glândulas grandes e escuras, de cada lado do dorso. Olho grande, cerca de 2/3 do diâmetro timpânico. Articulação tíbio-tarsal flectida para diante atinge um pouco os olhos. Dedos livres, levemente fimbriados. A coloração geral é pardo-clara a rosada, com os lábios altos e manchados verticalmente de castanho escuro. Vocaliza sons graves como roncos, algo semelhante ao de um bovino.

Distribuição – Venezuela costeira. Brasil nordeste para central, desde RR, para sudoeste, atingindo a Bolívia e Paraguai. Brasil sudeste (FROST, 2007). No RS foi vista nas terras baixas do oeste e centro do planalto.

Exemplares – Júlio de Castilhos.

***Leptodactylus latinasus* (Jiménez-de-la-Espada, 1875)**

Figura 100- *Leptodactylus latinasus*.

Leptodactylus latinasus Jiménez-de-la-Espada, 1875, Vert. Viaje Pacif. Verif.: 40; localidade-tipo: Montevideo, Uruguai.

Leptodactylus prognathus Boulenger, 1888, Ann. Mag. Nat. Hist. 6, 1: 187; localidade-tipo: Camaquã, RS (Klappenbach & Langone, 1992, Na. Mus. Nac. Hist. Nat. Montevideo 2, 8: 189).

Leptodactylus latinasus latinasus ---- Lema & Braun, 1993, Rev. Bras. Zool. 10 (2): 270.

Diagnose – Porte pequeno. Focinho agudo, daí nome de “latinasus” ou “prognathus”. Glândulas látero-dorsais em duas filas longitudinais. Articulação tíbio-tarsal flectida para diante, atinge o olho. Diâmetro orbital menor que a distância à ponta do focinho. Coloração dorsal com duas faixas escuras laterais oblíquas marginando glândulas em série e que se inicia no focinho passando sobre o olho. Centro dorsal com uma série de manchas pretas em V, às vezes partidas, havendo uma mancha avermelhada entre a segunda e terceira manchas; mancha interorbital preta em V. Pode apresentar faixa escura lateral que alarga posteriormente; linha clara vertebral na região do uróstilo. Região gular com duas faixas escuras, oblíquas, lateralmente. Pernas com faixas pretas largas.

Distribuição – Região do Chaco na Bolívia, Paraguai e Argentina, para o Brasil meridional e Uruguai. No RS em terras baixas do oeste.

Exemplares – Boçoroca, Caçapava do Sul, Cachoeira do Sul, Candiota, Capão do Leão, Cristal, Derrubadas, Garruchos, Gravataí, Guaíba, Pelotas,

Porto Alegre, Quarai, Rio Pardo, Quarai, Rosário do Sul, Santa Cruz do Sul, Santa Rita do Sul, Santo Antônio das Missões, São Borja, Tabai-Canoas, Tapes, Taquara, Torres, Tramandaí, Uruguaiana, Viamão.

Leptodactylus marmoratus
(Rã anã, rã marmórea)



Figura 101- *Leptodactylus marmoratus*.

Adenomera marmorata Steindachner, 1867, Reise Österr. Fregatte Novara, Zool.: 37; localidade-tipo: RJ (Gans, 1955, Ann. Carnegie Mus. 33: 276).

Leptodactylus nanus Muller, 1922, Bl. Aquar. Terrar. Stuttgart 33: 168; localidade-tipo: Corupá, SC (BOKERMANN, 1966).

Leptodactylus trivittatus Lutz, 1926, Mem. Osw. Cruz 19: 151; localidade-tipo: Campo Belo, RJ.

Leptodactylus (Adenomera) marmorata --- Parker, 1931, Ann. Mag. Nat. Hist., Ser. 10, 10 :342.

Leptodactylus marmoratus --- Parker, 1935, Proc. Zool. Soc. London 1935: 508.

Leptodactylus (Lithodytes) marmoratus --- Frost et al., 2006, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist. 297: 362.

Diagnose – Dentes vomerinos presentes. Diâmetro do olho maior que o do tímpano. Saco vocal único. Ponta dos dedos com discos achatados. Coloração dorsal parda, desenhos dorsais pouco nítidos, irregulares; raramente com linha clara fina vertebral incompleta; geralmente com mancha escura interorbital. Porte menor que *L. marmoratus*, atingindo até 22 mm de comprimento rostro-cloacal.

Distribuição – Brasil sudeste e meridional, desde RJ até SC. KWET & DI-BERNARDO (1999) encontraram na reserva Pró-Mata.

Exemplares – Bom Jesus, São Francisco de Paula.

***Leptodactylus mystaceus* (Spix, 1824)?**



Figura 102- *Leptodactylus mystaceus*.

Rana mystacea Spix, 1824, N. Sp. Test. Ran. Brasil: 27; localidade-tipo: Salvador, BA (BOKERMANN, 1966:90).

Leptodactylus mystaceus --- Braun & Braun, 1980:133.

Observação – BRAUN & BRAUN (1980) indicaram a espécie para Canela (Planalto oriental) e Porto Alegre (Encosta inferior de nordeste) (MCNRS). KWET (2001) não a relacionou para o Estado. A espécie está registrada para as Guianas e bacia amazônica para o sul, atingindo Colombia, Ecuador, Peru, Bolívia e Paraguai. A indicação de Bokermann (1966) para a localidade-tipo baseou-se no roteiro de viagens de Spix e Martius e, sendo assim, aquela distribuição indicada para a Amazônia e região ocidental (FROST, 2007), deve ser de outra espécie; assim também a indicação de BRAUN & BRAUN (1980), que não foi confirmada até o momento. Como não temos elementos suficientes em mãos para decidir, mantemos aqui essa referência.

***Leptodactylus mystacinus* (Burmeister, 1861)**

(Rã dourada, rã lisa)



Figura 103- *Leptodactylus mystacinus*.

Cystignathus mystacinus Burmeister, 1861, Reise La Plata 2: 532; localidade-tipo: Rosário, Argentina.

Leptodactylus mystacinus --- Boulenger, 1882, Cat. Batr. Sal., Ed. 2:244. --- Lema & Braun, 1993, Rev. Bras. Zool. 10 (2): 270.

Leptodactylus mystaceus labialis --- Shreve, 1957, Bull. Mus. Comp. Zool. 116: 246.

Diagnose – Dentes vomerinos presentes. Focinho pontudo, mas curto, pouco proeminente, sendo o diâmetro do olho pouco maior que a distância de si à narina e quase igual ao comprimento do focinho. Dedos lisos, sem fímbrias. Articulação tíbio-tarsal, flectida, atinge fracamente o tímpano. Coloração dorsal cinzenta uniforme levemente rosada, com uma listra preta de cada lado, circunda o focinho passando pelos olhos; a área centro-dorsal tem um tom metálico acobreado. Coxas com faixas pretas largas, que não circundam todo o membro, ficando as faces externas imaculadas. Lados da cabeça e do tronco pardo-cinzenta.

Distribuição – Brasil, em GO, MG, MT, MS, SP ao RS; para a Bolívia, Paraguai, Argentina e Uruguai. Comum no RS, nas partes baixas de leste a oeste.

Exemplares – Campo Bom, Candiota, Carlos Barbosa, Derrubadas, Farroupilha, Garruchos, Gravataí, Linha Imperial, Montenegro, Nova Petrópolis, Porto Alegre, Quaraí, Rio Pardo, Santa Cruz do Sul, Santa Maria, Santana do Livramento, São Jerônimo, São Lourenço do Sul, Taquara, Tenente Portela, Torres, Vacaria, Viamão.

***Leptodactylus ocellatus* (Linnaeus, 1758)**
(Rã comum, rã comestível, gija de mesa)



Figura 104- *Leptodactylus ocellatus*.

Rana ocellata Linnaeus, 1758 – Syst. Nat., Ed. 10, 1: 211; localidade-tipo: “América”.

Rana gibbosa Raddi, 1823, Mem. Mat. Fis. Soc. Ital. Sci. Modena 19: 67; localidade-tipo: RJ (FROST, 2007).



Figura 105- *Leptodactylus ocellatus* (Kwet & Di_Bernardo, 1999).

Rana fusca Raddi, 1823, Mem. Mat. Fis. Soc. Ital. Sci. Modena 19: 68; localidade-tipo: RJ.

Rana pygmaea Spix, 1824, Sp. N. Test. Ran. Brasil: 30, est. 6, fig. 2; localidade-tipo: BA.

Rana pachypus Spix, 1824, Sp. N. Test. Ran. Brasil.: 26; localidade-tipo: RJ.

Cystignathus ocellatus --- Wagler, 1830, Nat. Syst. Amph.: 203.

Leptodactylus ocellatus --- Girard, 1853, Proc. Acad. Nat. Sci. Phila. 6: 420. --- Lema & Braun, 1993, Rev. Bras. Zool. 10 (2): 270.

Leptodactylus caliginosus Girard, 1853, Proc. Acad. Nat. Sci. Phila. 6: 422; localidade-tipo: Rio de Janeiro, RJ.

Diagnose – Espécie de porte grande, atingindo até 140 mm de comprimento rostro-cloacal. Pele dorsal perplicada. Macho com antebraços muito grossos, muito mais que na fêmea e ossos polegares formando “dedo do amor”. Dedos da mão finos, delicados e fimbriados. Espículas sexuais nos dedos da mão. Articulação tíbio-tarsal flectida

mostra variação, atingindo o olho, narinas ou tímpanos. Diâmetro orbital igual ao timpânico. Caixa torácica grande. Cor dorsal cinzenta, olivácea, bronzeada; manchas ocelares escuras a pretas aureoladas finamente de branco, algo espaçadas e pequenas, dispostas aproximadamente em cintas transversas. Grande mancha escura interorbital. Canto semelhante a bolhas de água explodindo, de franca altura.

Distribuição – América do Sul a leste dos Andes (FROST, 2007). Abundante em todo o RS.

Exemplares – Agudo, Arroio do Sal, Arroio Teixeira, Barão, Barracão, Boçoroca, Cachoeirinha, Cambará do Sul, Campo Bom, Caçapava do Sul, Candiota, Canela, Canoas, Capão da Canoa, Carlos Barbosa, Cidreira, Delta do Jacuí, Derrubadas, Dom Pedro de Alcântara, Eldorado do Sul, Farroupilha, Frederico Westphalen, Gravataí, Guaíba, Lagoa do Casamento, Lagoa Vermelha, Linha Imperial, Montenegro, Mostardas, Niterói, Nova Petrópolis, Osório, Palmares do Sul, Pelotas, Pinhal, Planalto, Porto Alegre, Porto Xavier, Praia Pinhal, Quarai, Rio Pardo, Santa Cruz do Sul, Santa Maria, Santana do Livramento, Santo Ângelo, São Francisco de Paula, São Jerônimo, São José do Norte, São Leopoldo, Tapes, Taquara, Tenente Portela, Terra de Areia, Torres, Tramandaí, Triunfo, Tuparendi, Uruguaiana, Vacaria, Viamão.

***Leptodactylus plaumanni* (Ahl, 1936)**

Leptodactylus plaumanni Ahl, 1936, Veröff. Deut. Kolon. Uebersee Mus., Bremen 1: 389; localidade-tipo: Nova Teutônia, SC.

Leptodactylus geminus Barrio, 1973, Physis 32: 199; localidade-tipo: Bernardo de Irigoyen, Misiones, Argentina.

Diagnose – Dorso perplicado com 5 estrias claras, contrastadas, sobre fundo pardo-escuro. Muito semelhante à *L. gracilis* sendo difícil diferenciar ambas, a não ser pela presença de densa pontuação preta ventral que só não atinge a face interna das coxas.

Distribuição – SC e RS, Brasil e em Misiones, Argentina. Ocorre no planalto oriental, a nordeste da área e KWET (2001) a encontrou na reserva Pró-Mata (Cambará do Sul).



Figura 106- *Leptodactylus plaumanni*.

Exemplares – Barracão, Cambará do Sul, Cazusa Ferreira, Caxias do Sul, Linha Imperial, Nova Petrópolis, Pinhal da Serra, São Francisco de Paula.



Figura 107- *Leptodactylus plaumanni*.

***Leptodactylus podicipinus* (Cope, 1862)**



Figura 108- *Leptodactylus podicipinus*.

Cystignathus podicipinus Cope, 1862, Proc. Acad. Nat. Sci. Phila. 14: 156; localidade-tipo: Paraguai.

Leptodactylus podicipinus --- Boulenger, 1882, Cat. Batr. Sal. Coll. Brit. Mus. Ed.2: 248.

Leptodactylus nattereri Lutz, 1926, C. R. Sc. Soc. Biol. Paris 95: 1011; localidade-tipo: Ilha Seca, Via-férrea Noroeste do Brasil, SP e Cachoeira do Marimbondo, SP.

Leptodactylus podicipinus podicipinus --- Gans, 1960, Ann. Carnegie Mus. 35: 305.



Figura 109- *Leptodactylus podicipinus*.

Diagnose – Porte pequeno; pernas curtas, coxas grossas. Focinho curto, pontudo, mais baixo que a cabeça, com degrau interorbital. Pele dorsal granulosa e com leves cristas longitudinais incompletas, mais salientes nos lados do corpo. Coloração dorsal pardo-cinza escura sem desenhos nítidos; coxas com poucas faixas estreitas, espaçadas. Ventre alvacento.

Distribuição – Espécie conhecida ao longo do Rio Madeira e Rio Amazonas na bacia amazônica, para o Brasil Central e Bolívia adjacente ao Paraguai, nordeste da Argentina e Uruguai; ocorre no oeste do RS, conforme Pedro Canísio Braun, que coletou e fotografou alguns exemplares do oeste do Estado, mas não comunicando nem tombando os exemplares; temos em mãos algumas fotos de adultos tiradas por Braun. Há uma indicação problemática de ocorrência em Igarapé Belém, AM, acima de 550 m de altura (FROST, 2007).

***Limnomedusa* (Fitzinger, 1843)** (Rãs gatos)

Limnomedusa Fitzinger, 1843, Syst. Rept.: 31; espécie-tipo: *Cystignathus macroglossus* Duméril & Bibron, 1841.

Litopleura Jiménez de la Espada, 1875, Vert. Viaje Pacif. Verif.: 82; espécie-tipo: *Litopleura maritimum* Jiménez de la Espada, 1875.

Diagnose --- Sternum aproximadamente ossificado ou o stylum calcificado. Pupila vertical, diferindo dos demais Leptodactylidae ocorrentes na área. Dedos livres ou fimbriados na base.

Representação --- *L. macroglossa*.

***Limnomedusa macroglossa* (Duméril & Bibron, 1841)**

Cystignathus macroglossus Duméril & Bibron, 1841, Erpet. Gén. 8: 405; localidade-tipo: Montevideo, Uruguai.

Rana (*Limnomedusa*) *macroglossa* --- Fitzinger, 1843, Syst. Rept.: 31.

Limnomedusa macroglossa --- Cope, 1866, J. Acad. Nat. Sci. Phila. 2, 6: 94. --- Lema & Braun, 1993, Rev. Bras. Zool. 10 (2): 271.

Litopleura maritimum Jiménez de la Espada, 1875, Vert. Viaje Pacif. Verif.: 82; localidade-tipo: Playa Ramirez, próximo Montevideo, Uruguai.

Leptodactylus nova-teutoniae Ahl, 1936, Veröff. Deutsch. Kolon. Uebersee Mus.

Bremen 1: 391; localidade-tipo: Nova Teutônia, SC.

Limnomedusa misionis Schmidt, 1944, Field Mus. nat. Hist. Publ., Zool. Ser. 29: 153; localidade-tipo: Rio Paranay, Misiones, Argentina.



Figura 110- *Limnomedusa macroglossa*.



Figura 111- *Limnomedusa macroglossa*.

Diagnose – Pequeno porte. Diâmetro ocular maior que 4/6 do diâmetro timpânico. Articulação tíbio-tarsal flectida para diante, ultrapassa o focinho (pernas longas), sendo grandes saltadoras. Artelhos fimbriados. Coloração dorsal pardo-cinérea, marmoreada e ocelada irregularmente de preto. Ventre alvacento cinéreo. Encontramos sob lascas de rochas sobre terreno rochoso às margens de rios sobre o planalto oriental (Rio Tainhas, Rio Cipó).

Distribuição – Planalto meridional do Brasil, desde PR até RS, para Misiones, Argentina, e Uruguai. Do nordeste do planalto para a Depressão Central até o oeste do Estado.

Exemplares – Arvorezinha, Bento Gonçalves, Boçoroca, Bom Jesus, Caçapava do Sul, Candiota, Canela, Capão da Canoa, Caxias do Sul, Dom Feliciano, Pelotas, Santa Cruz do Sul, Santa Maria, Santo Cristo, São Francisco de Paula, São Jerônimo, Serra de Sudeste, Sinimbu, Torres, Vacaria, Veranópolis.

***Physalaemus* (Fitzinger, 1826)**

Physalaemus Fitzinger, 1826, N. Class. Rep.: 39; espécie-tipo: *Physalaemus cuvieri* Fitzinger, 1826.

Paludicola Wagler, 1830, Nat. Syst. Amph.: 206; espécie-tipo: *Bufo albifrons* Spix, 1824.

Physalaemus --- Jan, 1857, Cenni Mus. Civ. Milano: 52

Liuperus Cope, 1861, Proc. Acad. Nat. Sci. Phila. 12: 517; espécie-tipo: *Liuperus biligonigerus* Cope, 1860.

Gomphobates Reinhardt & Lütken, 1862, Vidensk. Medd. Dansk. Natur. Foren. 2, 3: 172; espécie-tipo: *Gomphobates notatus* Reinhardt & Lütken, 1862.

Eupemphix Steindachner, 1863, Sitzungsber. Akad. Wiss. Wien, Phys. Math. Naturwiss. Kl. 48: 188; espécie-tipo: *Eupemphix nattereri* Steindachner, 1863.

Iliobates Steindachner, 1867, Reise Österreich. Fregatte Novara, Zool.:12; espécie-tipo: *Gomphobates fuscomaculatus* ?

Engystomops Jiménez de la Espada, 1872, N. Soc. Esp. Hist. Nat. 1: 86; espécie-tipo: *Engystomops petersi* Jiménez de la Espada, 1872.

Diagnose – Porte pequeno. Corpo geralmente ranoide, podendo ser bufonoide. Difere de *Leptodactylus* por não ter dentes vomerinos ou pré-vomerinos. Quadrado-jugal presente. Esterno ossificado, com estilo calcificado. Xifisterno bifurcado. Pupila horizontal. Pele dorsal sem

pregas longitudinais e, às vezes, finamente granulosa; às vezes com cristas glandulares em arco, losango, X, W, ou V, sendo mais frequente em forma de losango, fechado ou aberto posteriormente e, nesse último caso, prolongado para trás. Antebraço sem tubérculo; tubérculo no tarso; dedos livres. As espécies com glândula lombar ostentam mancha preta ocelar externa sobre ela e fazem display imitando fisionomia de animal agressivo, baixando a cabeça e erguendo as ancas, voltadas para o inimigo. Com faixa preta postocular e geralmente com linha clara sobre a aresta urostiliana.

Representação – *P. biligonigerus*, *P. cuvieri*, *P. fernandezae*, *P. aff. fuscomaculatus*, *P. gracilis*, *P. henseli*, *P. lisei*, *P. nanus*, *P. riograndensis*.

Chave para as espécies:

- 1a. Tubérculo tarsal presente. Dentes vomerinos presentes ou ausentes. *Stylum* esternal bifurcado ou simples. Com ou sem mancha preta ocelar lombar. Mancha losangular dorsal presente ou ausente.....2.
- 1b. Tubérculo tarsal ausente. Dentes vomerinos ausentes. *Stylum* esternal simples. Sem mancha preta ocelar lombar. Mancha losangular centro dorsal prolongada e bifurcada.....*P. olfersi*.
- 2a. Dentes vomerinos presentes. Tubérculos metatarsais comprimidos. *Stylum* esternal bifurcado. Corpo bufono de. Padrão cromático dorsal complexo.....*P. biligonigerus*.
- 2b. Dentes vomerinos ausentes. Tubérculos metatarsais arredondados. *Stylum* esternal simples ou bifurcado. Corpo ranoide. Padrão cromático dorsal liso ou manchado.....3.
- 3a. *Stylum* esternal bifurcado, ou simples; se simples, a cartilagem xifisternal é dividida ou profundamente indentada posteriormente.....4.
- 3b. *Stylum* esternal simples; cartilagem xifisternal não indentada posteriormente.....8.
- 4a. Tubérculo metatarsal interno mais próximo do tubérculo tarsal. Região inguinal variada.....5.
- 4b. Tubérculo metatarsal interno mais próximo do tubérculo tarsal do que o tubérculo metatarsal externo. Região inguinal vermelha ou alaranjada*P. gracilis*.

- 5a. Mancha preta lombar ausente ou presente. Frequentemente uma mancha de cada lado do cocyx não coberta por prega cutânea dos membros posteriores. Stylum esternal fortemente bifurcado.....6.
- 5b. Mancha preta lombar geralmente presente, coberta por prega cutânea dos membros posteriores. Stylum esternal pouco bifurcado*P. gracilis*.
- 6a. Dentes maxilares presentes. Glândula inguinal desenvolvida, com mancha preta lombar grande.....7.
- 6b. Dentes maxilares ausentes. Glândula inguinal pouco desenvolvida, mancha preta lombar ausente.....8.
- 7a. Tímpano visível. Mancha preta lombar, central. Tubérculo tarsal ausente.....*P. nanus*.
- 7b. Tímpano oculto. Mancha preta lombar ausente. Tubérculo tarsal presente.....*P. lisei*.
- 8a. Ventre fortemente manchado. Linha branca vertebral posterior presente.....*P. riograndensis*.
- 8b. Ventre claro. Linha branca vertebral ausente.....*P. cuvieri*.
- 9a. Focinho tão longo quanto o diâmetro ocular. Perna flectida, tubérculos metatarsais atingindo adiante do fim do focinho, quando o membro posterior é voltado para diante.....*P. henseli*.
- 9b. Focinho mais longo que o diâmetro orbital. Com a perna flectida, os tubérculos metatarsais não atingem o fim do focinho.....*P. fernandezae*.

Chave opcional baseada principalmente na coloração:

- 1a. Mancha preta ocelar lombar presente.....2.
- 1b. Mancha preta lombar ausente.....5.
- 2a. Corpo bufonoide. Coloração complexa.....*P. biligonigerus*.
- 2b. Corpo ranoide. Coloração variável.....3.
- 3a. Lados do corpo pretos não escuros, da mesma cor que o dorso*P. riograndensis*.
- 3b. Lados do corpo pretos, escuros ou com faixa preta desde o focinho....4.
- 4a. Região inguinal vermelha ou alaranjada.....*P. gracilis*.
- 4b. Região inguinal oliva ou verde.....*P. nanus*.
- 5a. Mancha losangolar centro-dorsal presente.....6.
- 5b. Mancha losangolar centro-dorsal ausente.....7.

- 6a. Mancha losangular prolongada e bifurcada ao longo do dorso*P. olfersii*.
 6b. Mancha losangular não ou pouco prolongada.....*P. cuvieri*.
 7a. Lados castanho-escuros, com faixa clara mediana..*P. fernandezae*.
 7b. Lados pretos, sem faixa clara mediana.....8.
 8a. Corpo alongado. Coloração dorsal pardo-escura.....*P. henseli*.
 8b. Corpo relativamente normal. Coloração dorsal pardo-clara....*P. lisei*.

***Physalaemus biligonigerus* (Cope, 1861)**
 (Rã pintada, rã das dunas)



Figura 112- *Physalaemus biligonigerus*.

Liuperus biligonigerus Cope, 1861, Proc. Acad. Nat. Sci. Phila. 12: 517; localidade-tipo: Buenos Aires, Argentina.

Pleurodema biligonigera --- Cope, 1862, Proc. Acad. Nat. Sci. Phila. 14: 352.

Gomphobates biligonigerus --- Cope, 1870, Proc. Amer. Philos. Soc. 11: 168.

Paludicola biligonigera Boulenger, 1882, Cat. Batr. Sal.: 234.

Physalaemus biligonigerus --- Parker, 1927, Ann. Mag. Nat. Hist. 9, 20: 458. --- Lema & Braun, 1993, Rev. Bras. Zool. 10 (2): 271.

Diagnose – Aspecto bufonoide. Dentes vomerinos presentes. Xifisterno bifurcado divergente. Tubérculo tarsal presente; tubérculos metatarsais comprimidos, como pá. Pele dorsal rica de pregas, glândulas longitudinais,

com grandes glândulas inguinais. Coloração dorsal complexa, muito variável, com ou sem faixa clara vertebral; desenho losangular centro-dorsal, inteiro ou partido posteriormente, com mancha preta ocelar lombar, sobre a área de cada glândula.

Distribuição – Brasil meridional para o Uruguai; para oeste da Bolívia ao norte da Argentina pelo Paraguai. No RS em terras baixas do litoral atlântico e planície costeira para a Depressão Central e oeste, estendendo sua distribuição para além das fronteiras uruguaio-argentinas.

Exemplares – Arambaré, Arroio do Sal, Boçoroca, Candiota, Carlos Barbosa, Cidreira, Garruchos, Gravataí, Osório, Palmares do Sul, Pinhal, Porto Alegre, Quaraí, Rosário do Sul, São Jerônimo, Tapes, Tavares, Torres, Tramandaí, Viamão, Xangri-Lá.

***Physalaemus cuvieri* (Fitzinger, 1826)**

(Rã cachorro, “au-au”)

Physalaemus cuvieri Fitzinger, 1826, N. Class. Rept.: 39, 65; localidade-tipo: Brasil. — Lema & Braun, 1993, Rev. Bras. Zool. 10 (2): 271.

Physalaemus cuvieri --- Jan, 1857, Cenni Mus. Civ. Milano: 52.

Gomphobates notatus Reinhardt & Lütken, 1862, Vidensk. Medd. Dansk. Naturhist. Foren. 2, 3: 173; localidade-tipo: Lagoa Santa, MG.

Paludicola notata --- Peters, 1873, Monatsber. Preuss. Akad. Wiss. Berlin 1873: 223.

Paludicola neglecta Ahl, 1927, Zool. Anz. 69: 224; localidade-tipo: Santa Cruz, Uruguai.

Physalaemus neglecta --- Milstead, 1963, Copeia 1963: 566.

Physalaemus neglectus --- Cochran & Goin, 1970, Bull. U. S. Natl. Mus. 288: 480.

Physalaemus neglectus neglectus --- Cochran & Goin, 1970, Bull. U. S. Natl. Mus. 288: 480.

Diagnose – Dentes vomerinos ausentes. Xifisterno bifurcado divergente. Tubérculo tarsal presente; tubérculo metatarsal interno mais próximo do externo do que do tubérculo tarsal. Glândula inguinal pouco desenvolvida, sem mancha preta externa sobre. Mancha losangular centro dorsal presente; lados do corpo pretos, mancha escura em “Y” interorbital. Cor da região inguinal e das coxas não vermelha nem alaranjada, diferente de *P. gracilis*.

A coloração dorsal apresenta ou não faixas pardas mais escuras longitudinais, variação essa que sugere uma análise da variação da espécie, podendo haver espécie por descrever confundida com essa.



Figura 113- *Physalaemus cuvieri*.

Distribuição – Brasil nordeste e meridional. Santa Cruz na Bolívia, Argentina nordeste (Misiones, Entre Rios) e Paraguai oriental. Provavelmente nas partes baixas da Bolívia meridional (FROST, 2007). Vista no RS em terras altas e baixas.

Exemplares – Agudo, Bagé, Barracão, Bento Gonçalves, Boçoroca, Bom Jesus, Caçapava do Sul, Campestre da Serra, Canela, Caxias do Sul, Capão da Canoa, Cidreira, Cristal, Cruz Alta, Dom Pedro de Alcântara, Estrela, Guaíba, Herveiros, Lagoa Vermelha, Linha Imperial, Mata, Nova Bassano, Nova Petrópolis, Nova Prata, Osório, Pirapó, Porto Alegre, 15 de Novembro, Rio Pardo, Roca Sales, Sananduva, Santa Cruz do Sul, Santo Ângelo, São Borja, São Francisco de Paula, São Jerônimo, São Nicolau, Sapucaia do Sul, Taquara, Tenente Portela, Terra de Areia, Torres, Triunfo, Vacaria, Viamão.



Figura 114- *Physalaemus cuvieri* (Kwet & Di Bernardo, 1999).

***Physalaemus fernandezae* (Müller, 1926)**



Figura 115- *Physalaemus fernandezae*.

Paludicola fernandezae Müller, 1926, Zool. Anz. 65: 193; localidade-tipo: Christiano Muerto, entre Necochea e Bahia Blanca, Buenos Aires, Argentina.

Physalaemus barbouri Parker, 1927, Ann. Mag. Nat. Hist., Ser. 9, 20: 463; localidade-tipo: La Plata, Buenos Aires, Argentina.

Physalaemus fernandezae --- Parker, 1927, Ann. Mag. Nat. Hist. Ser. 9, 20: 463.

Physalaemus henseli --- Barrio, 1954 (parte), Physis 20: 379-389.

Diagnose – Dentes vomerinos ausentes. Xifisterno simples. Focinho mais longo que o diâmetro orbital. Região loreal côncava. Tubérculo tarsal presente. Tubérculos metatarsais não alcançam a ponta do focinho se membros posteriores flectidos para diante. Coloração dorsal pardo-escuro, mas escura nos lados, com três faixas: uma pardo-clara mediana e uma de cada lado. Estria preta que sai do focinho e passa pelo olho e inflecte para baixo até o ombro. Sem estria escura interorbital.

Distribuição – Uruguai e Argentina adjacente em Buenos Aires, Entre Ríos e Corrientes. No RS, no lado ocidental, mas devido à confusão com *P. henseli*, há referências para todo o Estado, devendo ser revisto o material do MCNRS. No Uruguai (ACHAVAL & OLMOS, 2003) foi vista ao norte, junto à fronteira centro-sul do RS, e ao sul na região de Montevideo, parecendo ter havido falta de maior amostragem.

Physalaemus aff. fuscomaculatus

Material coletado por Thales de Lema e por William Wright Milstead nas zonas baixas do Estado em geral, e que foi determinado por eles como sendo de *Physalaemus fuscomaculatus* (Steindachner, 1864), conforme MILSTEAD (1960), mas reconhecendo que os exemplares do Estado divergem dos de outras localidades por, entre outros aspectos, serem de menor porte. Além disso, *P. fuscomaculatus* é mais conhecida no domínio Chaco (FROST, 2007).

Exemplares – Capão da Canoa, Carlos Barbosa, Gravataí, Osório, Porto Alegre, Santa Maria, Tramandaí, Viamão.

***Physalaemus gracilis* (Boulenger, 1883)**

(Rã chorona, gemedeira, chora-chora, rã chorona)



Figura 116- *Physalaemus gracilis*.

Paludicola gracilis Boulenger, 1883, Ann. Mag. Nat. Hist. 5, 11: 17; localidade-tipo: Taquara, RS (Klappenbach & Langone, 1992, An. Mus. Nac. Hist. Nat. Montevideo, 2, 8: 195).

Paludicola ranina Cope, 1885, Proc. Amer. Philos. Soc. 22: 186; localidade-tipo: Montenegro, RS.

Paludicola bischoffi Boulenger, 1887, Ann. Mag. nat. Hist. 5, 20: 296; localidade-tipo: Mundo Novo, Taquara, RS.

Paludicola calcarata --- Nieden, 1923, Das Tierreich 46: 505.

Physalaemus gracilis --- Parker, 1927, Ann. Mag. Nat. Hist. 9, 20: 462.

Physalaemus bischoffi --- Parker, 1927, Ann. Mag. Nat. Hist. 9, 20: 468.

Diagnose – Xifisterno fracamente bifurcado. Tímpano oculto. Tubérculos metatarsais mis próximos entre si do que o tubérculo tarsal. Glândula inguinal presente, com mancha preta ocelar lombar. Coloração dorsal parda ou verde, variando de escura para clara, com mancha losangular centro dorsal. Faixa preta em cada lado do corpo, desde o focinho. Região inguinal vermelha ou cor de laranja forte. Há variação dorsal, mas há padrão muito manchado dorsalmente e que parece ser de uma espécie por descrever.



Figura 117- *Physalaemus gracilis*.

Distribuição – Brasil meridional para o Uruguai, Paraguai e Argentina adjacente. No RS, partes altas e baixas.

Exemplares – Bagé, Barra do Ribeiro, Barracão, Boçoroca, Caçapava do Sul, Cai, Cambará do Sul, Candiota, Canela, Canoas, Capão do Leão, Carlos Barbosa, Caxias do Sul, Cidreira, Cruz Alta, Dom Pedro de Alcântara,

Estrela, Farroupilha, Gravataí, Guaíba, Lajeado, Mostardas, Nova Petrópolis, Osório, Palmares do Sul, Pelotas, Pinhal, Porto Alegre, Rio Grande, Rio Pardo, Santa Cruz do Sul, Santo Ângelo, São Francisco de Paula, São Jerônimo, São José do Norte, Taquara, Tenente Portela, Terra de Areia, Torres, Tramandaí, Viamão.

Physalaemus aff. gracilis.

Physalaemus sp. n. Kwet & Di-Bernardo, 1999: 76, figs. 106-108.



Figura 118. *Physalaemus sp.* (Kwet & Di-Bernardo)

Diagnose – Exemplos encontrados por KWET (2001) na reserva Pró-Mata. Aproxima-se de *P. gracilis*. Coloração dorsal parda, pouco manchada, variando de pardo-amarelado, rosado (canela) a verde; faixa preta lateral desde o olho até a região inguinal, com ondulações na parte inicial; linha preta do focinho ao olho; linha amarela urostiliana. Ventre branco, marmoreado de escudo no peito, e garganta escura. Manchas pretas lombares nítidas. Desenho losangular pouco claro. Até mais de 30 mm de comprimento rostro-cloacal.

Distribuição – No sul do Brasil e Misiones (Argentina), áreas abertas.

Exemplares – São Francisco de Paula, Tenente Portela.

***Physalaemus henselii* (Peters, 1872)**

Paludicola henselii Peters, 1872, Monatsber. Preuss. Akad. Wiss. Berlin 1872: 223; localidade-tipo: Rio Grande, RS.

Paludicola henseli --- Boulenger, 1882 (nome substit. por *Paludicola henselii* Peters, 1872), Cat. Batr. Sal. Ed. 2: 235.

Physalaemus henselii --- Parker, 1927, Ann. Mag. Nat. Hist. Ser. 9, 20: 463.

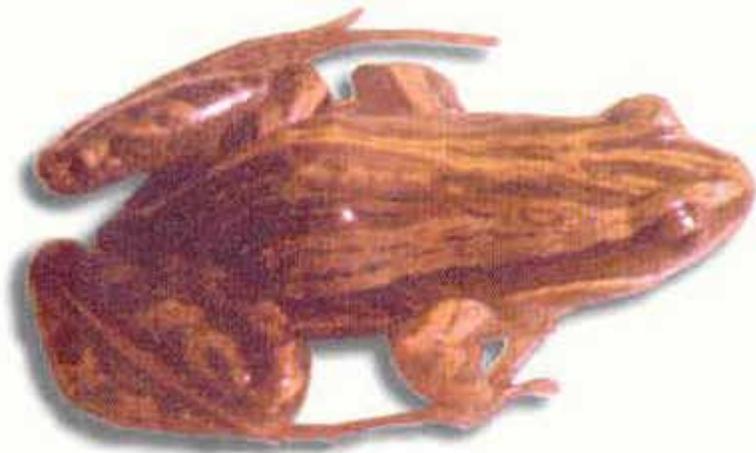


Figura 119- *Physalaemus henselii*.

Diagnose – Corpo relativamente muito longo, com glândulas dorsais em cristas longitudinais, mais acentuadas lateralmente.

Região loreal côncava. Focinho tão longo quanto o diâmetro orbital. Xifisterno levemente bifurcado. Dois pequenos tubérculos metatarsais, o interno próximo ou afastado do tubérculo tarsal; atingem a ponta do focinho, ou passam levemente dela, se membros posteriores são flectidos para diante. Glândula inguinal ausente. Coloração dorsal pardo escura com lados do corpo escurecidos e estria preta lateral, do focinho à região inguinal; sem as manchas pretas lombares. Estria clara vertebral às vezes presente.

Distribuição – Brasil meridional e Uruguai, para Argentina adjacente (Entre Rios) e Paraguai. Em todo o RS.

Exemplares – Boçoroca, Caxias do Sul, Eldorado do Sul, Guaíba, Itauba, Osório, Porto Alegre, Rio Pardo, Santa Vitória do Palmar, São José do Norte, Torres, Viamão.

Observação – Às vezes confundida com *P. fernandezae*.

***Physalaemus lisei* (Braun & Braun, 1977)**



Figura 120- *Physalaemus lisei*.

Physalaemus lisei Braun & Braun, 1977, Ver. Brasil. Biol. 37: 867; localidade-tipo: São Francisco de Paula, RS.

Diagnose—Corpo alongado. Tímpano oculto. Dentes maxilares presentes; dentes vomerinos ausentes. Tubérculos metatarsais 2. Coloração

dorsal uniforme de pardo-clara a verde-clara, sem estria vertebral clara; mancha clara losangular centro-dorsal pouco nítida. Estrias pretas laterais largas. Raras estrias escuras nas coxas, nem sempre nítidas, sendo vermelha alaranjada na face interna.

Distribuição – Conhecida apenas do RS, encontrada a nordeste do Planalto Meridional e encostas.

Exemplares – Bento Gonçalves, Canela, Caxias do Sul, Dom Pedro de Alcântara, Gramado, Itati, Nova Petrópolis, Porto Alegre, São Francisco de Paula, São Leopoldo, Taquara, Terra de Areia, Torres, Viamão.

***Physalaemus nanus* (Boulenger, 1888)**

Eupemphix nana Boulenger, 1888, Ann. Mag. Nat. Hist. 6, 1: 187; localidade-tipo: Lages, SC.

Physalaemus nana --- Cochran, 1955, Bull. U. S. Natl. Mus. 206: 354.

Physalaemus nanus --- Bokermann, 1962, An. Acad. Brasil. Cienc. 34: 567.



Figura 121- *Physalaemus nanus*.

Diagnose – Porte muito pequeno, pouco mais de 20 mm de comprimento rostro-cloacal. Dentes maxilares presentes. Tímpano externo. Glândula inguinal bem desenvolvida, com mancha preta ocelar correspondente. Sem tubérculo tarsal. Coloração dorsal verde-clara

ou cor de canela (pardo-rosada), quase uniforme, com raras manchas escuras pouco visíveis; mancha losangular prolongada, semelhante *P. offersii*; sem estria clara vertebral.

Distribuição – Brasil sul, de SP ao RS, onde foi vista no planalto oriental (Serra Geral) florestado. Em Cambará do Sul (reseva Pró-Mata) por KWET (2001).
Exemplares – Cambará do Sul, São Francisco de Paula.



Figura 122- *Physalaemus nanus*.

***Physalaemus offersii* (Lichtenstein & Martens, 1856)**



Figura 123- *Physalaemus offersii*.

Phryniscus offersii Lichtenstein & Martens, 1856, Nomencl. Rept. Amph. Mus. Zool. Berol.: 40; localidade-tipo: Brasil.

Nattereria lateristriga Steindachner, 1864, Verh. Zool. Bot. Ges. Wien 14: 279; localidade-tipo: Curitiba, PR (nec “Carytiba”).

Physalaemus personatus Steindachner, 1864 (nome inventado para *Nattereria lateristriga*), Verh. Zool. Bot. Ges. Wien 14: 279.

Phyllobates glandulosus Fitzinger, 1867 – in Steindachner, Reise “Osterreich. Freg. Novara, Zool.: 53; localidade-tipo: provavelmente Serra da Estrela, Inhomirim, RJ (BOKERMANN, 1966).

Phrynidium olfersii — Cope, 1867, J. Acad. Nat. Sci. Phila. Ser. 2, 6: 196.

Paludicola olfersii — Peters, 1882, Sitzungsab. Ges. Naturf. Freunde Berlin 1882: 62.

Physalaemus olfersii — Parker, 1927, Ann. Mag. nat. Hist. Ser. 9, 20: 464.

Diagnose – Semelhante à *P. lisei* na coloração. Focinho projetado. Coloração dorsal pardo-rosada, cor de canela, mimética com folha seca; lados pretos, delineados superiormente por linha branca. Desenho losangular com prolongamento mediano anterior e posterior, este bifurcado e alongado para trás; estria interorbital presente.

Distribuição – Floresta Atlântica Meridional, Brasil sudeste e meridional. Não encontramos exemplares do RS, mas deve ocorrer no Estado.

***Physalaemus riograndensis* (Milstead, 1960)**



Figura 124- *Physalaemus riograndensis* – transa no detalhe.

Physalaemus riograndensis Milstead, 1960, Copeia 1960: 87; localidade-tipo: 4 km SE de Osório, RS.

Diagnose – Xifisterno bifurcado divergente. Tímpano oculto. Saco vocal duplo. Glândula inguinal pouco desenvolvida, sem mancha preta dorsal. Tubérculo tarsal presente. Tubérculos metatarsais 2, o interno mais para fora que o tubérculo tarsal, atinge o ponto da parte mais estreita do membro. Coloração dorsal parda, mais escura dorsalmente, com mancha losangular branca; lados do corpo claros; estria escura postocular terminando no ombro. Lados do corpo imaculados. Ventre pontuado de castanho escuro até a parte anterior da barriga. Linha branca vertebral só na aresta urostiliana.

Distribuição – Paraguai meridional para a Argentina setentrional (Santa Fé, Formosa, Corrientes, Misiones, Entre Ríos) e RS, para o Uruguai. No RS nas terras baixas do nordeste, sul e oeste (Depressão Central).

Exemplares – Arroio do Sal, Candiota, Capão da Canoa, Guaíba, Osório, Rio Pardo, Rosário do Sul, Santa Maria, Torres.

***Pleurodema* (Tschudi, 1838)**

Pleurodema Tschudi, 1838, Classif. Batr: 47, 84; espécie-tipo: *Pleurodema bibroni* Tschudi, 1838.

Leiuperus Duméril & Bibron, 1841, Erpet. Gén. 8: 420; espécie-tipo: *Pleurodema bibroni* Tschudi, 1838.

Chianopelas Tschudi, 1845, Arch. Naturgesch. 11: 168; espécie-tipo: não indicada.

Lystris Cope, 1869, Proc. Acad. Nat. Sci. Phila., 20: 312; espécie-tipo: *Lystris brachyops* Cope, 1868.

Lihyperus --- O'Shaughnessy, 1875 (nome substit. pro *Leiuperus* Duméril et Bibron, 1841), Zool. Rec. 10: 95.

Diagnose – Pupila horizontal. Glândula inguinal muito desenvolvida, alongada, saliente externamente nas costas. Dentes maxilares presentes; vomerinos presentes ou ausentes. Esterno ósseo ou com styllum calcificado; xifisterno não ou pouco bifurcado. Tubérculo ausente no tarso e no antebraço. Falanges simples, dedos não dilatados.

Representação – *P. bibroni*.

Pleurodema bibroni (Tschudi, 1838)
(Rã mochileira, rã de olhos)

Pleurodema bibroni Tschudi, 1838, Classif. Batr.: 85; localidade-tipo: Montevideo, Uruguai.

Cystignathus bibroni --- Duméril & Bibron, 1841, Erpet. Gen.: 8: 410.

Pleurodema darwinii Bell, 1843, Zool. Voyage Beagle 5: 36; Maldonado, Uruguai.

Pleurodema granulatum Jiménez de la Espada, 1875, Vert. Viaje Pacif. Verif.: 95; localidade-tipo: Montevideo, Uruguai.

Paludicola darwinii --- Boulenger, 1882, Cat. Batr. Sal. Ed. 2: 231.

Paludicola bibronii --- Boulenger, 1882, Cat. Batr. Sal. Ed. 2: 231.

Pleurodema brevipes --- Ceí, 1958, Invest. Zool. Chilen. 4: 275.

Diagnose – Tímpano oculto. Sacos vocais em par, subgulares. Porte pequeno. Patas delicadas. Falange terminal simples. Antebraço sem tubérculo. Coloração cinzenta com manchas escuras esverdeadas. Cada glândula é preta com uma faixa branca transversal anterior, evidenciando-a. No chão da mata.

Distribuição – RS e Uruguai, sendo que nesse país ela distribui-se a nordeste e sul e nordeste, mas não foi vista no lado do Estado adjacente. No RS foi vista apenas no nordeste do planalto oriental florestado.



Figura 125- *Pleurodema bibroni*.

Exemplares – Caxias do Sul, Farroupilha, Linha Imperial, Nova Petrópolis, São Francisco de Paula, Vacaria.

Observação – BRAUN & BRAUN (1980) não a viram fora da Serra Geral. Exemplares do Uruguai deve pertencer a outra espécie que deve ocorrer também no RS pela proximidade da fronteira. Poderia ser falta de amostras da área entre as duas distribuições, mas essa possibilidade é pouco provável porque Pedro Canísio Braun coletou em todo o Estado.

***Pseudopaludicola* (Miranda-Ribeiro, 1926)**

Pseudopaludicola Miranda-Ribeiro, 1926, Arq. Mus. Nac. R. Janeiro 27: 152; espécie-tipo: *Liuperus falcipes* Hensel, 1867.

Diagnose – Porte diminuto. Sem quadrado-jugal. Dentes vomerinos ausentes. Esterno cartilaginoso, com styllum calcificado. Pupila horizontal. Tímpano oculto. Tubérculo presente no antebraço (t. antebraquial). Prega digital do primeiro dedo até metade do tarso. Dedos livres; falanges terminais arredondadas ou em T, sem sulcos na ponta dos dedos.

Representação – *P. falcipes*.

***Pseudopaludicola falcipes* (Hensel, 1867)**

Liuperus falcipes Hensel, 1867, Arch. Naturg. 33: 134; localidade-tipo: Taquara RS.

Paludicola falcipes --- Boulenger, 1882, Cat. Batr. Sal. Ed. 2: 236.

Pseudopaludicola falcipes --- Miranda-Ribeiro, 1926, Arq. Mus. Nac. R. Janeiro 27: 152.



Figura 126- *Pseudopaludicola falcipes*.

Diagnose – Narinas situadas na ponta do focinho, longe dos olhos. Sem tubérculo nem prega tarsais. Articulação tíbio-tarsal não atinge olhos se flectida para diante. A coloração é pardo-cinza escura com ou sem linha clara vertebral. Garganta e peito pontuados de castanho escuro.

Distribuição – Brasil meridional ao Paraguai para norte e centro da Argentina; do RS ao Uruguai. Em todo o RS.

Exemplares – Bagé, Boçoroca, Cachoeira do Sul, Cachoeirinha, Camaquã, Campo Bom, Candiota, Canela, Canguçu, Capão da Canoa, Dom Pedro de Alcântara, Eldorado do Sul, Gramado, Gravataí, Guaíba, Jaguarão, Linha Imperial, Montenegro, Nova Petrópolis, Osório, Palmares do Sul, Pelotas, Pinhal, Porto Alegre, Praia Cidreira, Quaraí, Rio Pardo, Rosário do Sul, Santa Cruz do Sul, Santa Maria, Santana do Livramento, São Jerônimo, São Leopoldo, São Lourenço do Sul, Tapes, Taquara, Terra de Areia, Torres, Tramandaí, Uruguaiana, Vacaria, Viamão, Uruguaiana.

Observação – Rodando pelas estradas, à noite, ouvem-se milhares de indivíduos cantando pelos campos em volta, a tal ponto que o som parece ser de defeito em roda do veículo, pois é um som contínuo, ora parecendo sincopado.

***Ceratophryidae* (Reig & Limeses, 1963)** (Untanhas, intanhas)

Ceratophrydes Tschudi, 1838, *Classif. Batr.*: 26.

Ceratophryidae --- Cope, 1863, *Proc. Acad. Nat. Sci. Phila.* 15: 50.

Ceratophryidae --- Parker, 1933, *Trop. Agric., Trinidad* 10: 12.

Ceratophryinae --- Parker, 1933, *Trop. Agric., Trinidad* 10: 11.

Ceratophryinae --- Reig, 1960, *Acta Trab. I Congr. Sudam. Zool.* 4: 117.

Ceratophryidae --- Reig & Limeses, 1963, *Physis* 24: 125.

***Ceratophrys* (Wied-Neuwied, 1824)** (Untanhas, sapos-boi, chifrudos)

Phrynocerus Rafinesque, 1815 (*nomen nudum*), *Analyse Nat.*: 78.

Ceratophrys Wied-Neuwied, 1824, *Isis v. Oken* 14: 672; espécie-tipo: *Ceratophrys varius* Wied-Neuwied, 1824 (= *Bufo auritus* Raddi, 1823).

Stombus Gravenhorst, 1825, *Isis v. Oken* 1825: 920; *Rana cornuta* Linnaeus, 1758 (Gravenhorst, 1829, *Delic. Mus. Zool. Vratislav.*, 1 :48).

Trigonophrys Hallowell, 1857, *Proc. Acad. Nat. Sci. Phila.* 8: 298; espécie-tipo: *Trigonophrys rugiceps* Hallowell, 1857.

Diagnose – Cabeça muito grande e alta, ossificada externamente, sem tumescência nasal; lábios superiores altos. Pálpebras superiores com fâneros agudos. Dedos com pontas lisas, não expandidas, sem discos; fímbria curta, menos de 2/3 de cada dedo. Coloração dorsal manchada de preto, parda ou com cores vivas (verde e/ou vermelha), ou com reflexos metálicos. Geralmente de grande porte, podendo atingir 300 mm de CRC.

Representação – *C. ornata*.

***Ceratophrys ornata* (Bell, 1843)**
(Untanha verde, sapo-boi verde)



Figura 127- *Ceratophrys ornata*.

Uperodon ornatum Bell, 1843, Zool. Voy. Beagle 5: 50, fig. 6; localidade-tipo: Buenos Aires, Argentina.

Trigonophrys rugiceps Hallowell, 1857, Proc. Acad. nat. Sci. Phila. 8: 298; localidade-tipo: rio Paraná,

Ceratophrys ornata --- Günther, 1859, Cat. Batr. Sal.: 25.

Ceratophrys ensenadensis Rusconi, 1932, Semana Medica 38: 1; localidade-tipo: Olivos, Buenos Aires, Argentina.

Ceratophrys (Ceratophrys) ornata --- Lynch, 1982, Syst. Zool. 31: 166.

Ceratophrys varia --- Braun & Braun, 1980, Iheringia, Zool.(56): 130.



Figura 128- *Ceratophrys ornata*.

Diagnose – Grande porte (até 300 mm). Cor dorsal verde-metálica com ventre brancacento. Corno palpebral reduzido a curto tubérculo sobre pálpebra levemente pontuda, triangular. Dorso com placas duras verdes e pretas formando placa dorsal óssea. Dois tubérculos metatarsais internos.



Figura 129- *Ceratophrys ornata*.

Distribuição – Região pampeana do Paraguai à Argentina e RS para o Uruguai. No Estado foi vista nas terras baixas de sudeste e sul, inclusive litoral.

Exemplares – Bagé, Cassino, Rio Grande, Santa Vitória do Palmar, São Lourenço do Sul.

Observações – Tombada no Livro Vermelho (GARCIA & VINCIPROVA, 2003). Muito voraz, temos visto comer pequenos vertebrados (anfíbios, répteis e roedores) (BRAUN. et al., 1980).



Figura 130- *Ceratophrys ornata* – display.

***Cycloramphidae* (Bonaparte, 1850)**

Cycloramphidae Bonaparte, 1850, Consp. Syst. Herpet. Amph.: 1. Gênero-tipo: *Cycloramphus* Tschudi, 1838.

Rhinodermatidae — Günther, 1858, Proc. Zool. Soc. London 1858: 346.

Grypocina Mivart, 1869, Proc. Zool. Soc. London 1869: 290. Gênero-tipo: *Grypiscus* Cope, 1867.

Thoropidae Frost. et al., 2006, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist. 297: 211. Espécie-tipo: *Thoropa* Cope, 1865.

Diagnose – Anuros robustos, bufonoides, cabeça curta e larga, boca com grande abertura. Esterno cartilaginoso. Dentes maxilares e vomerinos presentes. Pupila horizontal. Tímpano oculto. Pele dorsal rugosa, com glândulas em cristas, formando ou não escudo dorsal, que pode apresentar aspecto poligonal longitudinal. Parotoides ausentes, ou reduzidas. Dedos finos, sem membrana interdigital, sem dilatações nas extremidades, sem fíbricas ou essas muito reduzidas. Geralmente com fâneros em forma de chifre sobre as pálpebras superiores.

Chave para subfamílias:

- a. Aspecto bufonoide.....Cycloramphinae.
 b. Aspecto ranoide.....Hylodinae.

Cycloramphinae (Bonaparte, 1850)
 (Rãs rugosas)

Cycloramphina Bonaparte, 1850, Conspect. Syst. Herpet. Amph.: 1.
Grypiscina Mivart, 1869, Proc. Zool. Soc. London, 1869: 295.
Elosiidae Miranda-Ribeiro, 1923, Rev. Mus. Paulista 13: 827.
Elosiinae --- Lutz, 1930, Mem. Inst. Osw. Cruz 24: 195.
Elosiini --- Ardila-Robayo, 1979, Caldasia 12: 385.
Cycloramphinae --- Ardila-Robayo, 1979, Caldasia 12: 455.

Diagnose – Aspecto bufonoide. Pele lisa ou granulosa, úmida. Dedos com extremidades simples, finas, ou com discos pequenos.

Representação – *Cycloramphus*, *Odontophrynus*, *Proceratophrys*.

Chave para os gêneros:

- 1a. Com formações ceratóides palpebrais (chifres). Parotoídes ausentes.....*Proceratophrys*.
 1b. Sem chifres. Parotoídes presentes (reduzidas).....2.
 2a. Dedos fimbriados. Machos com glândula dorsal.....*Cycloramphus*.
 2b. Dedos lisos, não fimbriados em glândula dorsal.....*Odontophrynus*.

Cycloramphus (Tschudi, 1838)

Cycloramphus Tschudi, 1838, Classif. Batr.: 81; localidade-tipo: *Cycloramphus fulginosus* Tschudi, 1838.
Cyclorhamphus --- Agassiz, 1845, in Agassiz, Nomencl. Zool.: 110.
Ilidiscus Miranda-Ribeiro, 1920, Rev. Mus. Paulista 12: 267; espécie-tipo: *Ilidiscus dubius* Miranda-Ribeiro, 1920.
Craspedoglossa Muller, 1922, Bl. Aquar. Terrar. Stuttgart 33: 167; espécie-tipo: *Craspedoglossa santae-catharinae* Müller, 1922.

Diagnose – Esterno cartilaginoso. Com glândula lombar grande e lustrosa nos machos. Menisco móvel na íris. Tímpano oculto. Pele dorsal uniformemente pustular. Dedos livres ou fimbriados, com falange terminal

arredondada. Tubérculo metatarsal externo grande, 1/3 a 1/2 do interno.

Observação – Em locas ou fendas em barrancos ou sob pedras no leito de cursos de água. Regiões altas florestadas.

Representação – *C. valae*.

***Cyclorhamphus valae* (Heyer, 1983)**

(Rãzinha das pedras)

Cyclorhamphus asper --- Braun & Braun, 1980: 131.

Cyclorhamphus valae Heyer, 1983, Arq. Zool. S. Paulo 30: 319; localidade-tipo: Gruta, a 20 km E de Bom Jardim, rodovia para Lauro Muller, SC.

Cyclorhamphus asper --- Braun & Braun, 1980, Iheringia, Zool. (56): 131.

Diagnose – Granulações dorsais não glandulares, dispostas irregularmente. Dedos fimbriados. Coloração dorsal castanha escura a cinzenta, uniforme; cor ventral castanha mais clara que a dorsal.

Distribuição – Meridional na Serra Geral de SC ao RS, onde ocorre no planalto oriental, em Cambará do Sul (Fortaleza dos Aparados). Vista em São Borja por BRAUN & BRAUN (1980).

Observação – Tombada no Livro Vermelho (GARCIA & VINCI-PROVA, 2003).

***Odontophrynus* (Reinhardt & Lütken, 1862)**

(Sapos da terra)

Odontophrynus Reinhardt & Lütken, 1862 – Vidensk. Medd. Dansk. Naturh. Foren. 2, 3 (10-15): 159; espécie-tipo: *Odontophrynus cultripes* Reinhardt & Lütken, 1862.

Hyperoodon Philippi, 1902 (preocupado por *Hyperoodon* Lacépède, 1804, Cetácea), Supl. Batr. Chil. Descr.: 1; espécie-tipo: *Hyperoodon asper* Philippi, 1902.

Diagnose – Fâneros ceratoides ausentes. Glândula parotoide reduzida. Pele dorsal rica de glândulas cutâneas e com verrugas. Dedos simples, sem membrana interdigital; falanges terminais arredondadas; tubérculos plantares ausentes ou pequenos.

Representação – *O. americanus*.

***Odontophrynus americanus* (Duméril & Bibron, 1841)**
(Sapo da horta)

Pyxicephalus americanus Duméril & Bibron, 1841, *Erp. Gén.* 8: 446; localidade-tipo: Buenos Aires, Argentina (foi enviado dessa cidade, mas não se sabe a procedência, *apud* FROST, 2007). *Odontophrynus americanus* --- Miranda-Ribeiro, 1920, *Rev. Mus. Paulista* 12: 299. --- Lema & Braun, 1993, *Rev. Bras. Zool.* 10 (2): 271.



Figura 131- *Odontophrynus americanus*.

Diagnose – Parotoide vestigial, situado logo após o tímpano que é oculto, diferença de *O. cultripes* Reinhardt *et* Lütken, 1862, em que ela é grande. Dedos simples, falanges terminais arredondadas. Tubérculo metatarsal grande e laminar. Coloração dorsal cinza-amarelada, com manchas escuras pequenas. Coloração ventral brancacenta.

Distribuição – Brasil meridional para a Bolívia, Paraguai, Argentina e Uruguai. Ocorre em todo o RS.

Exemplares – Arvorezinha, Bagé, Boçoroca, Cachoeirinha, Cambará do Sul, Campo Bom, Canela, Candiota, Canoas, Capão da Canoa, Capão do Leão, Carlos Barbosa, Esmeralda, General Câmara, Gravataí, Guaíba, Jaguarão, Lagoa Vermelha, Lajeado, Montenegro, Mostardas,



Figura 132- *Odontophrynus americanus* – estriado, sem estria, cópula (Kwet & Di Bernardo, 1999).

Osório, Pelotas, Pinhal, Porto Alegre, Rio Pardo, Santa Maria, São Borja, São Francisco de Paula, São Leopoldo, Torres, Tramandaí Triunfo, Uruguaiana, Vacaria, Viamão, Xangri-Lá.

***Proceratophrys* (Miranda-Ribeiro, 1920)**
(Untanhas mirins)

Proceratophrys Miranda-Ribeiro, 1920, Rev. Mus. Paulista 12: 301; espécie-tipo: *Ceratophrys bigibbosa* Peters, 1872.

Diagnose – Porte menor que *Ceratophrys*, até 60 cm de comprimento rostro-cloacal. Região orbital intumescida. Pele dorsal com ou sem cristas laterais no tronco, em forma de esculturação lanciforme. Formações epidérmicas ceratóides nas pálpebras superiores.

Parotoides ausentes. Dedos simples, com ponta arredondada, sem sulco; tubérculo metatarsal interno laminar. Coloração dorsal parda, manchada, podendo apresentar as cores verde e vermelha. Cor ventral vermelha a alaranjada, manchada de preto.

Representação – *P. bigibbosa*, *P. brauni*.

Chave para as espécies ocorrentes na área:

a. Duas tumefações altas postoculares e dorsais. Cristas dorsais não evidentes. Cor dorsal castanho-escura ou um pouco claro, com desenhos pouco evidentes. Membros posteriores com membranas interdigitais medianamente desenvolvidas. Focinho arredondado se visto de cima*P. bigibbosa*.

b. Tumefações postoculares baixas e pouco evidentes. Cristas dorsais (2) evidentes marginando área central dorsal de cor clara. Membros posteriores sem membranas interdigitais. Focinho acuminado visto de cima.....*P. brauni*.

***Proceratophrys bigibbosa* (Peters, 1872)**

Ceratophrys bigibbosa Peters, 1872, Monatsber. Preuss. Akad. Wiss. Berlin 1872: 204; localidade-tipo: RS.

Proceratophrys bigibbosa --- Miranda-Ribeiro, 1920, Rev. Mus. Paulista 12: 303.

Proceratophrys cristinae Braun, 1973, Iheringia, Zool. (43): 92, figs. 1, 2. Localidade-tipo: Linha Imperial, Nova Petrópolis, RS.

Diagnose – Focinho arredondado de cima. Duas tumefações postorbitais dorsais altas. Cristas dorsais evidentes, mas de bordas arredondas. Membros posteriores com membrana interdigital medianamente desenvolvida. Sem

mancha preta interorbital. Cor dorsal castanha escura ou pouco mais clara, com desenhos pouco visíveis; área central das cristas de cor clara. Ventre vermelho com manchas pretas pequenas e irregulares na periferia do ventre.

Distribuição – Brasil meridional ao planalto do RS e Misiones, Argentina. Norte e nordeste do RS, no planalto e encostas do mesmo.

Exemplares – Canela, Linha Imperial, Nova Petrópolis, São Francisco de Paula, Sinimbu.



Figura 133- *Proceratophrys bigibbosa* (Kwet & Di Bernardo, 1999).

***Proceratophrys brauni* (Kwet & Faivovich, 2001)**

Proceratophrys sp. Kwet & Di-Bernardo, 1999: 80, figs. 112-114.

Proceratophrys brauni Kwet & Faivovich, 2001, Copeia 2001: 204;
localidade-tipo: Fortaleza dos Aparados, Cambará do Sul, RS.

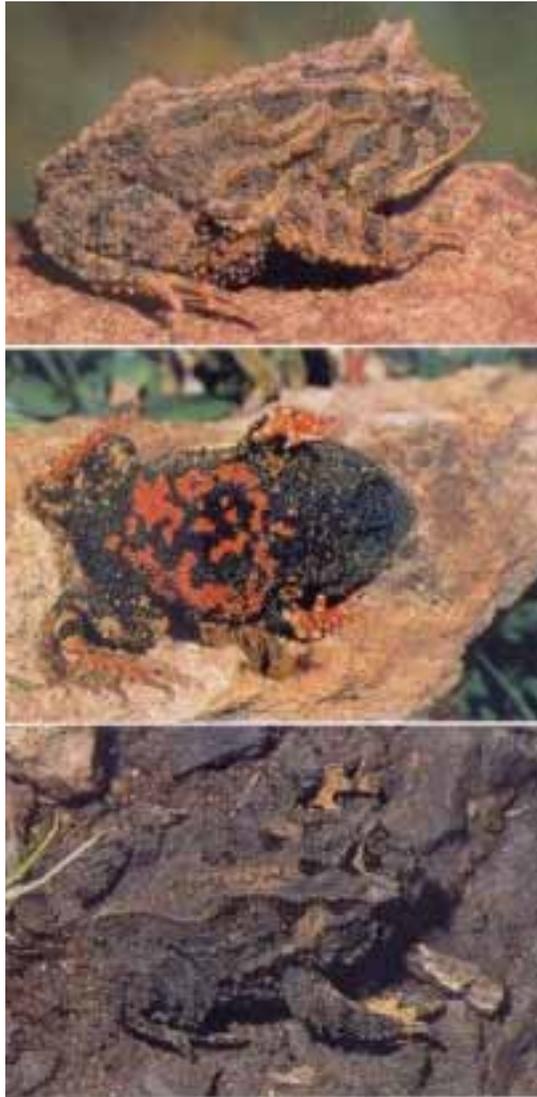


Figura 134- *Proceratophrys brauni* (Kwet & Di Bernardo, 1999) vista dorsal, ventral e mimetismo.

Diagnose – Focinho pontudo (visto de cima). Tumefações postoculares baixas, pouco evidentes. Cristas dorsais bem evidentes formando arestas acentuadas. Membros posteriores sem membrana interdigital. Coloração dorsal clara, com desenhos evidentes. Figura em V preta marginada de claro interorbital. Ventre vermelho manchado total e irregularmente de preto.

Distribuição – Ao sul da Serra Geral, RS; encontrada no Pró-Mata.

Hylodinae (Günther, 1858)

Cyclorhampina Bonaparte, 1850 (parte), Conspect. Syst. Herpetol. Amph.: 1.

Hylodinae Günther, 1858, Proc. Zool. Soc. London 1858: 346.

Hylodina --- Mivart, 1869, Proc. Zool. Soc. London 1869: 293.

Diagnose – Porte pequeno e com aspecto ranoide. Esterno cartilaginoso, calcificado ou em placa óssea. Maxila prognata. Dentes pré-vomerianos geralmente presentes. Pupila horizontal. Tímpano evidente. Pele lisa ou glandulosa. Dedos em franja ou dilatados na extremidade, com dois pequenos escudos dorsais.

Observação – Espécies ocorrentes em cursos de água com quedas em terras altas.

Representação – *Crossodactylus*, *Hylodes*.

Chave para os gêneros:

1a. Espinho (dedo) nupcial presente. Saco vocal mediano, subgular, não eversível. Ponta dos dedos redonda ou com almofada, com glândula terminal.....*Crossodactylus*.

b. Espinho nupcial ausente. Sacos vocais em par, laterais e eversíveis. Dedos com ponta redonda apenas.....*Hylodes*.

***Crossodactylus* (Duméril & Bibron, 1841)**

Crossodactylus Duméril & Bibron, 1841, Erpet. Gén. 8: 635; espécie-tipo:

Crossodactylus gaudichaudii Duméril & Bibron, 1841.

Limnocharis Bell, 1843, Zool. Voy. Beagle 5: 33; espécie-tipo:

Limnocharis fuscus Bell, 1843.

Tarsopterus Reinhardt & Lütken, 1862, Vidensk. Medd. Dansk. Naturhist. Foren. 2, 3: 177; espécie-tipo: *Tarsopterus trachystomus* Reinhardt & Lütken, 1862.

Calamobates Witte, 1930, in Massart, Miss. Biol. Belge Brésil 2: 219; espécie-tipo: *Calamobates boulengeri* Witte, 1930.

Diagnose – Dentes pré-vomerinos geralmente ausentes. Dedos fimbriados; dedos do pé com extremidade esférica; mãos sem pontas córneas e com espículas nupciais. Glândulas presentes nas extremidades dos dedos. Saco vocal não eversível, mediano, subgular. Tímpano externo, grande.

Representação – *C. dispar*.

Crossodactylus dispar (Lutz, 1925)

Crossodactylus dispar Lutz, 1925, Compt. Rend. Seances Soc. Biol, Paris 93: 138; localidade-tipo: Fazenda do Bonito, Serra da Bocaina, São José do Berreiro, SP (BOKERMANN, 1966:30).

Calamobates boulengeri Witte, 1930, in Massart, Miss. Biol. Belge Brésil 2: 219; localidade-tipo: Paranapiacaba (Alto da Serra), SP.

Crossodactylus fuscigula Lutz, 1930, Mem. Inst. Oswaldo Cruz 24: 211; localidade-tipo: Serra da Bocaina, SP, 1150 m.

Crossodactylus dispar dispar --- Lutz, 1951, O Hospital 39: 707.

Diagnose – Macho com membros anteriores reforçados. Cor ventral brancacenta.

Distribuição – Brasil sudeste para o sul e Misiones, Argentina. No RS a noroeste e nordeste em pontos isolados.

Exemplar – São Borja.

Hylodes (Fitzinger, 1826)

Hylodes Fitzinger, 1826, N. Class. Rept.: 38; espécie-tipo: *Hyla ranoides* Spix, 1824 (= *Hyla nasus* Lichtenstein, 18230).

Enydrobius Wagler, 1830 (nome substit. pro *Hylodes* Fitzinger, 1826), Nat. Syst. Amph.: 202.

Elosia Tschudi, 1838, Classif. Batr.: 36, 77; espécie-tipo: *Elosia nasuta* Tschudi, 1838.

Scinacodes Fitzinger, 1843, Syst. Rept.: 32; espécie-tipo: *Hyla nasus* Lichtenstein, 1823.

Elesia --- Brazil & Vellard, 1926 (nome substit. pro *Elosia* Tschudi, 1838), Mem. Inst. Butantan 3: 43.

Diagnose – Sem espinhos nupciais. Sacos vocais laterais (par), eversíveis.

Representação – *H. meridionalis*.

***Hylodes meridionalis* (Mertens, 1927)**
(Rã das cachoeiras)

Elosia nasus meridionalis Mertens, 1927, Bl. Aquar. Terrar. Stuttgart 38: 288; localidade-tipo: em cascata de 900 m de altura, 3 km NW de São Francisco de Paula, RS.

Elosia meridionalis ---
Mertens, 1967, Senckenb. Biol. 48:39.

Hylodes meridionalis ---
Lynch, 1971, Misc. Publ. Mus. Nat. Hist. Univ. Kansas 53: 167.



Figura 135- *Hylodes meridionalis*.

Diagnose – Até 50 cm de comprimento rostro-cloacal. Dedos fortemente fimbriados.

Dorso de coloração uniforme castanha escura, enegrecida ou manchada de preto. Estria preta da narina para trás da cabeça, passando sobre tímpano, até os ombros; a zona sob essa estria é branco-amarelada luminosa. Coxas com largas faixas escuras.

Habita as florestas de encosta. Temos visto vocalizar de tarde, sobre rochas em cachoeiras na serra gaúcha.

Distribuição – Planalto oriental do RS e encostas.

Exemplares – Cambará do Sul, Canela, São Francisco de Paula, Terra de Areia, Torres.

Thoropidae (Frost, Grant, Faivovich, Bain, Haas, Haddad, De Sá, Channing, Wilkinson, Donnellan, Raxworthy, Campbell, Blotto, Moler, Drewes, Nussbaum, Lynch, Gree & Wheeler, 2006)

Thoropidae Frost et al., 2006: 211. Gênero-tipo: *Thoropa* Cope, 1865.

Diagnose – A diferenciação dessa família de Cycloramphidae é a nível molecular. Como é monotípico, as espécies do gênero único têm aspecto ranoide, como às daquela família. O grupo irmão é Dendrobatidae (FROST. et al., 2006). A diagnose do gênero serve, pois, para a família.

Distribuição – Brasil Sul pelo lado oriental.

Representação – *Thoropa*.

***Thoropa* (Cope, 1865)**

Thoropa Cope, 1865, Hist. Nat. Rev., N. S. 5: 110; espécie-tipo: *Cystignathus missiessii* Eydoux & Souleyer, 1842 (= *Rana miliaris* Spix, 1824).

Diagnose – Pupila horizontal. Tímpano externo. Dedos estreitos, mas com almofadas digitais, relativamente estreitas, com formato de T ou Y; mão sem excrescências nupciais. Porte pequeno. Difere de *Crossodactylus* por não possuir glândulas na ponta dos dedos.

Observação – Habita paredões úmidos, tanto adultos como larvas e ovos.

Representação – *T. saxatilis*.

***Thoropa saxatilis* (Cocroft & Heyer, 1988)** (Rã das pedras)



Figura 136- *Thoropa saxatilis* (Paulo Anchieta C. Garcia).

Thoropa saxatilis Cocroft & Heyer, 1988, Proc. Biol. Soc. Was. 101: 210; localidade-tipo: 20 km E de Bom Jardim, rodovia para Lauro Muller, SC.

Thoropa miliaris --- Braun & Braun, 1980, Iheringia, Zool. (56): 132.

Diagnose – Coloração dorsal pardo-clara, com duas manchas pardo-escuras, quadrangulares, uma após a outra.

Distribuição – Brasil meridional oriental, em SC e RS, região da Floresta Atlântica. Em SC, em Timbó do Sul e Praia Grande.

Exemplares – Cambará do Sul, Dois Irmãos, Rio Pardo.

Observação – Tombada no Livro Vermelho (GARCIA & VINCIPROVA, 2003).

***Bufo*nidae (Gray, 1825)** (Sapos)

*Bufo*nina Gray, 1825, Ann. Philos. 2, 10: 214.

*Bufo*nidae Bell, 1839, Hist. Brit. Rept.: 105.

Diagnose – Porte até 250 mm de CRC. Corpo geralmente reforçado. Pele grossa, seca, granulosa, rica de verrugas de tamanhos diferentes e cujas glândulas dorsais secretam toxinas letais aos animais em geral. Cabeça curta e larga, crânio completamente ossificado. Dentes maxilares e mandibulares ausentes, dentes palatinos geralmente presentes. Com glândulas parotoides postoculares, grandes. Vértex procélicas. Costelas ausentes. Cintura escapular arciferal, ou pseudo-firmisternal (pela fusão dos epicoracoides); elementos esternais cartilagosos, coincidentes entre si sem se articularem. Diapófises sacrais cilíndricas ou pouco planas. Cartilagens intercalares e falanges acessórias ausentes nos dedos; dedos sem discos adesivos, com extremidade fina e as duas últimas falanges sem elementos cartilagosos intermediários.

Representação – *Dendrophryniscus*, *Melanophryniscus* e *Rhinella*.

Chave pra os gêneros ocorrentes na área:

1a. Corpo reforçado (bufonoide); cabeça larga. O primeiro dedo é normal ou nupcial no macho.....2.

1b. Corpo delgado e alongado; cabeça alongada. O primeiro dedo é rudimentar.....*Dendrophryniscus*.

2a. Focinho geralmente com uma intumescência nasal. Cor dorsal geralmente preta ou verde-escura, com a cor ventral parte ou toda vermelha. Porte sempre pequeno.....*Melanophryniscus*.

2b. Intumescência nasal ausente. Cor dorsal parda, pardo oliva, ou branco-amarelada, com ou sem manchas pretas, variando conforme o sexo. Porte geralmente grande.....*Rhinella*.

***Dendrophryniscus* (Jiménez-de-la-Espada, 1871)**
(Sapinhos arborícolas)

Dendrophryniscus Jiménez-de-la-Espada, 1871, J. Sci. Math. Phys. Nat., Lisboa 3: 65; espécie-tipo: *Melanophryniscus brevipollicatus* Jiménez-de-la-Espada, 1871.

Diagnose – Bufonoides, pequenos, de corpo estreito e cabeça alongada, adaptados à vida arbórea, com o primeiro dedo rudimentar.

Representação – Apenas *D. berthaltutzae* foi encontrado na área.

***Dendrophryniscus berthaltutzae* (Izecksohn, 1994)**
(Sapinho de árvore)

Dendrophryniscus brevipollicatus — Braun & Braun, 1980, Iheringia, Zool. (56): 125.
Dendrophryniscus berthaltutzae Izecksohn, 1994, Rev. Bras. Zool. 10: 480;
Localidade-tipo: Joinville, SC.



Figura 137- *Dendrophryniscus berthaltutzae*.

Diagnose – Apresenta o focinho bicudo, corpo delgado, não bufonoide. Sua coloração dorsal é clara, com manchas castanhas estreitas em forma das letras X e V, com fundo claro; uma faixa castanha escura desde o focinho e passando pelo olho segue até a virilha; faixa interorbital castanha escura e mancha da mesma cor subocular. Coxas com duas faixas grossas de cor castanha, marginadas de castanho escuro.

Distribuição – SC ao RS, pelo planalto meridional do Brasil em sua porção oriental.

Observação 1 – BRAUN & BRAUN (1980) confundiram-na com *D. brevipollicatus* Jiménez-de-la-Espada, 1871.

Observação 2 – Extremamente abundante no verão e, viajando de carro, à noite, ouve-se o canto de milhares de indivíduos dos dois lados da rodovia, de forma contínua, parecendo um defeito no rodado da viatura andando.



Figura 138- *Dendrophryniscus berthalutze*.

***Melanophryniscus* (Gallardo, 1961)**
(Sapinhos de barriga vermelha)

Melanophryniscus Gallardo, 1961, Neotropica 7 (24): 72; espécie-tipo: *Phryniscus stelzneri* Weyemberg, 1875.

Diagnose – Corpo bufonoide, mas muito pequeno, com cabeça curta e larga. Focinho com intumescência geralmente. Pele dorsal rica de glândulas e granulosa, às vezes com granulações grandes. Dedos simples geralmente sem membrana interdigital, ou está muito reduzida. Geralmente apresenta o dorso preto, geralmente sem linha branca vertebral; com o ventre vermelho, com ou sem manchas brancas ou amarelas. Raramente tem cor dorsal verde ou verde-azulada nas espécies meridionais.

Composição – *M. cambaraensis*, *M. dorsalis*, *M. macrogranulosus*, *M. pachyrhynchus*, *M. sanmartini* e *M. tumifrons*.

Chave para as espécies ocorrentes na área:

- 1a. Com tumefação supranasal.....2.
- 1b. Sem tumefação nasal.....5.
- 2a. Tumefação bilobada. Glândulas dorsais relativamente normais.

- Coloração preta dorso-ventralmente, com lados do focinho amarelos; ventre vermelho apenas posteriormente.....*M. tumifrons*.
- 2b. Tumefação inteira. Glândulas dorsais grandes sobre a pele lisa. Coloração dorsal verde e lados do focinho variáveis.....3.
- 3a. Verde pardacento com uma estria parda vertebral desde a cabeça até a cloaca, atingindo a face dorsal das coxas. Lados do focinho pardo. Ventre preto com mancha vermelha triangular do meio para trás.....*M. devincenzii*.
- 3b. Sem estria parda vertebral. Lados do focinho não pardo. Ventre preto a claro, sem mancha vermelha riangular posterior.....4.
- 4a. Coloração dorsal e lados do focinho verdes. Coloração ventral, desde a gula, amarela, avermelhando gradativamente para trás, vermelha apenas nas virilhas e coxas adjacentes.....*M. cambaraensis*.
- 4b. Coloração dorsal verde-escura, com as glândulas claras; lados do focinho pretos. Ventre vermelho, do peito às virilhas e coxas, sobre fundo brancacento.....*M. macrogranulosus*.
- 5a. Coloração geral verde-metálica com glândulas cutâneas muito grandes de cor clara espalhadas por todo o corpo.....*M. admirabilis*.
- 5b. Coloração geral não verde, mas sim preta total ou parcialmente.....6.
- 6a. Coloração geral preta, ventre vermelho apenas posteriormente e sobre as coxas.....7.
- 6b. Coloração geral parcialmente preta a pardacenta e o ventre claro8.
- 7a. Face dorsal preta manchada de amarelo ou amarelado; ventre preto com um par de manchas circulares amarelas posteriormente, com a parte posterior vermelho atingindo as coxas.....9.
- 7b. Lado dorsal inteiramente preto. Com muitas manchas pequenas ou pontos amarelos esparsos no ventre.....*M. atroluteus*.
- 8a. Dorso e ventre pretos, dorso com algumas pequenas manchas amareladas laterais no tronco.....*M. montevidensis*.
- 8b. Dorso e ventre pretos desbotados, com manchas pardo-amareladas nos lados e sobre o dorso; ventre com manchas pequenas, amareladas, mais na periferia.....*M. sanmartini*.
- 9a. Dorso preto com estria vertebral vermelha; ventre todo vermelho, com a região gular preta. Lados do focinho vermelhos*M. dorsalis*.

9b. Dorso pardo-escuro a preto sujo, sem estria vertebral; ventre pardo-amarelado, avermelhando para trás, com a região gular pardo-clara. Lados do focinho pardo-clara.....*M. pachyrhynus*.

***Melanophryniscus admirabilis* (Di Bernardo,
Maneyro & Grillo, 2006)**
(Sapinho verde)



Figura 139- *Melanophryniscus admirabilis*.

Melanophryniscus admirabilis Di-Bernardo, Maneyro & Grillo, 2006, J. Herpetology 40 (2): 263, fig. 1; localidade-tipo: Perau de Janeiro, Arvorezinha, RS.

Diagnose – Maior espécie do gênero, com quase 4 cm de CRC. Apresenta glândulas muito grandes em todo o tronco. Acor dorsal é verde-clara metálica, com as glândulas branco-amareladas destacadas. É semelhante com *M. macrogranulosus* e *M. cambaraensis*.

Distribuição – Conhecida da região do município de Arvorezinha (RS).

Exemplares – Arvorezinha.

***Melanophryniscus atroluteus* (Miranda-Ribeiro, 1920)**
(Sapinho preto)

Atelopus atro-luteus Miranda-Ribeiro, 1920, Rev. Mus. Paulista 12: 309; localidade-tipo: Itaqui, RS.

Melanophryniscus stelzneri atroluteus --- Gallardo, 1961, Actas I Reunion Comun. Ci. Santa Fé, Argentina: 209.

Melanophryniscus atroluteus --- Klappenbach & Langone, 1992, Com. Mus. Hist. Nat. Montevideo 2, 8: 175.



Figura 140- *Melanophryniscus atroluteus*.

Diagnose – Quase todo preto dorsal e ventralmente, aparecendo a cor vermelha na parte posterior do ventre e membros; no meio do ventre podem aparecer algumas



Figura 141- *Melanophryniscus atroluteus*.

pequenas manchas amarelas, alaranjadas e vermelhas espalhadas irregularmente. Palmas das mãos e plantas dos pés vermelhas. Há variação na coloração ventral, mas notamos que no material tombado com esse nome em coleções há exemplares de coloração bastante diversa, com manchas vermelhas grandes no ventre, e.g.



Figura 142- *Melanophryniscus atroluteus*.

Distribuição – Leste a oeste do RS, desde as partes baixas às altas, incluindo o Planalto, estendendo-

se para nordeste da Argentina (Entre Ríos, Corrientes, Misiones) e Uruguai Artigas, Cerro Largo, Lavalleja, Paysandú, Salto, Treinta y Três), sul do Paraguai; provavelmente sul de SC.



Figura 143- *Melanophryniscus atroluteus*.

Exemplares – Garruchos, São Borja, São José dos Ausentes, São Nicolau, Tenente Portela.

***Melanophryniscus cambaraensis* (Braun & Braun, 1978)**
(Sapinho verde, sapo verde da barriga vermelha)

Melanophryniscus cambaraensis Braun & Braun, 1979, Iheringia, Zool. (54): 7; localidade-tipo: Fortaleza dos Aparados, Cambará do Sul, RS.

Diagnose – Porte relativamente grande, até cerca de 40 mm de CRC. Tumefação nasal grande, arredondada. Parotídeos ausentes. Pele lisa com grandes verrugas glandulares dorsais e ventre com granulação com ápice branco. Cor dorsal e lados do focinho verde; o macho é mais escuro que a fêmea, que é verde brilhante, ambos com as glândulas com ápice claro dando efeito pontuado à coloração; face ventral das mãos e dos pés vermelha.

A cor ventral é amarelo-viva, com mancha vermelha na região gular, avermelhando posteriormente inclusive nas coxas e virilhas; mas há exemplares em que a face ventral é toda vermelha; a região gular é amarela ou vermelha; sem manchas escuras ventrais.



Figura 144-*Melanophryniscus cambaraensis*.



Figura 145- *Melanophryniscus cambaraensis* ventre.

Distribuição – Conhecida do nordeste elevado do RS (Planalto).

Exemplares – Cambará do Sul, São Francisco de Paula.

Observação 1 – KWET & DI-BERNARDO (1999, fig. 15) mostram exemplar de *M. macrogranulosus* com sendo da presente espécie.

Observação 2 – Espécie tombada no Livro Vermelho (GARCIA & VIN-CIPROVA, 2003).

***Melanophryniscus devincenzii* (Klappenbach, 1968)**
(Sapinho pardo de barriga vermelha)

Melanophryniscus devincenzii Klappenbach, 1968, *Comun. Mus. Hist. Nat. Montevideo* 9: 7; localidade-tipo: La Palma, Rubio Chico, próximo Subida de Pena, Cuchilla Negra, Rivera, Uruguai.

Diagnose – Com tumefação nasal. Dorso pardo-esverdeado com uma estria pardo-clara vertebral desde a cabeça



Figura 146- *Melanophryniscus devincenzii*.



Figura 147- *Melanophryniscus devincenzii* – detalhe: ventre.

até a cloaca, atingindo o dorso das coxas; lados do corpo também da mesma cor da estria atingindo os lados do focinho. Ventre preto, exceto do meio para trás que é vermelho, em forma de mancha triangular. Palmas das mãos e plantas dos pés de cor vermelha.

Distribuição – Departamentos de Rivera e Tacuarembó, Uruguai e na Província de Misiones, Argentina. Provavelmente a oeste do RS.

Melanophryniscus dorsalis (Mertens, 1933)
(Sapinho preto listado, Flamenguinho)



Figura 148- *Melanophryniscus dorsalis*.

Dendrophryniscus stelzneri dorsalis Mertens, 1933, Zool. Anz. 102: 257; localidade-tipo: Torres, RS.

Melanophryniscus stelzneri dorsalis --- Gallardo, 1961, Actas I Reunion Trab. Comum. Ci. Santa Fé, Argentina: 209.

Melanophryniscus dorsalis --- Cruz & Caramaschi, 2003, Bol. Mus. Nac. R. Janeiro, Zool. (500): 1.

Diagnose – Espécie de porte pequeno. Coloração geral preta, com estria vertebral vermelha que se inicia da estria interorbicular; lados do focinho vermelhos. Coloração ventral toda vermelha com

exceção da região gular que é preta; aparecem estrias poucas, incompletas, transversais, às vezes formando uma cintura na parte posterior. Estria vermelha interorbicular que pode ter a forma de T.

Distribuição – Brasil meridional oriental, de SC ao norte do RS pelas terras baixas, arenosas, da planície costeira atlântica, desde Laguna (SC) até Praia de Cidreira (RS). Espécie em extinção, mas ainda é comum no Parque Estadual de Itapeva (Torres), segundo COLOMBO & VINCIPROVA (2003). Comum em Itabirubá e Imbituba, litoral de SC.

Exemplares – Torres.

Observação – Espécie tombada no Livro Vermelho (GARCIA & VINCIPROVA, 2003).

***Melanophryniscus macrogranulosus* (Braun, 1973)**
(Sapinho narigudo de barriga vermelha)

Melanophryniscus macrogranulosus Braun, 1973, Iheringia, Zool. (44): 4, figs. 1-3: localidade-tipo: Torres, RS.

Melanophryniscus cambaraensis --- Kwet & Di-Bernardo, 1999 (erro): fig. 18.



Figura 149- *Melanophryniscus macrogranulosus*.

Diagnose – Tumefação nasal presente inteira. Pele lisa com grandes glândulas. Cor dorsal verde-escura, fixada fica preta azulada, com as glândulas claras; lados do focinho preto-azulado. Lado ventral preto desde a garganta até o peito, passando a vermelha. O ápice de cada glândula é branco-amarelado.



Figura 150- *Melanophryniscus macrogranulosus* – ventre.

Distribuição – Planície costeira do nordeste do Estado, junto à encosta do planalto meridional brasileiro. Encontrado em gruta na rocha, em Torres. Reencontrado por ESCOBAR. et al. (2004) em Barra do Ouro.

Exemplares – Dom Pedro de Alcântara, Maquiné.

Observação – Tombada no Livro Vermelho (GARCIA & VINCI PROVA, 2003).

***Melanophryniscus pachyrhynus* (Miranda-Ribeiro, 1920)**
(Sapinho preto de barriga amarela)

Atelopus pachyrhynus Miranda-Ribeiro, 1920, Ver. Mus. Paulista 12: 309; localidade-tipo: São Lourenço do Sul, RS (BOKERMANN, 1966:14, FROST, 2007).

Melanophryniscus tumifrons --- Müller, 1934, Zool. Anz. 108: 153.

Melanophryniscus pachyrhynus --- Caramaschi & Cruz, 2002, Arq. Mus. Nac. R. de Janeiro 60: 303.

Diagnose – Dorso preto sujo uniforme a pardacento, com lados do focinho pardo-amarelado. Ventre vermelho a pardo-amarelado, com

pontos pretos fusionados ou não, irregularmente, tornando-se vermelho posteriormente; ou pode ser avermelhada irregularmente em todo o ventre.



Figura 151- *Melanophryniscus pachyrhinus* (A. Kwet).

Região gular parda ou avermelhada, com manchas pretas pequenas irregularmente espalhadas, coalescidas ou não entre si. Coxas e virilhas vermelhas.



Figura 152- *Melanophryniscus pachyrhinus* em posição aposemática (A. Kwet).

Distribuição – Conhecida da região de São Jerônimo, São Lourenço do Sul, ambas a sudeste do RS, com elevações próximas à Serra do Sudeste.

Exemplares – São Jerônimo.

***Melanophryniscus sanmartini* (Klappenbach, 1968)**
(Sapinho preto e amarelo)

Melanophryniscus sanmartini Klappenbach, 1968, Comum. Zool. Mus. Hit. Nac. Montevideo 9: 3; localidade-tipo: Villa Serrana, próxima Represa Arroyo Aiguá, Lavalleja, Uruguai.

Diagnose – Dorso preto pálido com manchas irregulares amareladas, irregulares, e ventre preto



Figura 153- *Melanophryniscus sanmartini*.



Figura 154- *Melanophryniscus sanmartini* – detalhe: ventre.

com manchas amarelas pequenas periféricas e para a parte posterior e sobre as coxas, vermelha, padrão de *M. montevidensis* e *A. atroluteus*.

Distribuição – ACHAVAL & OLMOS (2003) indicaram para o sul e norte do Uruguai, terras altas de Lavalleja, Maldonado e Rivera, faz fronteira com RS, não havendo barreira alguma para sua dispersão.

***Melanophryniscus tumifrons* (Boulenger, 1905)**
(Sapinho preto da barriga vermelha)

Atelopus. tumifrons Boulenger, 1905, Ann. Mag. Nat. Hist. 7, 16: 181; localidade-tipo: RS (BOKER-MANN, 1966: 15).

Dendrophryniscus tumifrons --- Müller, 1934, Zool. Anz. 108: 153.

Melanophryniscus tumifrons --- Gallardo, 1961, Actas I Reunion Trab. Comun. Ci. Santa Fé, Argentina: 210.



Figura 155- *Melanophryniscus tumifrons*.

Diagnose – Tumefação nasal sulcada medianamente. Pele

dorsal rugosa, com muitas glândulas pequenas. Coloração geral preta, com lados do focinho amarelos; uma mancha pardo-clara sobre a parotoide. Coloração ventral preta inicialmente e vermelha da parte do meio para trás.

Distribuição – Brasil meridional, no PR e RS, provavelmente em SC e Misiones, Argentina. No Estado tem sido encontrada no nordeste elevado do planalto oriental.

Exemplares – Cambará do Sul, Serafina Correa, Vacaria.

***Rhinella* (Fitzinger, 1826)**
(Sapos verdadeiros)

Oxyrhynchus Spix, 1824, Spp. Nov. Test. Ran. Brasil.: 49; espécie-tipo: não indicada; preocupado por *Oxyrhynchus* Leach, 1818 (peixe).

Rhinella Fitzinger, 1826, N. Class. Rept.: 39; espécie-tipo: *Bufo* (*Oxyrhynchus*) *proboscideus* Spix, 1824.

Chaurus Wagler, 1828, Isis v. Oken 21: 744; espécie-tipo: *Chaurus marmoratus* Wagler, 1828 (= *Bufo globulosus* Spix).

Diagnose – Corpo reforçado. Glândulas parotoides grandes, simples ou compostas. Tímpano externo. Pupila horizontal. Dedos livres, finos nas extremidades; dedo nupcial bem desenvolvido.

Composição – *R. abei*, *R. achavali*, *R. arenarum*, *R. crucifer*, *R. dorbignyi*, *R. fernandezae*, *R. henseli*, *R. ictericus*, *R. ornatus* (provável) e *R. schneideri*.

Chave para as espécies ocorrentes na área:

- 1a. Com glândula tibial paracnêmica.....*R. schneideri*.
 1b. Sem glândula na tibia.....2.
 2a. Pele dorsal com granulação homogênea. Linha branco-amarelada vertebral contínua. Corpo alongado, porte pequeno.....3.
 2b. Pele dorsal não granulada homogeneamente. Linha clara vertebral presente, ou irregular, descontínua, ou ainda ausente. Corpo alongado ou largo, porte grande. Machos de cor uniforme e fêmea manchada dorsalmente.....4.
 3a. Crista infraorbital sempre presente, prolongando-se até ultrapassar a crista pós-orbital. Crista supraorbital não se projeta sobre a pálpebra ficando visível em vista dorsal.....*R. fernandezae*.
 3b. Crista infraorbital ausente, ou muito reduzida e nesse caso, nunca ultrapassando a crista pós-orbital. Crista supraorbital pode ser muito alta projetando-se sobre a pálpebra ocultando-a quase totalmente em vista dorsal.....*R. dorbignyi*.
 4a. Porte pequeno a médio. Linha clara vertebral contínua. Macho e fêmea semelhantes na coloração.....5.
 4b. Porte grande. Corpo alargado. Sem estria clara vertebral. Machos e fêmeas semelhantes ou diferentes entre si.....7.
 5a. Pontos amarelos conspícuos; com manchas na região cloacal*R. henseli*.
 5b. Ausência de pontos e manchas na cloaca.....6.
 6a. Faixa subocular fraca, pequena; cor geral dorsal escurecida, destacando a linha vertebral, com padrão de manchas escurecidas no dorso próximo à linha vertebral. Cabeça mais larga.....*R. ornata*.
 6b. Faixa subocular nítida, expandida anterior e posteriormente; cor geral dorsal clara, linha vertebral pouco visível. Manchas dorsais fracas. Cabeça mais estreita.....*R. abei*.
 7a. Coloração dorsal cinza-azulada uniforme no macho e manchada fracamente de pardo na fêmea. Glândulas paratoides alongadas ou curtas.....8.
 7b. Coloração dorsal verde-oliva uniforme no macho, e amarela fortemente manchada de preto na fêmea. Glândulas paratoides elípticas.....*R. ictérica*.

- 8a. Parotoide curta, parda ou cinzenta, como as cristas cefálicas; a margem interna da parotoide sinuosa.....*R. arenarum*.
 8b. Parotoide alongada, pardo-avermelhada, como as cristas cefálicas; margem interna da parotoide levemente convexa.....*R. Achavali*.

***Rhinella abei* (Baldiissera, Caramaschi & Haddad, 2004)**
 (Sapo-da-cruz branco)



Figura 156- *Rhinella abei*.

Bufo abei Baldiissera, Caramaschi & Haddad, 2004, Arq. Mus. Nac. R. de Janeiro 62 (3): 267, figs. 17-21; localidade-tipo: Córrego Grande, Florianópolis, SC.
Chaunus abei --- -Frost. et al., 2006, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist. 297: 364.
Rhinella abei ---- Chaparro, Pramuk & Gluesenkamp, 2007, Herpet. 63: 211.

Diagnose – Cabeça pouco mais longa que larga, sem subdivisão clara entre cabeça e tronco (em vista dorsal); focinho subelíptico (em vista dorsal); cristas cranianas rasas; glândulas parotoides triangulares e pequenas, nunca excedendo as margens laterais do corpo dorsalmente. Sem manchas amarelas na cloaca e face posterior dos dedos; mancha amarela sob olho estendendo-se sobre lábio.

Distribuição – Floresta Atlântica, do PR ao RS, pela Serra do Mar para a Serra Geral.

Exemplares – Cambará do Sul.

***Rhinella achavali* (Maneyro, Arrieta & Sá, 2004)**
(Sapo uruguaio)

Bufo achavali Maneyro, Arrieta & Sá, 2004, J. Herp. 38 (2): 161, fig. 1; localidade-tipo: Pueblo Valentines, Treinta y Trés, Uruguai.

Chaunus achavali --- Frost. et al., 2006, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist. 297: 364.

Rhinella achavali --- Chaparro, Pramuk & Gluesekamp, 2007, Herpetol. 63: 211.

Diagnose – Pertence ao Grupo marinus, porte médio, CRC cerca de 12cm; glândulas parotoides alongadas pardo-avermelhadas como a crista craniana.

Distribuição – Registrada no Uruguai, na faixa norte-sul paralela ao litoral atlântico, mas também fora dela; e em outra área ao norte do Uruguai, na fronteira com Brasil (RS), onde foi encontrada na Coxilha de Haedo, que é comum aos dois países.

Exemplares – Agudo, Caçapava do Sul, Candiota, Ivorá, Manoel Viana, Pedro Osório, Pelotas, Pinhal Grande, Quinze de Novembro, São Jerônimo.



Figura 157 - *Rhinella achavali*.



Figura 158 - *Rhinella achavali* – Agudo, RS (Márcio Borges Martins).

***Rhinella arenarum* (Hensel, 1867)**
(Sapo da praia, sapo da areia, sapo do litoral)

Bufo arenarum Hensel, 1867, Arch. Naturg. 33 (1): 143; localidade-tipo: Rio Grande, RS (BOKERMANN, 1966:18).

Bufo arenarius --- Lutz, 1934 (erro pro *B. arenarum* Hensel, 1867), Mem. Inst. Osw. Cruz 28: 120, 144.

Bufo arenarum arenarum --- Braun & Braun, 1980: 124.

Chaunus arenarum --- Frost. et al., 2006, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist.297: 364.

Rhinella arenarum --- Chaparro, Pramuk & Gluesenkamp, 2007, Herpeto. 63: 211.

Diagnose – Porte relativamente médio. Coloração dorsal cinzento-azulada, sendo uniforme no macho e manchada fracamente de pardo na fêmea. Parotoides de forma arqueada, de comprimento menor que a distância de si à ponta do focinho. Distância interorbital igual ou subigual à largura entre pálpebras superiores.



Figura 159 - *Rhinella arenarum* – jovem.



Figura 160- *Rhinella arenarum*.

Distribuição – Terras baixas litorneas, abertas, arenosas do Brasil meridional, tanto alto como baixo; para oeste; na Bolívia, Paraguai, para o sul, norte da Argentina, RS e Uruguai.

Exemplares – Capão da Canoa, Cidreira, Glorinha, Guaíba, Mariluz, Mostardas, Palmares do Sul, Pinhal, Quintão, Porto Alegre, Rondinha, Santa Teresinha, Santa Vitória do Palmar, Tapes, Tavares, Torres, Tramandaí, Viamão, Xangri-Lá.



Figura 161- *Rhinella arenarum*.

Rhinella aff. arenarum

Espécie semelhante à *R. arenarum*, mas ocorrente no planalto oriental e que KWET (2001) determinou como de uma espécie a ser descrita. É possível que nas coleções encontrem-se mais exemplares desse fenótipo selecionado por Kwet.

Exemplares – Cambará do Sul, São Francisco de Paula.

***Rhinella dorbignyi* (Duméril & Bibron, 1841)** (Sapinho do campo, sapo da terra, sapo de toca)

Bufo dorbignyi Duméril & Bibron, 1841, *Erpet. Gen.* 8: 697; localidade-tipo: Maldonado, Uruguai (Gallardo, 1957, *Rev. Mus. Arg. Ci. Nat., Zool.* 3: 340).

Chilophryne d'orbignyi --- Fitzinger, 1843, *Syst. Rept.*: 32.

Bufo orbignyi --- Bibron, 1847 (erro pro *B. dorbignyi* Duméril & Bibron, 1841), *in* Orbigny & Bibron, *Voy. Amer. Mérid.* 5 (1): 11.

Bufo d'orbignyi --- Günther, 1858 (erro pro *B. dorbignyi* Duméril & Bibron, 1841), *Cat. Batr. Sal.*: 67.

Phrynoidis d'orbignyi --- Cope, 1863, *Proc. Acad. Nat. Sci. Phila.* 15: 49.

Bufo dorbignyi --- Cope, 1885, *Proc. Amer. Philos. Soc.* 22: 185.

Bufo granulatus d'orbignyi --- Müller & Hellmich, 1936, *Wissenschaft. Ergebn. Deutsc. Gran Chaco Exped., Amph., Rept.* 12.

Bufo granulatus dorbignyi --- Braun & Braun, 1974, *Iheringia, Zool.* (45): 36.

Chaunus dorbignyi --- Frost et al., 2006, *Bull. Amer. Mus. Nat. Hist.* 297: 364.

Rhinella dorbignyi --- Chaparro, Pramuk & Gluesenkamp, 2007, *Herpeto.* 63: 211.

Diagnose – Menor espécie do Estado, corpo alongado. Focinho entumescido, com lábios côncavos. Cristas cefálicas hipertrofiadas, sobressaindo muito a altura das pálpebras superiores. Pele granulosa uniformemente; tronco alongado. Maxila muito projetada sobre mandíbula. Mandíbula de margem afiada. Parotoides subtriangulares e muito verrucosas. Tímpano pouco visível. Coloração verde-oliva, com ou sem linha vertebral clara.

Distribuição – Sudeste do Brasil para o sul até o Uruguai; para sudoeste, ao nor-nordeste da Argentina até Buenos Aires.

Exemplares – Barão do Triunfo, Boçoroca, Cachoeirinha, Campo Bom, Capão da Canoa, Cidreira, Gravataí, Guaíba, Delta do Jacuí, Jaguarão, Montenegro, Osório, Pelotas, Porto Alegre, Sapucaia do Sul, Torres, Tramandaí, Triunfo, Viamão, Xangri-Lá.

Observação – Espécie comum nos campos altos dos morros que circundam Porto Alegre. Vive em tocas no chão de campos elevados sendo circular e quando é visto próximo à boca é confundido com serpente Viperidae.

***Rhinella fernandezae* (Gallardo, 1957)**
(Sapo verde da terra)



Figura 162- *Rhinella fernandezae*.

Bufo granulosus fernandezae Gallardo, 1957, Rev. Mus. Argent. Ci. Nat. B. Rivadavia, Ci. Zool. 3: 347; localidade-tipo: Bella Vista, Buenos Aires, Argentina. *Bufo fernandezae* --- Cei, 1964, Not. Biol. Fac. Ci. Exact. Fis. Nat. Corrientes, Zool. 4: 18.

Chaunus fernandezae --- Frost, Grant, Faivovich, Bain, Haas, Haddad, de Sá, Channing, Wilkinson, Donnellan, Raxworthy, Campbell, Blotto, Moler, Drewes, Nussbaum, Lynch, Green & Wheeler, 2006, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist. 297: 364.

Rhinella fernandezae --- Chaparro, Pramuk & Gluesenkamp, 2007, Herpetol. 63: 211.

Diagnose – Corpo robusto; cabeça alta, arredondada ou subtriangular, mais larga que longa. CRC nos machos até 68 cm, e nas fêmeas até 80 cm. Dorso pardo-claro a cinzento ou esverdeado em exemplares do RS. Manchas escuras dorsais pouco distintas. Ventre claro creme ou escurecido de cinzento. Tímpano afastado da glândula parotoide que é curta, quadrangular, mais larga anteriormente. *R. dorbignyi* diferencia-se de *R. fernandezae* por ter a crista pós-orbital reduzida, crista supraorbital mais alta e espessa, podendo ser linearmente contínua com as cristas cranial e supratimpânica, e crista infraorbital ausente ou reduzida, nunca ultrapassando a pós-orbital.

Distribuição – Nordeste da Argentina ao Paraguai meridional, Uruguai e sudeste do Brasil.

Exemplares – Arambaré, Pelotas, Tramandaí, Xangri-Lá.

***Rhinella henseli* (A. Lutz, 1934)** (Sapo da cruz)

Bufo crucifer henseli Lutz, 1934, Mem. Inst. Osw. Cruz 28: 128, 153; localidade-tipo: São Bento do Sul, SC.

Bufo henseli --- Baldissera, Caramaschi & Haddad, 2004, Arq. Mus. Nac. R. Jan. 62: 265.

Chaunus henseli --- Frost, et al., 2006, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist. 297: 364.

Rhinella henseli --- Chaparro, Pramuk & Gluesenkamp, 2007, Herpeto. 63: 211.

Diagnose – Porte pequeno, geralmente com CRC até 64 nos machos e até 80 nas fêmeas. Morfologia semelhante à *C. abei*, diferindo basicamente na coloração, sendo bem manchado em relação àquele, com pontos amarelos. Corpo relativamente alongado, cabeça angulosa. Parotoides pequenas, estreitas, diferentes de *C. abei*, que as tem triangulares. Maxila geralmente não (ou pouco) ultrapassando man-

díbula. Normalmente, com uma linha mediana vertebral luminosa, branca ou amarelada. Coloração dos machos semelhante à das fêmeas. A coloração varia bastante, o que causou a descrição de novas espécies ou subespécies.

Distribuição – Floresta Atlântica, do sul de SC ao RS, tanto nas partes altas do planalto como do litoral, apenas na Serra Geral, não na Serra do Mar (BALDISSERA JR. et al., 2004).

Exemplares – Camaquã, Cambará do Sul, Canela, Campo Bom, Capão da Canoa, Caxias do Sul, Cerro Largo, Dom Pedro de Alcântara, Farroupilha, Guaporé, Marquês de Souza, Nova Petrópolis, Osório, Porto Alegre, Santa Maria, São Francisco de Paula, São Leopoldo, São Sebastião do Caí, Torres, Viamão.

Rhinella icterica (Spix, 1824) (Sapo comum, cururu, sapo cururu)

Bufo bimaculatus Wied-Neuwied, 1821 (*nomen oblitum*), Reise Bras. 1: 52; localidade-tipo: Serra de Inoã, Maricá, RJ (BOKERMANN, 1966: 18).

Bufo fuliginosus Wied-Neuwied, 1821, Reise Bras. 1: 52; localidade-tipo: Serra de Inoã, Maricá, RJ (BOKERMANN, 1966: 20).

Bufo ictericus Spix, 1824, Spec. Nov. Testud. Ran. Brasil: 41; localidade-tipo: RJ.

Bufo missionum Berg, 1896, An. Mus. Nac. Hist. Nat. Bs. Aires 5: 195; localidade-tipo: Misiones, Argentina.

Bufo marinus ictericus --- Müller, 1927, Abh. Senckenb. Naturf.. Ges. 40: 261.

Bufo ictericus mertensi Cochran, 1950, J. Wash. Acad. Sci. 40: 238; localidade-tipo: Nova Teutônia, Ita, SC.



Figura 163- *Rhinella icterica*, macho, com carrapato; notar que este está com as quelíceras enterradas na glândula parotóide!.



Figura 164- *Rhinella ictericus* fêmea.

Bufo ictericus ictericus --- Cochran, 1950, J. Wash. Acad. Sci. 40: 238.

Chaunus ictericus --- Frost. et al., 2006, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist. 297: 364.

Rhinella icterica --- Chaparro, Pramuk & Gluesenkamp, 2007, Herpet. 63: 211.



Figura 165- *Rhinella ictericus* fêmea.

Diagnose – Grande porte, mais de 160 mm de comprimento CRC; macho menor e mais delgado que a fêmea, que é maior e mais reforçada que o macho. Corpo largo. Maxila pouco projetada sobre a mandíbula.

Parotoides grandes, geralmente elípticas. Dimorfismo cromático sexual acentuado: macho com dorso oliva uniforme somente manchado nas patas posteriores e no tronco adjacente, e fêmea com dorso amarelado, ou brancacento, com grandes manchas pretas



Figura 166- *Rhinella ictericus* fêmea.

ou castanhas escuras, maior e mais gorda que ele. O jovem tem a cor dorsal oliva manchada, intermediária entre os sexos.



Figura 167- *Rhinella icterica* em amplexol.

Distribuição – Brasil meridional para o Paraguai oriental e nordeste da Argentina (Misiones). No Estado em todo o planalto e terras baixas centrais.



Figura 168- *Rhinella icterica* – macho jovem.

Exemplares – Agudo, Arroio do Tigre, Barão de Cotegipe, Barracão, Bento Gonçalves, Boçoroca, Bom Jesus, Cachoeira do Sul, Caçapa-

va do Sul, Cachoeirinha, Cambará do Sul, Campo Bom, Candelária, Canela, Canoas, Carlos Barbosa, Caxias do Sul, Cazuzza Ferreira, Cotiporã, Dom Pedro de Alcântara, Esteio, Estrela, Farroupilha, Ferbrabrás, Flores da Cunha, Frederico Westphalen, Garibaldi, Garruchos, Gramado, Gravataí, Irai, Itauba, Lajeado, Linha Imperial, Montenegro, Nova Petrópolis, Nova Prata, Novo Hamburgo, Pinhal, Pinhal da Serra, Planalto, Porto Alegre, Riozinho, Rolante, Sananduva, Santa Cruz do Sul, Santa Maria, Santa Rita, Santo Antonio das Missões, Santo Cristo, São Borja, São Francisco de Paula, São Leopoldo, São Luiz de Gonzaga, São Sebastião do Caí, Sapiranga, Taquara, Tenente Portela, Timbaúva, Torres, Tramandaí, Três Cororas, Vacaria, Venâncio Aires, Veranópolis, 15 de Novembro.

Observação 1 – Abundante nas partes altas da serra e algumas áreas baixas do Estado, encontrando-se diversos espécimes à noite, em volta de pontos de luz, nas zonas suburbanas. Em casas rurais é frequente, no verão, eles entrarem sem se importar com os humanos, buscando comer insetos junto aos pontos de luz.

Observação 2 – O nome cururu, de origem tupi, significa sapo e é onomatopaico (curururururu...), sendo sua vocalização baixa e contínua.

***Rhinella ornata* (Spix, 1824)**

Bufo ornatus Spix, 1824, Spp. Nov. Test. Ran. Brasil.: 45; localidade-tipo: Rio de Janeiro, RJ (BOKERMANN, 1966).

Bufo dorsalis Spix, 1824, N. Spec. Nov. Test. Ran. Brasil.: 46; localidade-tipo: RJ.

Bufo spixii Fitzinger, 1826, Neue Class. Rept.: 65; localidade-tipo: RJ (BOKERMANN, 1966).

Bufo gracilis Girard, 1853, Proc. Acad. Nat. Sci. Philadelphia 6: 424; localidade-tipo: RJ.

Bufo crucifer roseanus Miranda-Ribeiro, 1926, Arq. Mus. Nac. Rio Janeiro 27: 134; localidade-tipo: "Rio d'Ouro", RJ.

Bufo crucifer inornatus Lutz, 1934, Mem. Inst. Osw. Cruz 28: 126, 151; localidade-tipo: Rio de Janeiro, RJ.

Bufo crucifer mayi Miranda-Ribeiro, 1937, O Campo 8: 69; localidade-tipo: Gávea, RJ.

Chaunus ornatus --- Frost, Grant, Faivovich, Bain, Haas, Haddad, de Sá, Channing, Wilkinson, Donnellan, Raxworthy, Campbell, Blotto, Moler, Drewes, Nussbaum, Lynch, Green & Wheeler, 2006, Bull. Am. Mus. Nat. Hist. 297: 364.

Rhinella ornata --- Chaparro, Pramuk & Gluesenkamp, 2007, Herpeto. 63: 211.



Figura 169- *Rhinella ornata*.



Figura 170- *Rhinella ornata* – mimetismo.

Diagnose – Porte de 14 cm. Coloração com estria branca vertebral dupla com linha mediana branca, semelhante à *R. henseli*. Face posterior das coxas e pernas variegadamente manchadas de pardo escuro, pardo e amarelo.

Distribuição – Floresta Atlântica, desde ES a RJ, SP, norte do PR, Brasil; provavelmente para nordeste da Argentina em Misiones e Corrientes, e noroeste do RS, pela dispersão pelo rio Paraná que não é barreira para a herpetofauna.

***Rhinella schneideri* (Werner, 1894)**
(Sapo touro, sapo de culotes)

Bufo schneideri Werner, 1894, Zool. Anz. 17: 411; localidade-tipo: Paraguai.

Bufo paracnemis A. Lutz, 1925, Comp. Rend. Séanc. Soc. Biol., Paris 93 (22): 213; localidade-tipo: Belo Horizonte, MG (Cochran, 1961, Bull. U. S. Natl. Mus., 220: 36).

Bufo marinus paracnemis --- Müller & Hellmich, 1936, Deutschen Gran Chaco Exped., Amph. Rept.: 14.

Chaunus schneideri --- Frost. et al., 2006, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist. 297: 364.

Rhinella schneideri --- Chaparro, Pramuk & Gluesenkamp, 2007, Herpet. 63: 211.



Figura 171- *Rhinella schneideri*.

Diagnose – A espécie de maior porte no Estado, apresentando glândula tibial em cada perna. Parotoídes grandes. Maxila geralmente não ultrapassa mandíbula, ou passa pouco. Coloração dorsal oliva escura,

finamente manchada de preto, branco e oliva, ou com manchas pretas pequenas na fêmea, tipo sal e pimenta; ventre com manchas escuras sobre fundo alvacento.



Figura 172- *Rhinella schneideri*.

Distribuição – Brasil oriental até o Uruguai e, para oeste, na Bolívia central para o sul até norte da Argentina. Encontrado no Estado em Uruguiana.

Exemplares – Riozinho, Rosário do Sul, São Borja, São Sepé, São Vicente do Sul, Uruguiana.

***Microhylidae* (Günther, 1858)**

Hylaedactyli Fitzinger, 1843, Syst. Rept.: 33.

Gastrophrynae Fitzinger, 1843, Syst. Rept.: 33.

Micrhyllidae Günther, 1858, Proc. Zool. Soc. London 1858: 346.

Diagnose – Com duas a três pregas palatais, caráter peculiar do táxon. Focinho pequeno, fino e estreito. Boca muito estreita e desprovida de dentes, maxilas e mandíbulas edêntulas. Cintura escapular firmisternal. Palato sem cintas intertegumentares. Dedos com cartilagens intercalares, finos e longos, com expansões distais. Oito vértebras sacrais, sendo de 1 a 7 procélicas e a 8ª anficélica. Diapófises sacrais dilatadas em planos triangulares. Pupila circular. Tímpano oculto. Pele geralmente lisa e grossa. Pequeno porte.

Representação – *Elachistocleis*.

***Elachistocleis* (Parker, 1927)**

Engystoma Fitzinger, 1826, N. Class. Rept.: 33; espécie-tipo: *Rana ovalis* Schneider, 1799 (Duméril & Bibron, 1841, Erpet. Gen. 9: 740).

Microps Wagler, 1828 (preocup. por *Microps* Megerle, 1823), Isis v. Oken 21: 744; espécie-tipo: *Microps unicolor* (= *Elachistocleis ovalis*).

Stenocephalus Tschudi, 1838 (preocup. por *Stenocephalus* Latreille, 1825), Classifi. Batr.: 86; espécie-tipo: *Stenocephalus microps* Tschudi, 1838.

Elachistocleis Parker, 1927, Occas. Pap. Mus. Zool. Univ. Michigan 187: 4; espécie-tipo: *Rana ovalis* Schneider, 1799.

Diagnose – Porte pequeno. Cabeça fina, acuminada, muito mais estreita que o tronco, havendo uma prega cutânea entre ambos. Tronco longo, ovoide, região abdominal maior que torácica. Coloração dorsal cinzenta, cinzenta escura, preta ou finamente manchada de cor alaranjada ou vermelha.

Representação – *E. erythrogaster*, *E. ovalis*.

Chave para as espécies ocorrentes na área:

a. Dorso finamente manchado de alaranjado. Ventre vermelho. Região gular preta.....*E. erythrogaster*.

b. Dorso cinzento. Ventre amarelo. Região gular amarela.....*E. ovalis*.

***Elachistocleis erythrogaster* (Kwet & Di-Bernardo, 1998)**
(Rã grilo de barriga vermelha)



Figura 173- *Elachistocleis erythrogaster* : amplexo, dorso, ventre (Kwet & Di Bernardo, 1999).

Elachistocleis erythrogaster Kwet & Di-Bernardo, 1998, Stud. Neotr. Fauna Environ. 33: 9; localidade-tipo: Pró-Mata, Cambará do Sul, RS.

Diagnose – Dorso cinzento finamente pontuado de cor de abóbora e ventre vermelho.

Distribuição – Da Serra Geral e encostas.

Exemplares – Cambará do Sul, São Francisco de Paula.

Observação – Tombada no Livro Vermelho (GARCIA & VINCI PROVA, 2003).

***Elachistocleis ovalis* (Schneider, 1799)**

(Rãzinha do campo, rãzinha da bosta, sapinho da barriga amarela, narigudinho)



Figura 174- *Elachistocleis ovalis*.

Rana ovalis Schneider, 1799, Hist. Amph. Nat.: 131; localidade-tipo: não indicada.

Engystoma ovalis --- Fitzinger, 1826, N. Classif. Rept.: 65.

Microps unicolor Wagler, 1828, Isis v. Oken 21: 744; localidade-tipo: desconhecida.

Stenocephalus microps Tschudi, 1838, Classif. Batr.: 86; localidade-tipo: não designada.

Engystoma ovale --- Hensel, 1867, Arch. Naturgesch. 33: 140.

Gastrophryne microps --- Stejeneger, 1910, Proc. Biol. Soc. Wash. 23: 166.

Elachistocleis ovale ovale --- Parker, 1927, Occas. Pap. Mus. Zool. Univ. Michigan 187: 4.

Synapturanus microps --- Bokermann, 1966, Lista Anot. Local. Tipo Anf. Brasil.: 38.

Elachistocleis ovalis --- Braun & Braun, 1974, Iheringia, Zool. (45): 35.

Elachistocleis bicolor --- Braun & Braun, 1980, Iheringia, Zool. (56): 123. --- Lema & Braun, 1993, Rev. Bras. Zool. 10 (2): 269.



Figura 175- *Elachistocleis ovalis*: dorso, macho e fêmea, ovada (Kwet & Di Bernardo, 1999).

Diagnose – Cinzenta no dorso, com ventre amarelo vivo, amarelo limão.

Distribuição – Distribuição do tipo continental, desde Trinidad e Panamá, para a Colômbia e daí para o sul, pela América do Sul a leste dos Andes, até RS e Argentina. Em todo o RS.

Exemplares – Bagé, Barracão, Boçoroca, Butiá, Caçapava do Sul, Cachoeirinha, Cambará do Sul, Campo Bom, Candiota, Canoas, Capão da Canoa, Capão do Leão, Carlos Barbosa, Caxias do Sul, Cidreira, Cruz Alta, Derrubadas, Farroupilha, Florida, Frederico Westphalen, Garibaldi, Garruchos, Gravataí, Guaíba, Guaporé, Irai, Itapuã, Jaguarão, Linha Imperial, Montenegro, Nonoai, Nova Petrópolis, Nova Prata, Novo Hamburgo, Osório, Pelotas, Porto Alegre, Quaraí, Santana do Livramento, Santo Antonio das Missões, São Borja, São Francisco de Paula, São Jerônimo, São Leopoldo, São Luiz de Gonzaga, São Nicolau, São Sepé, São Valentim, Tapes, Tenente Portela, Torres, Tramandaí, Três Passos, Triunfo, Vacaria, Veranópolis, Viamão, 15 de Novembro.

Observação – Abundante nos Campos de Cima da Serra, sob fezes secas de gado bovino.

***Ranidae* (Rafinesque, 1814)**

Ranaridia Rafinesque, 1814, Specchio Sci. 2, 2: 102.

Ranarinia --- Rafinesque, 1815, Analyse Nat.: 78.

Ranoidea --- Fitzinger, 1826, N. Classif. Rept.: 37.

Ranidae --- Boie, 1828, Isis v. Oken 21: 363.

Diagnose – Cintura escapular firmisternal. Dentes palatinos e maxilares presentes. Tímpano grande. Diapófises sacrais cilíndricas, com partes salientes laterais em que se insere a cintura pélvica.

Representação – *Lithobates*

***Lithobates* (Fitzinger, 1843)**

Rana Linnaeus, 1758 (parte), Syst. Nat. Ed. 10, 1: 210; espécie-tipo: *Rana temporária* Linnaeus, 1758 (Fleming, 1822, Philos. Zool. 2: 304).

Ranaria Rafinesque, 1814 (nome substit. pro *Rana* Linnaeus, 1758), Specchio Sci. 2, 2: 102.

Lithobates Fitzinger, 1843, Syst. Rept.: 31; espécie-tipo: *Rana palmipes* Spix, 1824 (pela designação original).

***Lithobates catesbeianus* (Shaw, 1802)**
(Rã touro)



Figura 176- *Lithobates catesbeianus*.

Rana catesbeiana Shaw, 1802, Gen. Zool. 3 (1): 106; localidade-tipo: próxima à Charleston, South Carolina, USA (Schmidt, 1953, Check List N. Am. Amph. Rept., Ed. 6: 79.

Rana pipiens Daudin, 1802, Hist. Nat. Rain. Gren. Crap., Quatro: 58, est. 18; localidade-tipo: "Caroline...Virginie", USA.

Rana taurina Cuvier, 1817 (nome substit. pro *Rana pipiens* Daudin, 1802), Règne Animal. 2: 93.

Lithobates catesbeianus --- Frost, Grant, Faivovich, Bain, Haas, Haddad, de Sá, Channing, Wilkinson, Donnellan, Raxworthy, Campbell, Blottp, Moler, Drewes, Nussbaum, Lynch, Green & Wheeler, 2006 , Bull. Am. Mus. Nat. Hist. 297: 369.

Diagnose – Diapófises sacrais cilíndricas. Cintura escapular firmisternal. Vértebras procélicas. Palmouras presentes nos dedos posteriores. Adultos até 10-20 cm. Dorso verde- claro oliva a verde-claro pardacento; jovens com coloração clara, manchada.

Distribuição – América do Norte oriental (exceto Florida meridional) para o norte, no Canadá, em Nova Scotia, New Brunswick, Québec meridional e Ontário meridional; para oeste nas planícies centrais indo para o sul em Veracruz, México. Introduzida nas Antilhas, em Cuba, Islã de Pinos, Puerto Rico, Hispaniola e Jamaica.



Figura 177- *Lithobates catesbeianus*.

Introduzida largamente na Europa, mundo como Netherlands, região de Bordeaux (França), norte da Itália, Espanha ocidental. Introduzida na Ásia, como o Japão, Java, Coreia, Taivão (China) e norte da Tailândia, assim como na América do Sul.

Exemplares – Barão, Caxias do Sul, Derrubadas, Frederico Westphalen, Gravataí, Lajeado, Nonoai, Nova Petrópolis, Porto Alegre, Roca Sales, Tenente Portela, Triunfo.

Observação – Na América do Sul foi introduzida, principalmente na Argentina, para ser servida como iguaria nas mesas de restaurantes de custo mais elevado. Introduzida pela ranicultura na zona da serra do RS, principalmente em Caxias do Sul e São Marcos para o norte e noroeste, na região de colonização italiana. Tem sido utilizada há tempos em culinária e em laboratório de análises, além de material didático em aulas.

PARTE V – HI STÓRICO ASPECTOS ZOOGEOGRÁFICOS

O Rio Grande do Sul situa-se ao sul do Planalto Meridional do Brasil e ao norte dos Pampas que se estendem pela região platina. Considerando os Domínios Morfoclimáticos (AB'SABER, 1977) e os Distritos herpetofaunísticos de DUELLMAN (1979), podemos apreciar, em geral, os elencos herpetofaunísticos que compõem a anfíbiofauna sul-rio-grandense.

Do Cerrado ao Planalto Meridional, atingindo o norte do Estado, e desse às planícies pampianas ao sul, estendendo-se para o Uruguai até o Río de La Plata, ocorre uma biodiversidade gradativa, de tropical para subtropical. A bacia do Paraná oferece rota de dispersão do Cerrado para sudoeste, e assim aquelas matas de galeria de rios que correm de leste a oeste, das partes altas da Serra Geral para o centro do continente, desaguando no Paraná, a maioria deles. O Paraná e seus tributários são forrados de matas de galeria.

Do ponto de vista do Reino Neotropical, o Rio Grande do Sul situa-se entre dois grandes sub-reinos: o Guiano-brasileiro e o Andino-patagônico, apresentando aspectos transicionais entre ambos, da região elevada do Planalto meridional do Brasil para a Depressão central e os Pampas brasileiro-platinos.

Pelo nordeste recebe elenco faunístico da Floresta Atlântica, tanto pela planície costeira como pelas elevações da Serra do Mar para a Serra Geral. Para o sul a anfíbiofauna atinge o Uruguai.

O elenco faunístico meridional do planalto estende-se para sudoeste atingindo o lado oriental da Bolívia e do Paraguai, e o extremo nordeste da Argentina, Províncias de Misiones, Corrientes e Entre Ríos (Mesopotâmia), sendo Misiones uma área povoada basicamente por herpetofauna do planalto meridional do Brasil pela via de dispersão que representa a bacia do Paraná.

A anfíbiofauna da área é composta pelos seguintes elencos faunísticos: (a) Floresta Atlântica, pelo extremo nordeste, tanto baixo (planície costeira) como alto (Serra Geral e encostas); (b) Floresta de Araucária, pelo Planalto Meridional do Brasil, pela Serra do Mar para a Serra Geral, coberto de florestas com araucária e ombrófila mista; (c) Campos de Cima da Serra, pelo Planalto, em áreas abertas cobertas de savanas que servem de dispersão a região dos cerrados que atingem Paraná e Santa Catarina; (d) Floresta Paranaense, vale do rio Paraná, cujas matas de galeria propiciam dispersão centro-sudoeste, povoando áreas adjacentes do Paraguai e Argentina; (e) Centro Uruguaio (MÜLLER,

1973), pampas do Uruguai para o sul do RS; (f) o elenco que se dispersa pelo centro do continente, desde Pantanal e Chaco, está ainda por ser melhor analisado.

Muitas espécies de Anura ocorrentes na região do Estado, foram, no passado, identificadas com aquelas de São Paulo e Rio de Janeiro, cujas faunas foram melhor analisadas. Com a análise de material tipológico e da variação de diversas espécies, mas não muitas, complementada pela análise das diferentes vocalizações de cada espécie, a taxonomia das espécies meridionais tem se alterado sensivelmente e muitas espécies novas estão sendo descobertas, existindo espécies reconhecidamente novas esperando descrição (e.g. KWET, 2001a).

NomapapropostoporDUELLMAN(1979), ele igualou os pampas do Brasil, Uruguai e Argentina, quando, na verdade, formam três contingentes diferentes em espécies, apesar de derivados entre si: o Pampa do Brasil, situado no Rio Grande do Sul, é derivado do Pampa Uruguai, mas é diferente daquele, e assim a região de Buenos Aires (Pampa Bonariense), que difere desses dois outros (LEMA, 1977). Observando a variação de serpentes, principalmente fossórias (LEMA, 2002), foi notado que, na região meridional do continente, a herpetofauna ocorrente na região central há representantes mais ao sul, mas muito diferentes no padrão de coloração, padrão esse que se altera do Brasil Sul para a Argentina e, mais ainda, para oeste, já no Domínio morfoclimático Monte, onde a cor vermelha escasseia e desaparece, predominando a amarelo-ocre, que é a do solo local, funcionando como coloração protetora. Outra variação notável ocorre no sentido centro-noroeste, de Mato Grosso (Brasil) para o Domínio Chaco, em cuja área mediana dessa distribuição aparece o padrão melânico. Tais aspectos de variação geográfica são úteis para aqueles grupos de anfíbios e répteis de distribuição restrita, variando os padrões nitidamente ao longo da distribuição geográfica em função do habitat dominante. Por exemplo, notamos que *Scinax squalirostris* vive no ambiente de “gravatás do banhado”, e a espécie confundida com ela (aqui citada como *Scinax* sp.) não vive nessa planta, estando restrita à região da Serra Geral, enquanto aquela tem ampla distribuição na região meridional, tanto nas partes altas como nas baixas, de São Paulo ao Uruguai e Argentina. Outrossim, o grau de variação está ligado ao tempo de ocorrência da espécie desde seu surgimento e seu poder de dispersão, dependendo de seu potencial adaptativo a diferentes ambientes, com ou sem respostas fenotípicas diferenciadas. Particularidades nesse sentido, com diferentes grupos de vertebrados, foram, em parte, analisados por MÜLLER (1973).

REFERÊNCIAS

- AB'SABER, A. N. *Os domínios morfoclimáticos na América do Sul*. Primeira apresentação. Geomorfologia. n. 52, p. 1-22. São Paulo, 1977.
- ACHAVAL, F.; OLMOS, A. *Anfíbios y Reptiles del Uruguay*. 2. ed. Montevideo: Graphis. 136p. 2003.
- BALDISSERA, JÚNIOR, F. A.; CARAMASCHI, U.; HADDAD, C. F. B. *Review of the Bufo crucifer species group, with descriptions of two new related species* (Amphibia, Anura, Buffonidae). Arquivos do Museu Nacional do Rio de Janeiro, v. 62, n. 3, p. 255-282. 2004.
- BAUMAN, F. *Brasilianische Batrachier des Berner Naturhistorischen Museums*. Zool. JB., v. 33, n. 2, p. 87-112. 1912.
- BOKERMANN, W. C. A. *Lista Anotada das Localidades-tipo de Anfíbios Brasileiros*. São Paulo: Universidade de São Paulo. 183p. 1966.
- BOKERMANN, W. C. A. *Observações sobre Melanophryniscus stelzneri (Weyembergh) (Anura, Brachycephalidae)*. Buenos Aires: Physis, 1967. v. 24, n. 68, p. 435-437.
- BOULENGER, G. A. A list of reptiles of reptiles and batrachians from the Province Rio Grande do Sul, Brazil, sent to the Natural History Museum by Dr. H. von Ihering. *Annals and Magazine of Natural History*, Serie 5, London, v. 15, p. 191-196. 1885A.
- _____. Second list of reptiles and batrachians from the Province Rio Grande do Sul, Brazil, sent to the Natural History Museum by Dr. H. von Ihering. *Annals and Magazine of Natural History*, Serie 5, London, v. 16, p. 85-88. 1885B.
- _____. A synopsis of the reptiles and batrachians of the Province Rio Grande do Sul. *Annals and Magazine of Natural History*, Serie 5, London, v. 18, p. 423-445. 1886.
- _____. Descriptions of new Brazilian batrachians. *Annals and Magazine of Natural History*, Serie 6, London, v. 1, p. 187-189. 1888.

BRAUN, C. A. S. Levantamento dos anfíbios venenosos do Estado do Rio Grande do Sul, Brasil. Parte I – Família Bufonidae.

Iheringia, Série Zoologia, Porto Alegre, n. 52, p. 73-83. 1978.

BRAUN, P. C. Nova espécie do gênero *Proceratophrys* Miranda-Ribeiro, 1920 do Estado do Rio Grande do Sul, Brasil (Anura, Ceratophrynidae). *Iheringia*, Série Zoologia, Porto Alegre, n. 43, p. 91-99. 1973A.

_____. Nova espécie do gênero *Melanophryniscus* Gallardo, 1961 do Estado do Rio Grande do Sul, Brasil (Anura, Brachycephalidae). *Iheringia*, Série Zoologia, Porto Alegre, n. 44, p. 3-13. 1973B.

_____. Ocorrência de *Hyla flavoguttata* A. Lutz & B. Lutz, 1939 no Estado do Rio Grande do Sul, Brasil (Anura, Hylidae). *Iheringia*, Série Zoologia, Porto Alegre, n. 51, p. 43-44. 1978A.

_____. Ocorrência de *Hyla flavoguttata* A. Lutz & B. Lutz, 1939 no Estado do Rio Grande do Sul, Brasil (Anura, Hylidae). *Iheringia*, Série Zoologia, Porto Alegre, n. 51, p. 43-44. 1978B.

BRAUN, P. C. ;BRAUN, C. A. S. Fauna da fronteira Brasil-Uruguai: Lista dos anfíbios dos Departamentos de Artigas, Rivera e Cerro Largo. *Iheringia*, Série Zoologia, Porto Alegre, n. 45, p. 34-49. 1974A.

_____. Fauna da fronteira Brasil-Uruguai: Lista dos anfíbios dos Departamentos de Artigas, Rivera e Cerro Largo. *Iheringia*, Série Zoologia, Porto Alegre, n. 45, p. 34-49. 1974.

_____. Sobre a ocorrência de *Hyla berthae* Barrio, 1962 no Estado do Rio Grande do Sul, Brasil (Anura, Hylidae). *Iheringia*, Série Zoologia, Porto Alegre, n. 46, p. 19-24. 1975.

_____. Contribuição ao estudo da fauna anfibiológica da Região Metropolitana (Grande Porto Alegre), Rio Grande do Sul, Brasil. *Comunicações do Museu de Ciências da PUCRS*, Série Zoologia, Porto Alegre, n. 10/11, p. 1-16. 1976A.

_____. Primeira ocorrência do gênero *Crossodactylus* Duméril & Bibron, 1841 no Estado do Rio Grande do Sul, Brasil, registrada através do encontro de *Crossodactylus dispar* Lutz, 1925. *Comunicações do Museu de Ciências da PUCRS*, Série Zoologia, Porto Alegre, n. 10/11, p. 17-24. 1976B.

_____. Nova espécie de *Hyla* do Estado do Rio Grande do Sul, Brasil (Anura, Hylidae). *Revista Brasileira de Biologia*, Rio de Janeiro, v. 37, n. 4, p. 853-857. 1977A.

_____. Nova espécie de *Physalaemus* do Estado do Rio Grande do Sul, Brasil (Anura, Leptodactylidae). *Revista Brasileira de Biologia*, Rio de Janeiro, v. 37, n. 4, p. 867-871. 1977B.

_____. Sobre a ocorrência de *Leptodactylus geminus* Barrio, 1973 no Estado do Rio Grande do Sul, Brasil (Anura, Leptodactylidae). *Iheringia*, Série Zoologia, Porto Alegre, n. 54, p. 3-6. 1979A.

_____. Nova espécie de *Melanophryniscus* Gallardo, 1961 do Estado do Rio Grande do Sul, Brasil (Anura, Bufonidae). *Iheringia*, Série Zoologia, Porto Alegre, n. 54, p. 7-16. 1979B.

_____. Presença de *Dendrophryniscus brevipollicatus* Espada, 1870 no Estado do Rio Grande do Sul, Brasil (Anura, Bufonidae). *Iheringia*, Série Zoologia, Porto Alegre, n. 54, p. 47-52. 1979C.

_____. Lista prévia dos anfíbios do Estado do Rio Grande do Sul, Brasil. *Iheringia*, Série Zoologia, Porto Alegre, n. 56, p. 121-146. 1980.

_____. Ocorrência de *Hyla pinima* Bokermann & Sazima, 1973 no Estado do Rio Grande do Sul, Brasil (Anura, Hylidae). *Iheringia*, Série Zoologia, Porto Alegre, n. 57, p. 113-118. 1981.

_____; PINEDA, M. D. S. Observações sobre o comportamento alimentar de *Ceratophrys ornata* (Bell, 1843) em cativeiro. *Revista Brasileira de Biologia*, Rio de Janeiro, v. 40, n. 2, p. 401-403. 1980.

_____. Ocorrência de *Physalaemus nanus* (Boulenger, 1888) no Estado do Rio Grande do Sul, Brasil (Anura, Leptodactylidae). *Iheringia*, Série Zoologia, Porto Alegre, n. 57, p. 99-104. 1981.

CAMPBELL, J. A.; LAMAR, W. W. *The venomous Reptiles of the Western Hemisphere*. Ithaca (N.Y.) and London: Comstock-Cornell University. 2 vols. 2004.

CEI, J. M. Additional notes to "Amphibians of Argentina": An update, 1980-1986. *Monitore Zoologico Italiano, Nova Serie*, Torino, v. 21, p. 209-272. 1987.

COLOMBO, P.; VINCIPROVA, G. Distribuição espacial da anurofauna em um fragmento da Mata Atlântica Paludosa e arredores no município de Torres - RS. *In: Congresso de Ecologia do Brasil, Resumos*. Porto Alegre. 2001.

_____. O sapinho de barriga vermelha (*Melanophryniscus dorsalis*, Anura, Bufonidae), espécie ameaçada, no P. Estadual de Itapeva. *In: 2º Simpósio de Áreas Protegidas, Conservação no Âmbito do Cone Sul, Anais*, 13-15.out.2003, Univ. Católica de Pelotas, p. 64-67. 2003.

COPE, E. D. Twelf contribution to the herpetology of tropical America. RGS. *Proceedings of American Philosophy Society*, Washington, v. 22, p. 167-194. 1885.

DOCCA-PACHECO, M. F. S. Divisão regional do Rio Grande do Sul. *Boletim Geográfico do IBGE*, Porto Alegre, v. 4, p. 1-10. 1956.

DUELLMAN, W. E. Liste der rezenten amphibian and reptilian. Hylidae, Centrolenidae, Pseudidae. *Der Tierreich* 95: 1-xix+1-225. 1977.

_____. The South American herpetofauna: A panoramic view. Pp. 1-28. *In* Duellman, W. E. (ed.) – The South American Herpetofauna; its Origin, Evolution, and Dispersal. *Lawrence: University of Kansas, Museum of Natural History*. (Monographs, n. 7) 1979.

ESCOBAR, A.; MANEYRO, R.; DI-BERNARDO, M. Rediscovery of *Melanophryniscus macrogranulosus* (Anura, Bufonidae), na endangered species of Amphibia from the State of Rio Grande do Sul, Brazil. *Biociências*, Porto Alegre, v. 21, n. 1, p. 57-58. 2004.

ETEROVICK, P. C.; SAZIMA, I. *Anfibios da Serra do Cipó, Minas Gerais – Brasil [Amphibians from the Serra do Cipó]*. Belo Horizonte: Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. 2004.

FAIVOVICH, J.; HADDAD, C. F. B.; GARCIA, P. C. A.; FROST, D. R.; CAMPBELL, J. A.; WHEELER, W. C. Systematic review of the frog family Hylidae, with special reference to Hylinae: Phylogenetic analysis and taxonomic revision. *Bulletin of American Museum of Natural History*, New York, n. 294, p. 1-240. 2005.

FORD, L. S.; CANNATELLA, D. S. The major clades of frogs. *Herpetological Monographs*, v. 7, p. 94-117. 1993.

FROST, D. R. **Amphibian Species of the World an online reference. Version 5.1 (9 October 2007)**. Electronic

Database. New York: American Museum of Natural History. 2007. [<http://research.amnh.org/herpetology/amphibian/index.php>]

FROST, D. R.; GRANT, T.; et.al.. The Amphibian tree of life. *Bulletin of the American Museum of Natural History*, New York, n. 297, p. 1-370. 2006.

GARCIA, P. C. A. *Recapiterização de Scythrophrys sawayae (Cochran, 1953) baseada em morfologia, osteologia e aspectos da miologia e história natural (Amphibia, Anura, Leptodactylidae)*.

Dissertação de Mestrado, PUCRS, Porto Alegre. 1996.

_____.; VINCIPROVA, G. Range extensions of some anuran species for Santa Catarina and Rio Grande do Sul States, Brazil. *Herpetological Review*, v. 29, p. 117-118. 1998.

_____. Anfíbios. Pp. 147-164. In: Fontana, C. S.; Bencke, G. A. & Reis, R. E. (eds.) – *Livro Vermelho da Fauna Ameaçada de Extinção no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, EDIPUCRS. 632p., 188 figs. 2003.

GAYER, S. M. P.; KRAUSE, L.; GOMES, N. Lista preliminar dos anfíbios da Estação Ecológica do Taim, Rio Grande do Sul, Brasil. *Revista Brasileira de Zoologia*, Curitiba, v. 5, p. 419-425. 1988.

HENSEL, R. Beiträge zur Kenntnis der Wirbelthiere Südbrasilien. *Wiegmann's Archiv für Naturgeschichte*, Berlin, v. 33, n. ½, p. 120-162. 1867.

HEYER, W. R. Variation, systematics, and zoogeography of *Eleutherodactylus guentheri* and closely related species (Amphibia: Anura: Leptodactylidae). *Smithsonian Contributions to Zoology* 402: 1-42. 1984.

<http://www.mec.gub.uy/natura/color.htm>. *Coloración dorsal y ventral de las especies uruguayas de Melanophryniscus*. Montevideo. 8 pp. [11:02, 11:59, 12:07a-b, 13:44, 13:58, 14:27a-b]. 30/09/2002. 2002.

IHERING, R. von. Os anfíbios do Brazil. *Revista do Museu Paulista*, São Paulo, v. 8, p. 89-111. 1911.

KLAPPENBACH, M. A. Notas herpetológicas. V. *Comunicaciones Zoológicas del Museo de Historia Natural de Montevideo* (150): 1-23. 1985.

_____.; LANGONE, J. A. Lista sistemática y sinonímica de los anfibios del Uruguay con comentarios y notas sobre su distribución. *Anales del Museo de Historia Natural de Montevideo*, Ser. 2, 8: 163-222. 1992.

KWET, A. Erstnachweiss von *Hyla microps*, *Phrynohyas imitatrix* und der Gattung *Adenomera* für Rio Grande do Sul (Südbrasilien). *Herpetofauna*, v. 19, n. 11, p. 19-22. 1997A.

_____. Pró-Mata, ein Forschungsprojekt im südbrasilianischen Araukarienwald und seine Laubfroschfauna. *Elaphe (NF)*, v. 5, n. 4, p. 61-69. 1997B.

_____. Geographical distribution. *Phrynohyas imitatrix*. *Herpetological Review*, v. 29, n. 1, p. 49. 1998A.

_____. Geographical distribution. *Adenomera cf. marmorata*. *Herpetological Review*, v. 29, n. 1, p. 48. 1998B.

_____. Geographical distribution. *Hyla microps*. *Herpetological Review*, v. 29, n. 1, p. 49. 1998C.

_____. O ferreiro – der Schmied. Biologie eines bemerkenswerten Laubfrosches. *Reptilia*, v. 3, n. 14, p. 62-67. 1998D.

_____. Pfeilfrösche und andere Anuren im Araukarienwaldschutzgebiet Pró-Mata. *Elaphe*, NF, v. 7, n. 1, p. 92-100. 1999A.

_____. Biologie von *Phyllomedusa iheringii* und Bemerkungen zu dieser Gattung in Rio Grande do Sul, Südbrasilien (Anura: Hylidae: Phyllomedusinae). *Salamandra*, v. 35, n. 1, p. 19-36. 1999B.

_____. The genus *Pseudis* (Anura: Pseudidae) in Rio Grande do Sul, southern Brazil, with description of a new species. *Amphibia-Reptilia*, v.21, n. 1, p. 39-55. 2000A.

_____. Diversität und Zoogeographie der Froschlurche im Araukarienhochland von Rio Grande do Sul, Süd-brasiliens. *Datz*, v. 53, n. 8, p. 8-15. 2000B.

_____. *Frösche im Brasilianischen Araukarienwald*. Esslingen a. N., edição do autor. 192p. (Doktor Dissertation). 2001A.

_____. Südbrasilianische Laubfrösche der Gattung *Scinax* mit Bemerkungen zum Geschlecht des Gattungsnamens und zum taxonomischen Status von *Hyla granulata* Peters, 1871. *Salamandra*, v. 37, n. 4, p. 211-238. 2001B.

_____; DI-BERNANRDO, M. *Elachistocleis erythrogaster*, a new- microhylid species from Rio Grande do Sul, Brazil. *Studies on Neotropical Fauna and Environment*, Lissen, v. 33, n. 1, p. 5-16. 1998.

_____; _____ *Anfíbios. Amphibien. Amphibians*. Porto Alegre, Tübingen and Universität Tübingen. 107 pp. 1999.

_____; _____; GARCIA, P. C. A. The taxonomic status of *Leptodactylus geminus* Barrio, 1973 (Anura: Leptodactylidae). *Journal of Herpetology*, v. 35, n. 1, p. 56-62. 2001A.

_____; _____; _____; 2001B.

KWET, A.; FAIVOVICH, J. *Proceratophrys bigibbosa* species group (Anura: Leptodactylidae), with description of a new species. *Copeia*, v. 2001, p. 203-215. 2001.

_____; MIRANDA, T. Zur biologie und taxonomie der schwarzkroete *Melanophryniscus atroluteus* (Miranda-Riberio, 1920). *Herpetofauna*, v. 23, n. 134, p. 19-27. 2001.

LEMA, T. *Estudo monográfico de Elapomorphus lemniscatus Duméril, Bibron & Duméril, 1854*, com a análise de sua variação geográfica (Ophidia: Colubridae). Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. ix+373p. 1977.

_____. Lista comentada dos répteis ocorrentes no Rio Grande do Sul, Brasil. *Comunicações do Museu de Ciências e Tecnologia da PUCRS*, Série Zoologia, Porto Alegre, v. 7, p. 41-150. 1994.

_____; BRAUN, P. C. Contribuição à herpetologia da Argentina e do Rio Grande do Sul, Brasil, por William Wright Milstead (Amphibia, Reptilia). *Revista Brasileira de Zoologia*, Curitiba, v. 10, n. 2, p. 261-287. 1993.

LUTZ, B. *Brazilian Species of Hyla*. Arlington, University of Texas. i-xix+1-265 pp. 1973.

MILSTEAD, W. W. Frogs of the genus *Physalaemus* in southern Brazil with the description of a new species. *Copeia*, v. 1960, p. 83-89. 1960.

MÜLLER, P. The dispersal centres in terrestrial vertebrates in the Neotropical realm: A study in the evolution of the Neotropical biota and its native landscapes. *Biogeographica*, The Hague, v. 2, p. 1-244. 1973.

NAPOLI, M. F. *Taxonomia, Variação Morfológica e Distribuição Geográfica das Espécies do Grupo de Hyla circumdata (Cope, 1870) (Amphibia, Anura, Hylidae)*. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. xii+208 pp. 2001.

_____. A new species allied to *Hyla circumdata* (Anura: Hylidae) from Serra da Mantiqueira, southeastern Brazil. *Herpetologica*, v. 61, n. 1, p. 63-69. 2005.

POUGH, F. H.; ANDREWS, R. M.; CADLE, J. F.; CRUMP, M. L.; SAVITZKY, A. H.; WELLS, K. *Herpetology*. 3. ed. Upper Saddle River (N.J.): Pearson Education Ltd. ix+726p. 2003.

TAYLOR, E. H. *The Caecilians of the World*. Lawrence: University of Kansas Press. 1968.

ÍNDICE REMISSIVO

- Adenomera, 93, 104,
 Adenomeridae, 92
 Amphibia Linnaeus, 20
 Anura Merrem, 26
 Anuri Fischer von, 26
 Anuria Rafinesque, 26
 Aplastodiscus, 32, 33
 Apoda Opperl, 21, 22
 Atelopus atro-luteus, 152
 Atelopus pachyrhynchus, 158
 Atelopus tumifrons, 161
 Batrachii Latreille, 20
 Batrachyichthys, 59
 Batracii Opperl, 20
 Bokermannohyla, 32, 34
 Brachycephalidae, 26, 28
 Brachycephalina, 28
 Bradymedusa, 85
 Bufo abei, 163
 Bufo achavali, 164
 Bufo arenarius, 165
 Bufo arenarum, 165
 Bufo bimaculatus, 169
 Bufo crucifer henseli, 168
 Bufo crucifer inornatus, 172
 Bufo crucifer mayi, 176
 Bufo crucifer roseanus, 172
 Bufo d'orbigny, 166
 Bufo dorbigny, 166
 Bufo dorsalis, 172
 Bufo fernandezae, 167
 Bufo fuliginosus, 169
 Bufo gracilis, 172
 Bufo granulatus d'orbigny, 166
 Bufo granulatus dorbigny, 166
 Bufo granulatus fernandezae, 167
 Bufo henseli, 168
 Bufo ictericus, 169, 170
 Bufo marinus ictericus, 169
 Bufo marinus paracnemis, 174
 Bufo missionum, 169
 Bufo orbigny, 166
 Bufo ornatus, 172
 Bufo paracnemis, 16, 174
 Bufo schneideri, 174
 Bufo spixii, 172
 Bufonidae, 27, 147, 186, 187
 Bufonina, 147
 Caecilia annulata, 23
 Caecilia interrupta, 23
 Caeciliidae Gray, 21
 Calamita fasciatus, 43
 Calamobates, 144
 Cavicola, 81,93
 Cecilinina Rafinesque, 21, 22
 Centrolenella uranoscopa, 91
 Centrolenidae, 26, 89, 188
 Centroleninae, 89
 Ceratophrydes Tschudi, 133
 Ceratophrydidae, 133
 Ceratophryidae, 133
 Ceratophryinae, 133
 Ceratophrynidae, 27, 133
 Ceratophryninae, 133
 Ceratophrys, 16, 133, 134, 135, 136,
 137, 140,141, 186, 187, 191
 Chaunus, 14, 161, 163, 164, 165, 166,
 168, 170, 172, 174
 Chianopelas, 130
 Chilophryne d'orbigny, 193
 Chthonerpeton, 25, 26
 Chthonerpeton indistinctum, 25
 Cochranella uranoscopa, 91
 Craspedoglossa, 138
 Crossodactylus, 16, 143, 145, 144, 146
 Cycloramphidae, 27, 136, 145
 Cycloramphina, 137
 Cycloramphinae, 137
 Cycloramphus, 136, 137, 138

- Cyclorhamphus, 137, 138
 Cyclorhampina, 143
 Cystignathi, 92
 Cystignathidae, 92
 Cystignathus, 93, 99, 100, 101, 106, 108, 111, 112, 131, 146
 Cystignathus labyrinthicus, 101
 Dendrophryniscus, 147, 148, 149, 156, 161, 187
 Dendropsophus, 32, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 59
 Dermophis brasiliensis, 22
 Dermophis crassus, 23
 Elachistocleis, 176, 177, 178, 179, 191
 Elesia, 144
 Eleutherodactylus, 28, 29, 30, 189
 Elosia, 144, 145
 Elosiidae, 137
 Elosiinae, 137
 Elosiini, 137
 Engystoma, 176, 178
 Engystomops, 114
 Enydrobius, 144
 Eupemphix, 114, 127
 Garbeana, 62
 Gastrophrynae, 175
 Gastrophryne microps, 178
 Gnathophyses, 93
 Gomphobates, 114, 117, 118
 Grypiscina, 137
 Grypscina, 136
 Gymnophia Rafinesque, 21
 Gymnophidia Muller, 21
 Gymnophiona Müller, 21
 Hyalinobatrachium, 89, 90, 91, 92
 Hyla, 13, 16, 34, 35, 36, 37, 39, 40, 42, 44, 46, 48, 49, 52, 53, 54, 62, 63, 66, 67, 68, 69, 72, 73, 74, 76, 79, 81, 83, 85, 91, 144, 175, 186, 187, 190, 191, 192,
 Hyla microps, 35, 190
 Hylaedactyli, 175
 Hylidae, 6, 26, 31, 186, 187, 188, 190, 192
 Hylinae, 31, 188
 Hylodes, 28, 88, 144, 146
 Hylodes orientalis, 88
 Hylodina, 137, 143
 Hylodinae, 137, 143
 Hylopsis, 79
 Hyperoodon, 138
 Hypsiboas, 13, 32, 40, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57
 Iliobates, 114
 Leiuperina, 92
 Leiuperus, 130
 Leptodactylidae, 27, 92, 187, 189, 191
 Leptodactylinae, 92
 Leptodactylus, 16, 93, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 114, 187, 191
 Lihyperus, 130
 Limnocharis, 143
 Limnomedusa, 93, 112, 113
 Lithobates, 180, 181, 182
 Litopleura, 112
 Liuperus, 114, 117, 132
 Luetkenotyphlops brasiliensis, 22
 Luetkenotyphlus Taylor, 22
 Lysapsus, 32, 57, 58, 61
 Lystris, 130
 Melanophryniscus, 16, 147, 148, 149, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 185, 186, 187, 188, 189, 191
 Micrhyllidae, 175
 Microps, 35, 36, 178, 179, 190
 Nattereria lateristriga, 128, 129
 Odontophrynus, 137, 138, 139
 Ololygon, 62
 Ololygon, 62, 63, 66, 67, 69, 72, 73, 74
 Oxyrhynchus, 161
 Pachypus, 93, 108
 Paludicola, 114, 117, 118, 121, 122, 123, 125, 129, 131, 132
 Paludicolidae, 92
 Paludicolina, 92

- Parvulus, 93
 Phrynidium olfersii, 129
 Phryniscus olfersii, 128
 Phrynocerus, 133
 Phrynohyas, 81, 83, 190
 Phrynoidis d'orbignyi, 166
 Phyllobates glandulosus, 129
 Phyllomedusa, 85, 86, 87, 88, 89, 190
 Phyllomedusidae, 84
 Phyllomedusinae, 31, 84, 190
 Phyllonedusa, 86
 Physalaemus, 16, 93, 114, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 187, 191, 195
 Physalaemus, 114, 118
 Pithecopinae, 84
 Pithecopus, 85, 86, 88
 Plectromantidae, 92
 Plectromantis, 93
 Pleurodema, 16, 93, 117, 130, 131
 Pleurodema biligonigera, 117
 Proceratophrys, 16, 137, 140, 141, 142, 186, 191
 Pseudes, 59
 Pseudidae, 31, 188, 190
 Pseudinae, 31
 Pseudis, 32, 35, 59, 60, 61, 62, 190
 Pseudopaludicola, 93, 132
 Pseudopaludicolinae, 92
 Pysalaemus, 118
 Pyxicephalus americanus, 139
 Rana, 29, 35, 42, 59, 81, 85, 93, 99, 101, 105, 107, 108, 112, 133, 146, 176, 178, 181
 Rana binotata, 29
 Rana virginica, 99
 Ranaria, 180
 Ranaridia Rafinesque, 180
 Ranarinia, 180
 Ranidae, 27, 180
 Ranoidea, 180
 Rhinella, 13, 147, 161, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175
 Rhinodermatidae, 136
 Salientia Laurent, 20
 Scinacodes, 144
 Scinax, 6, 32, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 184, 190
 Scytopsis, 81
 Siphonops, 22, 23, 24, 25
 Siphonops brasiliensis, 22
 Siphonops brasiliensis, 22
 Siphonops confusionis, 22
 Sphaenorhynchus, 79
 Sphaenorhynchus, 32, 79, 80
 Sphoenohyla, 39, 79
 Sphoenohyla nana, 39
 Sphoenorhynchus, 79
 Stenocephalus, 176, 178
 Stombus, 133
 Synapturanus microps, 179
 Tarsopterus, 143
 Tetapron, 81
 Thoropa, 136, 145, 146
 Thoropidae, 27, 136, 145
 Trachycephalus, 32, 81, 82, 83, 84
 Trigonophrys, 133, 134
 Typhlonectidae, 24
 Typhlonectinae, 21, 24
 Uperodon ornatum, 134

